

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – PRODUÇÃO EDITORIAL

Andressa Gabriela Santos Silva

**A CONSTRUÇÃO DE PERSONAGENS COM DEFICIÊNCIA EM  
FILMES, SÉRIES E TELENÓVELAS: UM RECORTE PRELIMINAR  
MULTIDIMENSIONAL**

Santa Maria, RS  
2022

Andressa Gabriela Santos Silva

**A CONSTRUÇÃO DE PERSONAGENS COM DEFICIÊNCIA EM FILMES, SÉRIES  
E TELENÓVELAS: UM RECORTE PRELIMINAR MULTIDIMENSIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social – Produção Editorial, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS), como requisito para a obtenção do título de **Bacharel em Comunicação Social**.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Marques Gomes  
Coorientadora: Daniela Francescutti Martins Hott

Santa Maria, RS  
2022

**Andressa Gabriela Santos Silva**

**A CONSTRUÇÃO DE PERSONAGENS COM DEFICIÊNCIA EM FILMES, SÉRIES  
E TELENÓVELAS: UM RECORTE PRELIMINAR MULTIDIMENSIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social – Produção Editorial, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS), como requisito para a obtenção do título de **Bacharel em Comunicação Social**.

Aprovada em 20 de maio de 2022

---

**Cristina Marques Gomes (UFSM)**  
**(Presidente/Orientadora)**

---

**Daniela Francescutti Martins Hott**  
**(Coorientadora)**

---

**Aline Roes Dalmolin (UFSM)**

---

**Cláudia Regina Ziliotto Bomfá (UFSM)**

Santa Maria, RS  
2022

## RESUMO

### **A CONSTRUÇÃO DE PERSONAGENS COM DEFICIÊNCIA EM FILMES, SÉRIES E TELENÓVELAS: UM RECORTE PRELIMINAR MULTIDIMENSIONAL**

AUTORA: Andressa Gabriela Santos Silva  
ORIENTADORA: Cristina Marques Gomes

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem por objetivo, analisar características e tendências observadas na construção de personagens com deficiências e de suas narrativas em filmes, séries e novelas, lançadas no período de 2009 a 2020. Tal análise ocorre de duas maneiras diferentes, a primeira, por meio de um estudo crítico de obras nacionais e internacionais, realizada através do ponto de vista de uma pessoa com deficiência e, a segunda, através de um questionário online, cujo objetivo é contemplar diferentes percepções do público acerca do tema abordado.

**Palavras-chave:** Personagens com deficiência. Representatividade em obras audiovisuais. Opinião pública.

## ABSTRACT

### **A CONSTRUÇÃO DE PERSONAGENS COM DEFICIÊNCIA EM FILMES, SÉRIES E TELENOVELAS: UM RECORTE PRELIMINAR MULTIDIMENSIONAL**

AUTHOR: Andressa Gabriela Santos Silva

ADVISOR: Cristina Marques Gomes

This final paper aims to analyze characteristics and tendencies observed in the construction of characters with disabilities and their narratives in movies, series and soap operas, released in the period from 2009 to 2020. This analysis occurs in two different ways, the first one, through a critical study of national and international productions, carried out through the point of view of a person with a disability and, the second one, through an online questionnaire, which aims to contemplate different perceptions of the public about the topic addressed.

**Keywords:** Disabled Characters. Representativeness in audiovisual works. Public opinion.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
1.1	TEMA.....	7
1.2	PROBLEMA DE PESQUISA.....	8
1.3	OBJETIVOS.....	8
<b>1.3.1</b>	<b>Objetivo geral.....</b>	<b>9</b>
<b>1.3.2</b>	<b>Objetivos específicos.....</b>	<b>9</b>
1.4	JUSTIFICATIVA.....	9
1.5	CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS.....	11
<b>2</b>	<b>A PESSOA COM DEFICIÊNCIA E AS OBRAS AUDIOVISUAIS: alguns apontamentos teóricos.....</b>	<b>6</b>
2.1	TENDÊNCIAS NARRATIVAS ENTRE O SÉCULO XIX E A CONTEMPORANEIDADE.....	13
<b>2.1.1</b>	<b>Estereótipos atribuídos a personagens com deficiência e suas problemáticas.....</b>	<b>15</b>
<b>2.1.2</b>	<b>A pessoa com deficiência e a ideia de salvação pelo “amor verdadeiro”.....</b>	<b>17</b>
2.2	VILANIA, PUNIÇÃO E SANTIDADE: os extremos presentes na imagem de pessoas com deficiência na mídia e na vida real.....	19
<b>2.2.1</b>	<b>A deficiência como vilania ou forma de punição.....</b>	<b>19</b>
<b>2.2.2</b>	<b>A deficiência como super-heroísmo.....</b>	<b>22</b>
2.3	O IMPACTO DE UMA ATRIZ COM DEFICIÊNCIA E UM ARCO NARRATIVO REALISTA.....	24
2.4	A REPRESENTAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA NO AUDIOVISUAL BRASILEIRO.....	27
<b>3</b>	<b>A CONSTRUÇÃO DE PERSONAGENS COM DEFICIÊNCIA E SUAS NARRATIVAS NAS PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS: resultados.....</b>	<b>29</b>
3.1	ANÁLISE POR OBRAS.....	29
<b>3.1.1</b>	<b>Séries.....</b>	<b>31</b>
3.1.1.1	<i>Homens?</i> e a relação entre sexualidade, masculinidade tóxica e paraplegia.....	31
3.1.1.2	<i>Special</i> - Sobre ser especial e outras mentiras.....	35

3.1.1.3 <i>Crisálida</i> e ser surdo em um mundo feito para ouvintes.....	41
<b>3.1.2 Filmes.....</b>	<b>46</b>
3.1.2.1 <i>Milagre na cela 7</i> e a humanidade não cognitiva.....	46
3.1.2.2 <i>Hoje eu quero voltar sozinho</i> e um olhar mais afável sobre a adolescência e suas descobertas.....	49
3.1.2.3 <i>Hamill</i> e a força de ignorar a natureza e construir um caminho para si mesmo.....	51
<b>3.1.3 Telenovelas.....</b>	<b>55</b>
3.1.3.1 <i>Malhação - Conectados</i> e uma adolescência que se esforça para surfar num mar raso demais.....	55
3.1.3.2 <i>Império</i> - Um frenético e desastroso olhar para a mente humana que nem toda a subjetividade da arte é capaz de salvar.....	62
3.1.3.3 <i>Viver a vida</i> e a tetraplegia como circunstância e não limitação.....	70
3.2 APONTAMENTOS GERAIS ACERCA DAS OBRAS ANALISADAS.....	78
3.3 PERCEPÇÕES DO PÚBLICO.....	79
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>98</b>

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

### **APÊNDICE A - DEPOIMENTOS COLHIDOS AO FINAL DO QUESTIONÁRIO**

### **APÊNDICE B - RECOMENDAÇÕES DE OBRAS AUDIOVISUAIS COM PROFISSIONAIS PCDS**

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 TEMA

Originário das expressões em latim *audire* e *videre*, ou seja, “ver” e “ouvir”, o termo “audiovisual” refere-se a todo e qualquer meio de comunicação que una as linguagens visual, sonora e, comumente, verbal e, assim, apresente mídias a serem consumidas visual e auditivamente, a exemplo do cinema, da televisão e das mais diversas plataformas virtuais que exibem tais elementos em conjunto.

O audiovisual é uma das formas de arte de maior influência sobre seu público, tem o poder de transformar anônimos em celebridades em poucas horas e de contar, para o mundo todo, histórias até então desconhecidas. Desta forma, carrega consigo, não apenas um grande poder, mas, também, uma grande responsabilidade. Uma produção audiovisual pode ter diversas essências e funções, desde o puro e simples entretenimento, gerado através de histórias criadas para fazer rir em tempos difíceis ou apenas para passar o tempo, até a propagação de ideias e conscientização.

A televisão, o cinema e, mais recentemente, a internet são instrumentos muito poderosos no que diz respeito a educar a população sobre temas necessários e, portanto, representam ferramentas de grande impacto social, pelos conteúdos que transmitem e pela influência que exercem na população. Basta pensarmos em como é comum vermos pessoas saindo dos cinemas emocionadas, com lágrimas nos olhos, provocadas por histórias, muitas vezes fictícias. Estes casos são um bom exemplo do quão grande é o poder dessas produções sobre seus públicos e o quanto as mesmas podem influenciá-los, seja a criar uma imagem ou a fazer deduções a respeito de certos temas e pessoas, com base, exclusivamente, naquela imagem retratada em uma tela, sem se questionar se a mesma é verdadeira ou não.

Considerando, então, o poder que uma produção audiovisual tem de influenciar ou mesmo moldar a visão do público sobre as mais diversas questões, o presente trabalho busca realizar um estudo acerca da representação de pessoas



com deficiência (PcDs)<sup>1</sup>, sejam elas de natureza visual, auditiva, física, intelectual ou múltipla, através da construção de personagens PcDs e seus arcos narrativos em produções audiovisuais dos formatos: filmes, séries e telenovelas, veiculadas no cinema, na televisão e nas plataformas de *Streaming*<sup>2</sup> mundiais, de forma a compreender como esta tem se modificado e se, atualmente, é realizada de forma legítima e respeitosa, bem como a importância que carrega e os efeitos que causa em seus telespectadores, tanto os que não apresentam quaisquer deficiências, quanto os que de fato convivem diariamente com as mesmas.

O estudo baseia-se em análises de pesquisas realizadas por profissionais da área, a exemplo de Suplino (2010), Albuquerque (2008) e Amaral & Monteiro (2016), bem como de obras audiovisuais produzidas em diferentes épocas e contextos, de forma a identificar possíveis evoluções narrativas. Como pesquisa empírica, foi realizado, também, um questionário, aplicado a um público formado por pessoas com e sem deficiências a respeito de suas experiências pessoais de consumo de obras audiovisuais e de suas visões sobre a construção de personagens PcDs. Para a produção das questões, foram utilizados estudos de diversas autorias, bem como impressões que surgiram durante as análises das obras a serem apresentados ao longo do estudo.

## 1.2 PROBLEMAS DE PESQUISA

As pesquisas realizadas para a construção deste trabalho norteiam-se a partir das seguintes questões: Como as pessoas com deficiência vêm sendo representadas nas produções audiovisuais, tais quais telenovelas, filmes e séries, ao longo da última década? A forma como tais pessoas são representadas tem se modificado com o passar dos anos? As pessoas com deficiência sentem que a forma como são representadas é leal às suas realidades?

---

<sup>1</sup> Sigla para se referir às pessoas com deficiência, definido pela Convenção das Nações Unidas. Segundo o artigo 2 da Lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015, pessoa com deficiência é aquela que apresenta impedimento de longo prazo, seja de natureza física, sensorial, intelectual, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode impedir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. (Brasil, 2015)

<sup>2</sup> Plataformas de transmissão instantânea de áudios e vídeos através da internet, sem a necessidade de baixar os arquivos. Exemplos: *Netflix* e *Spotify*.

## 1.3 OBJETIVOS

### 1.3.1 Objetivo geral

Pretende-se desenvolver uma pesquisa, a fim de compreender como as pessoas com as mais diversas deficiências vêm sendo retratadas em produções audiovisuais nos formatos de filmes, séries e telenovelas durante a última década.

### 1.3.2 Objetivos específicos

1. Identificar, através da construção de personagens, como a representação das pessoas com deficiência vem sendo realizada pelas produções audiovisuais (filmes, séries e telenovelas) nos mais diversos formatos e gêneros;

2. Analisar como esta representação tem se modificado com o passar do tempo;

3. Compreender, através de um questionário online, o ponto de vista do público consumidor acerca de como a representação de pessoas com deficiência é realizada atualmente pelas produções audiovisuais.

## 1.4 JUSTIFICATIVA

O Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>3</sup> realizado em 2010, indicou que as pessoas com algum tipo de deficiência representavam 23,9%, sendo que, destas, apenas 28,3%<sup>4</sup> estavam incluídas no mercado de trabalho, muitas vezes ocupando vagas reservadas, especificamente, para PcDs. Entretanto, não é apenas no mundo real que essas pessoas são invisibilizadas e, frequentemente, só conseguem preencher vagas se estas forem criadas como cotas, na ficção acontece algo muito similar.

---

<sup>3</sup> Instituto público brasileiro, criado em 1934, que atua como o principal provedor de dados e informações do país. Uma das contribuições do IBGE para o país é o Censo, pesquisa realizada a cada 10 anos, cuja finalidade é delinear o perfil socioeconômico do Brasil. O último Censo deveria ter sido realizado em 2020, porém, foi adiado por conta da pandemia do coronavírus, este ano, porém, a pesquisa foi inviabilizada novamente devido ao corte de recursos promovido pelo governo. Não foi definida ainda uma nova data para a realização da pesquisa

<sup>4</sup> Considerando PcDs em idade de trabalho.

Desde o seu advento, as produções audiovisuais, em seus mais diversos formatos (séries, filmes, novelas, entre outros), são utilizadas como forma de disseminar ideias. O avanço das tecnologias e a chegada do cinema e das produções por *streaming*, por exemplo, potencializaram ainda mais essa disseminação, fazendo com que estas ideias chegassem muito mais longe, muito mais rápido. Desta forma, ampliando a função do audiovisual para muito além da esfera do entretenimento e atribuindo a ele uma postura também social, tornando-o uma poderosa ferramenta de erudição e instrução, responsável por levar conhecimento para as pessoas e, até mesmo, por influenciar suas visões de mundo, de si mesmas e umas das outras, suas ideologias e seus preconceitos de acordo com a abordagem utilizada.

Desta maneira, a ideia de se descobrir a forma como é feita, bem como, a dimensão das influências da construção de personagens com deficiência e suas narrativas em filmes, séries e telenovelas, justifica-se pelo alcance e capacidade que tais produções têm de expressar pontos de vista e gerar reflexões e desconstruções pessoais e sociais.

Para Amaral & Monteiro (2016), o cinema tem o poder de intervir diretamente nas mais diversas relações sociais, agindo como ferramenta de disseminação de pensamentos, comportamentos e representações sociais e culturais, gerando observações e debates pertinentes às mais diversas situações da vida real.

Miranda<sup>5</sup> (2017) acredita que a baixa frequência com que se vê personagens PcDs nos mais diversos formatos e gêneros de produções audiovisuais, em especial nas nacionais, se dá por uma questão histórica de discriminação, da qual é muito difícil de se desprender. A respeito do papel da mídia nesta questão, ela afirma:

O entretenimento, a comunicação e a representação que elas causam são um importante canal para mostrar que essas pessoas são capazes, que têm valor. Quanto mais existir representatividade, quanto mais a sociedade ver, mais terá uma desconstrução de que essas pessoas são incapazes. (MIRANDA, 2017, *online*)

Francisco Djalma de Oliveira, advogado e diretor da unidade do distrito federal da Associação de Pais, Amigos, Pessoas com Deficiência, de Funcionários

---

<sup>5</sup>Amaralina Miranda, Professora e pesquisadora da Universidade de Brasília (UnB) e Doutora em Ciência da Educação pela Universidad Nacional de Educación a Distancia (UNED) da Espanha.

do Banco do Brasil e da Comunidade (APPAB)<sup>6</sup>, assim como Miranda (2017), crê na possibilidade da desconstrução de estereótipos negativos associados a PcDs através de uma abordagem correta do tema por parte de obras audiovisuais e, portanto, acredita, também, que uma abordagem incorreta do tema irá, conseqüentemente, provocar o efeito inverso, disseminando e reforçando tais estereótipos, pois, ao expor apenas uma parte da realidade das pessoas com deficiência, focando em suas dificuldades, limitações, preconceitos que sofrem e atividades que não conseguem realizar, por exemplo, está se naturalizando a ideia da exclusão destas pessoas (OLIVEIRA, 2017, *online*).

Parte-se do pressuposto, então, de que o cinema, a televisão e as plataformas de *streaming* de maneira geral adquiriram, com o tempo, uma natureza que vai muito além de um entretenimento desprezioso, são meios de propagar ideologias e realidades cada vez mais diversas e, assim, informar a sociedade quanto a questões que, apesar de relevantes, são comumente invisibilizadas.

A partir dos dados e afirmações acima descritos, o presente trabalho trará a seguir, discussões e apontamentos baseados em pesquisas próprias e de terceiros, de forma a elucidar-se a importância de se representar pessoas com deficiência de maneira dignificante, bem como as problemáticas de se usar tal tema de maneira irresponsável, como mero apetrecho narrativo.

## 1.5 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Para atingir os objetivos deste trabalho, foi realizada uma pesquisa exploratória, a partir de um estudo bibliográfico, utilizando artigos, dissertações e produções audiovisuais que tratem do tema aqui apresentado. Os artigos e dissertações foram consultados durante o período de setembro e outubro de 2021, no portal *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e no Portal de Periódicos da *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior* (CAPES)<sup>7</sup>, a partir

---

<sup>6</sup> Instituição filantrópica, de utilidade pública e sem fins lucrativos que, desde 1987 e através de atuações na área do serviço social, presta apoio e orientação a famílias de PcDs e às próprias, tendo como uma das finalidades, a garantia de seus direitos. A instituição está presente em 13 estados e no Distrito Federal

<sup>7</sup> Fundação que se dedica a desenvolver programas de apoio às universidades e a expandir e consolidar pós-graduação *stricto sensu* no país

de *login* na Rede *CAFe*<sup>8</sup>, utilizando-se as palavras-chave “pessoa com deficiência no audiovisual”, “Representatividade PcD” e “Personagens com deficiência”. Os resultados encontrados e aqui utilizados foram poucos, apenas três para cada palavra-chave, uma vez que, a maior parte de trabalhos publicados sob as mesmas, tratava do desenvolvimento dos meios de acessibilidade para que pessoas com deficiências tivessem acesso a produções audiovisuais, e não sobre personagens com deficiência. Já as produções audiovisuais utilizadas foram escolhidas de acordo com os períodos de produção e a diversidade de deficiências, as obras selecionadas foram, então, acessadas durante o período de novembro de 2021 a janeiro de 2022, através das plataformas de *streaming Netflix, Amazon Prime Video e Globoplay*, bem como, em canais no *Youtube*.

Para além da análise de artigos e obras foi, também, disponibilizado, entre agosto e setembro de 2020, um questionário *online* cujas questões objetivavam compreender de que forma a temática referida é vista pelo público. Considerando o presente tema, o questionário foi dividido em duas partes, cada uma voltada para um dos públicos aqui abordados, ou seja, pessoas com e sem deficiências, uma vez que, levando em conta que apenas uma das partes de fato convive com a temática da deficiência, deduziu-se aqui, que a presença de personagens PcDs no audiovisual e a forma como são construídas causam efeitos diferentes em cada um dos públicos.

---

<sup>8</sup> A Comunidade Acadêmica Federada, patrocinada pela Rede Nacional de Pesquisas (RNP), é um serviço que reúne diversas instituições brasileiras de pesquisa e ensino por meio da integração de suas bases de dados

## 2 A PESSOA COM DEFICIÊNCIA E AS OBRAS AUDIOVISUAIS: alguns apontamentos teóricos

### 2.1 TENDÊNCIAS NARRATIVAS ENTRE O SÉCULO XIX E A CONTEMPORANEIDADE

Em sua dissertação acerca da representação da pessoa com deficiência nas produções cinematográficas no Brasil, Albuquerque (2008) afirma que, de tempos em tempos, esta representação sofre alterações, mas que é possível notar as principais tendências narrativas de cada época, normalmente carregadas de diferentes estereótipos, e, desta forma, dividiu-as em cinco fases, são elas:

- a) A primeira fase, que abrange o final do século XIX e o início do século XX, é marcada por produções que tratavam das deficiências físicas de forma debochada. As personagens eram inspiradas em pessoas que viviam situação de rua em Nova York, estas eram vistas como “loucas” que vagavam e falavam sempre sozinhas e de formas desconexas, estavam distantes de serem consideradas “normais” e aceitáveis ou de se encaixarem nos padrões sociais com os quais as demais pessoas gostariam de ter algum tipo de proximidade;
- b) A segunda fase, que se estende até a metade do século XX, deu início aos conhecidos *freak shows*, estilos de filmes inspirados nos antigos circos dos horrores (Amaral & Monteiro 2016), nos quais as pessoas com deficiência eram representadas como verdadeiras aberrações. As deficiências físicas eram acentuadas e exageradas, com membros deformados e distorcidos, cujo objetivo era chocar, surpreender e assustar o público;
- c) A terceira fase transforma a pessoa com deficiência em uma completa lunática, são pessoas cuja deficiência traz tamanha agonia e frustração, que as transforma em vilãs em busca de vingança sobre qualquer pessoa sem deficiência. Geralmente, os (as) protagonistas destas narrativas, por serem consideradas pessoas perfeitas, despertam o ódio do vilão ou da vilã que, por conta de sua deficiência, nunca poderá ser uma pessoa “normal”;
- d) A quarta fase, que surge logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, é a que traz a maior mudança de narrativa até então. Agora, a pessoa com deficiência

é vista como um símbolo de heroísmo, entretanto, não se pode deixar enganar e crer que esta fase veio com o intuito de se redimir das anteriores e mostrar estas pessoas como iguais a qualquer outra personagem. Na realidade, esta ruptura com o olhar depreciativo que se tinha pelas pessoas com deficiência se deu, justamente, por conta do fim da guerra, momento no qual os soldados voltavam para a casa com seus membros comprometidos e, muitas vezes, decepados, como resultado de sua passagem pelos campos inimigos. Como o exército sempre foi e, para algumas nações, permanece sendo um símbolo de heroísmo, a ficção passou a representar PcDs como sendo grandiosas e honrosas para que a imagem que se tinha dos soldados, agora pessoas com deficiência, não se misturasse com a que se tinha das demais PcDs que, para muitos, continuavam sendo como pesos;

- e) Por fim, no quinto momento, que representava a época em que o estudo foi desenvolvido, a pessoa com deficiência é majoritariamente incluída em histórias do gênero “Drama”. Sua representação já não é mais feita de maneira tão pejorativa e, muitas vezes, há um cuidado e uma sensibilidade maiores ao retratar suas dificuldades, limitações e superações, entretanto, é muito comum que se reine o *capacitismo*. A pessoa com deficiência é, então, retratada como alguém frágil, ingênuo, dependente daqueles que a cercam e, principalmente, se resumindo a sua condição física. Ou seja, tudo o que ela pensa, vive e faz gira em torno de seu corpo, do que ela é ou não capaz e a sua deficiência é, quase sempre, o ponto central de todos os diálogos nos quais a personagem se inclui, esta condição “precisa” ser sempre citada e controlar absolutamente tudo na vida desta pessoa.

Para trazer sua dissertação para mais perto da nossa realidade e analisar o papel social atribuído às PcDs em cada narrativa, Albuquerque usou três filmes brasileiros produzidos em diferentes décadas e, portanto, fases, sendo eles: *Feliz ano velho* (1987), longa de drama baseado no livro autobiográfico de Marcelo Rubens Paiva, que nos conta a história de vida do protagonista antes e depois do acidente que o deixou tetraplégico. Aqui, a narrativa usa um tom bastante dramático ao demonstrar como o protagonista se recusa por muito tempo a aceitar sua nova condição; *O cego que gritava luz* (1996), que traz a história de vida de um jovem que tornou-se cego ainda na infância e o faz, segundo o autor, de uma forma positiva e

respeitosa e, por fim, *Crime delicado* (2005), que narra a história de Inês, uma modelo com uma deficiência física que, desinibida e atraente, é usada como musa para as obras de um pintor, com quem também mantém um relacionamento amoroso. Para o autor, este filme começa construindo Inês através de uma visão negativa, mas, ao longo da história, seu arco se desenvolve e evolui, de forma que ela consegue romper os rótulos que lhe vinham sendo impostos e sua história passa a ser narrada de forma mais positiva. É bom ressaltar, acerca deste último, que Lilian Taublib, a intérprete de Inês, tem, de fato, uma deficiência física.

Ao concluir a análise destas três obras, é pontuado que, à época em que a dissertação estava sendo escrita (2008), a representação da pessoa com deficiência nas produções brasileiras estava apenas começando a dar seus primeiros passos e que esperava que, com o tempo, surgissem obras mais positivas e fiéis acerca da realidade da pessoa com deficiência.

Ao estudar a análise de Albuquerque (2008) e pensar nas produções audiovisuais mais recentes que contam com personagens com deficiências, nota-se que as representações mudam, mas a deficiência continuou, por muito tempo, não sendo vista como algo normal, natural ou facilmente aceitável. Na época em que o estudo do autor foi realizado, por exemplo, ela era quase sempre um empecilho para uma vida plena e feliz, porque se difere da realidade de grande parte das pessoas que, por não considerarem a existência de outras realidades, acabavam vendo suas “bolhas sociais” como a única representação do “normal” (palavra esta que, até hoje e mesmo com tantas mudanças na forma como a deficiência é vista e retratada, ainda é muitas vezes utilizada para se referir à pessoa sem deficiência). Assim, tudo o que não era como eles, não “podia” ser normal, podia ser louco, assustador, mau, extraordinariamente admirável, ou muito frágil, mas não normal.

### **2.1.1 Estereótipos atribuídos a personagens com deficiência e suas problemáticas**

Ao analisar as relações entre comunicação e inclusão social, Suplino (2010) se utiliza da representação das pessoas com deficiência intelectual e/ou autismo nas produções *hollywoodianas* como objeto central de pesquisa, uma vez que tais



produções alcançam e detém respeito e admiração em todo o mundo, infundindo-se, inclusive, em meio a outras culturas e visões de mundo.

No total, oito obras cinematográficas produzidas ao longo dos 35 anos anteriores foram analisadas pela autora, foram elas: *Meu filho meu mundo* (1979), *Rain man* (1988), *Gilbert Grape - Aprendiz de sonhador* (1993), *Forrest Gump - O contador de histórias* (1994), *Código para o inferno* (1998), *Uma lição de amor* (2001), *Meu nome é rádio* (2003) e *Loucos de amor* (2005).

Algumas das conclusões desta análise, reforçam a comum imagem de PcDs como seres demasiadamente ingênuos, inocentes e dependentes, porém, com uma ou mais características excepcionais, quase como se tivessem que compensar a sociedade por suas deficiências de alguma forma. Ainda que algumas obras tenham tentado construir personagens que vivessem além da “bolha” da deficiência, através da análise da autora, nota-se que as mesmas permanecem tendo a sua normalidade negada, pois aquelas que não disseminavam estereótipos, eram exaltadas além da conta, possuindo características e/ou personalidades consideradas únicas, singulares e tão especiais que elevavam a pessoa com deficiência a um patamar sobrehumano.

[...] As temáticas de fundo mais recorrentes são: família, amor e amizade. Temos esboçado um imaginário no qual prevalece a pessoa com deficiência como um ser dócil e inocente [...]. Quanto a sua identidade sexual, aparecem como sujeitos cientes do seu gênero, contudo tendo poucas oportunidades de vivenciar socialmente esse papel [...]. GLAT (1995) assevera que a pessoa com deficiência tem um *script* limitado. Nos casos em que esse papel aparece um pouco mais destacado, Sam, Forrest e Donald enfrentam dificuldades para relacionarem-se com mulheres, principalmente Sam e Forrest, que empreendem um relacionamento com mulheres *normais*. No primeiro, caso fica claro como o relacionamento começou, e que em algum momento a parceira não o considerou apto para o papel de homem, provedor, marido.

Quando alcançam a possibilidade de trabalharem, são colocados em funções que primem pelo uso de suas habilidades, geralmente as relacionadas à suas deficiências. Os filmes ressaltam características/habilidades excepcionais, dando um caráter extraordinário às pessoas com deficiência representadas [...]. Algo além do normal [...]. (SUPLINO, 2010, p. 66)

Em adição à análise da autora, vale a pena pontuar que, em todos estes casos, apesar de contarem com interpretações consideradas excepcionais e fiéis por grande parte da crítica e do público, vindas de grandes nomes do cinema, tais quais

Cuba Gooding Jr., Leonardo DiCaprio e Tom Hanks, absolutamente nenhum dos filmes estudados conta com atores e/ou atrizes que realmente têm alguma deficiência. Nota-se, então, que há, não apenas uma carência quanto a representar a pessoa com deficiência de forma menos dramática e pessimista e mais natural e normalizada, mas, também, precisa-se começar a enxergar a PcD da vida real como capaz de realizações pessoais e profissionais e reservar a ela o direito de contar suas próprias histórias, afinal, será mesmo que não há *nenhum(a)* ator ou atriz cadeirante, cego(a) ou autista, por exemplo? Há a necessidade de treinar uma pessoa sem qualquer deficiência ou neurodivergência para imitar os trejeitos de alguém que já existe e, provavelmente, está, há um longo tempo, esperando uma oportunidade de mostrar seu trabalho? E quanto às personagens com deficiência, elas não podem aparecer nas narrativas de maneira despreziosa, sem que a sua deficiência seja o centro de seu arco narrativo e controle tudo o que ela faz, sente, pensa e é? Não se pode criar personagens com deficiências em qualquer narrativa de qualquer formato e gênero apenas por que estas pessoas existem?

### **2.1.2 A pessoa com deficiência e a ideia de salvação pelo “amor verdadeiro”**

Uma questão muito recorrente nas narrativas que trazem histórias de PcDs, em especial as com deficiências físicas, além de todo o drama que encobre as dificuldades e frustrações promovidas por suas condições físicas, é a da solidão. Sentimento este que, muitas vezes, não é citado pela pessoa com deficiência como uma questão, até o momento em que surge alguém de seu interesse e todos os problemas até então vividos por ela, como o preconceito, a segregação social, a falta de infraestrutura, enfim, problemas físicos e concretos e não apenas questões como autoestima e autopiedade, passam a ser pequenos demais perto da necessidade de ser aceita pela pessoa amada. Por fim, quando essa aceitação vem, a vida se torna completa, mesmo que todas as dificuldades ainda permaneçam ali.

Como afirma Oliveira (2017), é comum na dramaturgia que, quando as dificuldades vividas por PcDs não são ampliadas, elas sejam romantizadas e minimizadas, basta que a pessoa encontre o amor (e seja aceita) e todo o resto desaparece, quase sempre é um extremo ou outro.

Um exemplo claro é a novela *Insensato Coração* (2011), na qual Pedro (Eriberto Leão), ao sofrer um acidente de avião, fica paraplégico. O folhetim foi duramente criticado por diversos profissionais da saúde por conta da maneira romantizada e extremamente rápida e “fácil” com que Pedro se recuperou da lesão sem nenhuma sequela, apenas a força de vontade e dedicação em melhorar para sua amada Marina (Paola Oliveira) já foram o suficiente para que ele se curasse por completo. Em resposta, o autor Gilberto Braga disse que a paraplegia era apenas um dos vários “obstáculos” que o casal teria de enfrentar para ficar junto e que, por isso, foi abordada de maneira tão rasa. A irresponsabilidade desta narrativa e o agravante desta justificativa são imensos e apenas mostram que a deficiência ainda é, em tempos atuais, vista como um drama hiper-romantizado, um “obstáculo” que as pessoas precisam ultrapassar para, apenas então, poderem viver bem e alcançar a felicidade.

Os efeitos de uma situação como esta na audiência podem ser graves, afinal, para uma pessoa sem deficiência, o arco narrativo de Pedro e Marina pode ser uma história romântica inspiradora, sobre como uma mulher foi forte ao apoiar seu amado acima de tudo (de sua deficiência) e como o amor do casal foi ainda mais forte, ao ponto de ultrapassar a paraplegia do homem. Mas há, também, que se questionar se algum envolvido nesta produção, ou mesmo o público parou em algum momento para pensar em como uma pessoa com deficiência, uma pessoa paraplégica, viu isso? O quão romântico e inspirador deve ter sido para ela ouvir que sua condição física é um empecilho para que se viva plenamente um amor? E que todos os problemas que ela tem na vida serão suprimidos caso alguém seja capaz de amá-la?

Existem vários outros exemplos ainda a serem abordados, que retratam essa ideia de que a maior preocupação das pessoas com deficiência é encontrar alguém que as ame “apesar de tudo” e, assim, não haverá mais solidão ou problemas. Entretanto, estas produções acabam por alimentar e perpetuar este romantismo irreal e injusto sobre as vidas destas pessoas, ao invés de utilizar de seu alcance e influência para abordar e conscientizar acerca de questões que, de fato, são relevantes e necessitam urgentemente ser discutidas e modificadas. A maior necessidade de PcDs não é encontrar alguém que as ajude a enfrentar as dificuldades impostas por suas condições, mas sim, que sejam criadas e respeitadas

oportunidades e adaptações para que elas possam enfrentar tais barreiras por conta própria. A necessidade real, como analisa Castel (2000), é que a sociedade crie condições que possibilitem a produtividade e a participação em âmbito social da pessoa com deficiência, cujo corpo chama a atenção em público, mas o indivíduo é constantemente fadado à invisibilidade.

2.2 VILANIA, PUNIÇÃO E SANTIDADE: os extremos presentes na imagem de pessoas com deficiência na mídia e na vida real

### 2.2.1 A deficiência como vilania ou forma de punição

Há certas narrativas de personagens com deficiências, em especial em novelas, que têm um tom mais dramático e que, comumente, usam a deficiência como forma de castigo por todo o mal feito pelos vilões, como se a ideia de estar preso a uma nova condição de vida fosse uma punição cruel. Há também, outras histórias que atribuem alguma deficiência física muito acentuada a tais vilões, não apenas como mais uma das suas diversas características, mas como uma forma de reforçar a sua vilania, como se, quanto mais “deformado”, mais assustador e quanto mais assustador, mais cruel e vil.

Segundo Barnes & Mercer (2001), estudos realizados na Inglaterra e nos Estados Unidos indicam que a abordagem mais comum das deficiências pelas obras populares de televisão as trazem, quase sempre, como uma grande tragédia, um drama pessoal. Utilizando, muitas vezes, enredos e roteiros sensacionalistas que os transformam, ou em pessoas extremamente amarguradas e apáticas ou em pessoas rancorosas e vingativas.

Ainda acerca destes estereótipos narrativos, de acordo com Albuquerque:

Dar deficiências a personagens vilões reflete e reforça, embora de modo exagerado, três preconceitos comuns contra *deficientes*: deficiência é uma punição por maldade; pessoas com deficiência são amarguradas com o seu “destino”; pessoas com deficiência se ressentem dos não *deficientes* e iriam, se pudessem, destruí-los. (sic)  
(ALBUQUERQUE, 2008, p. 310)

Uma das novelas de maior sucesso internacional e, portanto, maior alcance e influência sobre o público, a utilizar a deficiência das formas descritas acima, foi a mexicana *Rubi*, cuja primeira versão foi ao ar em 1968, mas a mais famosa, de maior audiência e, portanto, a que será aqui analisada, teve sua estreia no México em 2004 e foi exibida no Brasil pelo canal Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) em 2005. O enredo da novela traz Rubi (Barbara Mori) como uma jovem linda e ambiciosa, que vive dividida entre encontrar o verdadeiro amor e casar-se por dinheiro.

A primeira vez que a novela aborda a temática da deficiência é através de Maribel (Jacqueline Bracamontes), uma jovem rica da qual Rubi finge ser amiga e que, após um acidente, desenvolve uma deficiência (a qual nunca chegou a ser muito abordada na trama e nem mesmo foi nomeada), que a faz usar uma tala na perna direita e andar com certa dificuldade. Ao longo da narrativa, a condição física de Maribel foi usada como razão para que as pessoas que gostavam dela a vissem como uma mulher forte e admirável e para que as que não gostavam, a vissem como uma “aleijada” coitada. O que mais se nota neste arco narrativo, é como a sua deficiência também foi constantemente usada para reforçar a ideia de pureza e fragilidade da moça, além de ser algo que lhe causava grande insegurança, principalmente com relação a um relacionamento que mantinha pela internet com um homem que não tinha conhecimento de sua deficiência, ela temia que ele a abandonasse ao descobri-la.

Heitor (Sebastián Rulli), namorado de Maribel, ao conhecê-la pessoalmente, não se incomoda com sua deficiência e passa a cuidar dela com todo carinho e atenção. Essa dedicação poderia ter sido construída de forma a mostrar que a deficiência não é um impedimento para que se tenha um relacionamento feliz e saudável, entretanto, diversas vezes, Heitor foi mostrado como um herói altruísta, capaz de ignorar a deficiência de Maribel por amor, quando, na verdade, ela é quem deveria ser retratada superando todo o preconceito e a subestimação que sofre diariamente, algo que só acontece nos episódios finais, para garantir um final feliz à personagem. “Rubi” já teve três versões e uma adaptação para longa-metragem e, a cada nova edição, nota-se tentativas de atualizar e corrigir falhas das histórias anteriores, entretanto, a imagem de Maribel como uma jovem dependente e excessivamente frágil, permanece a mesma em todas as narrativas.

Ao final da história, quando Maribel já conseguiu seu final feliz, a questão da deficiência é novamente abordada, agora em um contexto diferente, porém, de maneira igualmente questionável. Em um dos últimos capítulos, Rubi tem uma briga com Alessandro (Eduardo Santamarina), um ex-namorado e, ao tentar impedi-lo de ir embora, escorrega em uma escada e cai do segundo andar, tendo assim, que amputar uma perna. Ao se dar conta de sua nova condição, ela fica transtornada e, após deixar o hospital, desaparece, vivendo reclusa por vergonha de sua nova aparência.

Anos depois, descobre-se que Rubi (que agora deixara de lado todas as jóias, a maquiagem e os vestidos sensuais que costumava usar e adotara um sobretudo escuro que adicionava um ar ainda mais dramático e vilanesco a sua aparência) ainda se ressentia por tudo o que havia se passado. Como vingança, ela vinha preparando sua sobrinha para seduzir Alessandro, uma vez que acreditava já não ser mais capaz de despertar seu interesse, não por conta de todas as atrocidades que cometeu ao longo da novela, mas por sua nova aparência. Este desfecho é problemático em diversos níveis, pois, além de toda a ideia de que, por ter adquirido uma deficiência, Rubi já havia recebido seu castigo e pago por seus erros, há, também, o fato de que a atriz que interpretou Rubi é a mesma que deu vida à sua sedutora sobrinha e, mesmo com a caracterização, as duas personagens têm nitidamente o mesmo corpo e rosto, deixando claro que, apesar das poucas cicatrizes que restaram no rosto de Rubi e tudo de ruim que ela havia feito no passado, o maior empecilho para que ela voltasse a ter a mesma confiança e o mesmo valor para os homens que tinha antes, era a sua condição física.

Outro fato que reforça a ideia de que a deficiência foi tratada como a pior coisa que poderia acontecer a Rubi, é o de que foi gravado um final alternativo para a novela, no qual ela não insiste na briga com Alessandro (logo, não sofre o acidente e tampouco passa pela amputação), o vê se casando com Maribel e vive sozinha em um grande hotel que herdou de um falecido marido milionário. Assim, ela vive em meio a todo o luxo que sempre quis, mas completamente sozinha e esquecida. Aparentemente, viver triste e solitária para sempre, enquanto vê as pessoas que enganou sendo felizes juntas não seria punição o suficiente para Rubi, ela havia sido cruel demais, merecia um castigo maior e este veio em forma de deficiência.

Vê-se, então, em Rubi, vários dos já discutidos estereótipos atribuídos a personagens com deficiência compilados em uma única narrativa, como: a pessoa com deficiência retratada como alguém extremamente ingênuo e delicado; a deficiência retratada de maneira rasa e sendo usada como mera ferramenta para se alcançar outros objetivos narrativos; como forma de exaltar simples feitos da pessoa com deficiência como grandiosos; como punição para a vilã; como razão para frustração e motivo de vingança e, por fim, a pessoa com deficiência como alguém que se ressentido das pessoas que não têm deficiência e tenta destruí-las.

### 2.2.2 A deficiência como super-heroísmo

Em contrapartida às narrativas vilanescas discutidas acima e exaltando o extremo oposto, outra abordagem comum da pessoa com deficiência tanto na ficção quanto na realidade, é a ideia de representá-la com uma grandiosidade fora do normal, como se cada ação mínima fosse um feito admirável, mesmo a realização das atividades mais simples.

Em seu *blog Desculpa, não ouvi*, a blogueira, escritora e comunicadora Lakshmi Lobato se dedica a narrar suas experiências de vida como surda oralizada e, desde 2009, como usuária de implante coclear<sup>9</sup>, além de auxiliar na divulgação de tecnologias auditivas. Em seu texto *Pessoa com deficiência, não super-herói!*, publicado em seu *blog* em 2012, ela discute essa ideia de que a adaptação da pessoa com deficiência no mundo a sua volta é, constantemente, vista como uma forma de superação, quando, na verdade, não é nem mesmo uma questão de escolha, afinal, ou encontra-se uma forma de adaptar-se às coisas como são, ou não se vive.

Lakshmi discorre sobre como, ao indicarem ter uma vida normal, é como se as pessoas com deficiência perdessem o *status* de seres humanos e se tornassem seres iluminados, inabaláveis, pessoas realmente super poderosas e afirma que, por mais que todas essas características possam parecer positivas e elogiosas aos olhos de quem não tem uma deficiência, para uma PcD pode ser mais um motivo de desconforto e segregação e a coloca em uma posição de, por exemplo, não poder

---

<sup>9</sup> Dispositivo médico eletrônico para pessoas com perda auditiva de grau severo a profundo. Transforma sons em estímulos elétricos, enviados diretamente ao nervo auditivo, substituindo parcialmente as células danificadas da cóclea.

reclamar de nada, afinal, mesmo com uma deficiência, ela consegue ter uma vida normal:

Parece que o *povo* não percebe que essa projeção está, na verdade, nos negando o direito de continuarmos sendo humanos. Humanos no sentido de poder nos estressar com probleminhas mundanos. Só porque alguém sobreviveu a um acidente de carro, a pessoa nunca mais pode reclamar de ônibus lotado. Ou porque alguém “superou o trauma” de perder um sentido sensorial, tem obrigação de ser um poço de compreensão com as cretinices alheias.

(LOBATO, 2012, *online*)

Ainda sobre esta transição da imagem da pessoa com deficiência de um extremo (o de pessoas amarguradas ou inválidas) a outro (de figuras angelicais e heroicas), ela cita, como exemplo de experiência pessoal, uma situação em que, ao dizer a alguém que não se via e nem gostaria de ser vista como exemplo de superação ou qualquer outra coisa, ouviu como resposta o questionamento “Mas então, você criou seu *blog* para quê?”, acompanhado de um olhar muito surpreso, ao qual respondeu que, sua única pretensão, era a de conversar e compartilhar histórias de vida com pessoas que se identificavam com ela, mas como uma amiga e não como um espelho. E o principal motivo para que Lakshmi não queira ser exemplo para ninguém é justamente o fato de que ela não é mais admirável que nenhum ouvinte, por exemplo, ela deixa claro que tem diversas “falhas”, como a preguiça, o temperamento, a falta de paciência e vários outros defeitos completamente normais para qualquer pessoa, mas que, ainda assim, ela parece não ter permissão para ter, pois, constantemente ouve que está errada por simplesmente acordar se sentindo desanimada um dia ou outro, afinal, ela já “superou tanta coisa e não tem do que reclamar”. Aparentemente, se estressar, xingar, se frustrar e expressar qualquer outro sentimento negativo é totalmente aceitável para pessoas sem nenhuma deficiência, mas não para “exemplos de superação”.

Ao ler os textos de Lakshmi e considerar experiências próprias, impressão que fica, é a de que a deficiência vem para as pessoas, não como mais uma das suas características físicas ou cognitivas, mas carregando o peso de transformá-las em uma espécie de grande escolhida para cumprir uma missão na terra, de levar inspiração às outras pessoas, ensinar gratidão ou qualquer outro sentimento



semelhante. A pessoa com deficiência tem quase uma obrigação de ter grandes objetivos e aspirações, pois, se conseguiu superar as dificuldades impostas por suas condições, consegue qualquer coisa. A admiração que muitas pessoas sem deficiências demonstram pelas PcDs pode até ser algo genuíno, com boas intenções e sentimentos verdadeiros de querer vê-las prosperar, entretanto, muitas vezes ela acaba apenas reforçando todas as problemáticas pautadas no texto de Lakshmi, uma vez que, ao ter tantas características nobres e virtudes atribuídas a si, a pessoa com deficiência acaba por ter cada vez mais dificuldades em encontrar brechas para se desprender desta imagem idealizada e ter defeitos e fraquezas comuns a qualquer ser humano, resta, então, o sentimento de que deve se ater às características moldadas por sua deficiência, pois sua humanidade lhe foi negada.

Sentimentos puramente humanos mancham a imagem imaculada de símbolo de superação e exemplo de vida que costuma ser colocada sobre a pessoa com deficiência, ainda que a mesma não tenha superado nada, apenas se adaptado. De uma maneira ou de outra, a pessoa com deficiência vai continuar sendo apenas uma pessoa, se sentindo feliz em alguns momentos e frustrada em outros, grata hoje e se revoltando amanhã, seja por razões ligadas à deficiência ou não e, principalmente, não tendo a menor obrigação de aceitar ser vista de cima quando colocada por terceiros em uma posição de inferioridade ou de baixo, quando tentarem colocá-la em um pedestal e esperarem que ela haja como se, nas palavras de Lakshmi, fosse um exemplo de mentalidade *zen* que atingiu o Samadhi<sup>10</sup>.

### 2.3 O IMPACTO DE UMA ATRIZ COM DEFICIÊNCIA E UM ARCO NARRATIVO REALISTA E

O filme *Fuja* (2020), lançado pela *Netflix*, conta a história de Chloe Sherman (Kiera Allen), uma jovem de saúde frágil, que sofre com diversas doenças e se locomove em uma cadeira de rodas. Chloe é educada em casa por sua mãe Diane Sherman (Sarah Paulson), mas aguarda uma carta de admissão para a faculdade, a qual sonha em cursar presencialmente e viver tudo o que esta experiência pode

---

<sup>10</sup> "Meditação completa". Na ioga é a última etapa do sistema, quando se atinge a suspensão e compreensão da existência e a comunhão com o universo.

proporcionar, porém, Chloe logo percebe um comportamento estranho em sua mãe, que pode ir muito além de preocupação e proteção materna.

Desde o seu lançamento, o filme tem recebido diversos elogios tanto do público quanto da crítica e as razões são variadas: de fato se trata de um suspense muito bem construído, que consegue provocar no público as mesmas aflições sentidas pela protagonista; as atuações são, também, muito convincentes. Por fim, as questões mais comentadas na mídia são sobre a protagonista que, apesar de cadeirante, não é excessivamente frágil e muito menos ingênua, ela é decidida, forte e inteligente, não perde em nada para qualquer outra protagonista do gênero e o principal, sua intérprete, Kiera Allen é, também, cadeirante desde 2014, o que chamou a atenção do público de maneira muito positiva, inclusive, atraindo o interesse de mais e mais pessoas para assistir a produção e constatar que realmente não havia qualquer necessidade de escalar uma atriz sem deficiência para aquele papel. Mais do que cadeirante, Allen se mostrou uma atriz excepcional.

Entretanto, apesar de exaltada e celebrada, a presença de uma atriz PcD ocupando o lugar de protagonista em uma grande produção da maior empresa de *streaming* do mundo, também abriu discussões necessárias sobre o assunto, que revelaram dados ainda preocupantes sobre as barreiras enfrentadas por tais profissionais no ramo audiovisual. Allen, por exemplo, é apenas a segunda protagonista PcD em um filme de suspense em mais de 70 anos, sendo precedida por Susan Peters, também cadeirante, no filme *The sign of the Ram* (1948). Isso não quer dizer, porém, que neste meio tempo, não houve produções com personagens cadeirantes, houve, porém, nunca interpretadas por profissionais nesta mesma condição.

Allen, nas diversas conferências de imprensa que participou para divulgar seu filme, utilizou do espaço que conquistou para salientar como há, para jovens PcDs, uma grande importância em assistir personagens com deficiência sendo interpretados por pessoas que vivem com aquelas condições e como ela gostaria de ter tido referências de profissionais PcDs em sua infância e adolescência. Em entrevista ao *The New York Times*, ela reforçou:

Parece que será a primeira vez que muitas pessoas da minha geração verão uma cadeirante de verdade na tela, interpretando uma cadeirante. É uma grande honra. Há tão pouca representação na mídia de pessoas com deficiência, que sinto que estou representando uma comunidade inteira por causa dessa falta de visibilidade. Eu realmente espero que este filme derrube algumas barreiras e que mais pessoas com deficiência sejam escaladas para filmes importantes [...] Acredito que se esse filme tivesse sido lançado quando eu era adolescente, quando fiquei incapacitada pela primeira vez, teria feito uma grande diferença para mim. Acho que é extremamente importante que as histórias dessas pessoas sejam contadas. Esse é o objetivo do cinema – contar as histórias das pessoas que vivem neste mundo.

(Allen, 2020, *online*)

Em entrevista ao portal *We Live Entertainment*, Allen discutiu, também, a personalidade de sua personagem, afinal, além de pessoas sem deficiência interpretando PcDs de forma, quase sempre, exagerada, outra problemática comum em tais personagens é que, comumente, suas narrativas são rasas, não há muito a ser dito sobre elas além de suas deficiências e limitações. Em *Fuja* (2020), porém, a construção da protagonista não cai no erro de representá-la como alguém fraco e dependente, sua deficiência é nitidamente apenas uma das mais diversas características que qualquer pessoa pode ter e não dita a forma como a jovem vive sua vida.

A deficiência é parte da minha identidade. Minha personagem é inteligente, divertida, uma engenheira. Ela tem sonhos e é incrível. Poder interpretar alguém em uma história que não fosse apenas inspiradora ou digna de pena foi ótimo [...] É uma das melhores representações de pessoas com deficiência que eu já vi. Essa personagem não é uma vítima, ela define sua própria jornada.

(Allen, 2020, *online*)

*Fuja*(2020) é o exemplo mais recente de como a presença de profissionais PcDs no audiovisual é, não apenas necessária, mas possível, além de trazer benefícios para a qualidade final das próprias obras. Para além dos elogios feitos ao roteiro, à direção e às atuações, ao fazer uma breve busca pelo filme no *Google*, nota-se que, grande parte dos resultados, são matérias exaltando a decisão da direção de contratar uma atriz cadeirante (mesmo tendo recebido diversos vídeos de testes de atrizes sem deficiência), a atuação de Allen e a construção de sua personagem.

É nítida a preocupação da produção em fugir de estigmas sobre a deficiência, especialmente porque, por se tratar de um filme de suspense, gênero que exige que a protagonista seja colocada em diversas situações de perigo e fragilidade, seria um caminho muito mais fácil e previsível, criar cenas em que Chloe (Kiera Allen) fosse colocada em um perigo ainda maior por conta de suas limitações físicas, algo que não acontece, a jovem é vítima única e exclusivamente do perigo que sua mãe representa quando tem seus segredos descobertos.

Desta forma, já se tem uma grande comprovação de que é possível construir personagens com deficiência fortes, independentes e com narrativas interessantes, que vão além de suas condições físicas e neurológicas, fica claro, também, que tais personagens podem ser interpretadas por profissionais que conhecem essas condições e podem contar suas histórias melhor do que qualquer outra pessoa. Resta torcer para que não seja necessário esperar mais 72 anos para conhecermos outras Susans e Kieras.

#### 2.4 A REPRESENTAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA NO AUDIOVISUAL BRASILEIRO

No Brasil, as aparições de personagens com deficiência em diferentes formatos começaram a ser vistas no filme *Feliz ano velho* (1987), já citado anteriormente, no documentário *Janela da alma* (2000), que traz depoimentos de pessoas cegas e com deficiência visual de vários níveis diferentes. Já nas novelas, tais personagens começaram a ganhar espaço a partir de 2005, como na produção *América*, que trazia os atores Marcos Frota e Bruna Marquezine interpretando pessoas cegas. Neste último caso, Jatobá (interpretado por Frota) perdeu a visão na juventude e vive uma vida relativamente normal, enquanto luta pelos direitos civis e sociais das pessoas cegas e com deficiências visuais em uma Rio de Janeiro totalmente despreparada para recebê-las, tanto em termos de estrutura pública quanto de conhecimento por parte da população. Maria Flor (Bruna Marquezine) é uma criança que perdeu a visão ainda quando bebê e, portanto, não sofreu nenhum tipo de trauma causado pela frustração da perda da visão, por exemplo. Entretanto, sua mãe, Islene (Paula Burlamaqui) nunca soube como lidar com uma criança cega

em um mundo despreparado e preconceituoso e, assim, a escondeu de tudo e todos.

O arco de Maria Flor narra sua luta por liberdade e independência dentro e fora de casa. Glória Perez, a autora de *América*, afirmou à época da novela, que seu objetivo ao escrever Jatobá e Maria Flor era “colocar o assunto em discussão e dar voz aos *deficientes*”, assim, dentro da história foi criado um programa fictício chamado “É preciso saber viver”, no qual o apresentador, interpretado por um ator cego, realizava entrevistas com pessoas que apresentavam os mais diversos tipos de deficiências físicas. As pessoas ali presentes eram, de fato, PcDs, diferentemente de Frota e Marquezine, que apenas as interpretavam.

As produções citadas acima tratam a pessoa com deficiência com muito respeito e as retratam de forma honesta, entretanto cometem o já citado erro de usarem atores e atrizes sem deficiências para estudarem e treinarem a melhor forma de agir e pensar como pessoas que já existem e sabem exatamente como é ter uma deficiência. Com exceção do documentário sobre cegueira e deficiência visual, as outras duas produções falham neste quesito. *Feliz ano velho*, por contar uma história real, tinha tudo para encontrar uma pessoa que, além de cadeirante, pudesse ter desenvolvido esta deficiência após um acidente (como na história que inspirou a produção) para interpretar o protagonista Mario, mas não o fez e *América*, apesar de ter levado PcDs reais para participações especiais na produção (acerto que deve ser reconhecido), não lhes permitiu mais do que isso, uma participação especial de cerca de dois minutos em alguns episódios de *É preciso saber viver*, programa que passava na televisão de Jatobá e Maria Flor, personagens com deficiências, que tinham muito mais narrativas e tempo de tela e que, de fato, enfrentavam as dificuldades do dia a dia, mas que eram interpretadas por pessoas que não conhecem essa realidade.

Se seus diretores e roteiristas tivessem se juntado para criar o programa *É preciso saber viver* na vida real, teriam prestado um serviço muito mais favorável à comunidade de PcDs e, tanto Jatobá quanto Maria Flor, seriam totalmente descartáveis, abrindo mais espaço para Tião (Murilo Benício) e Simone (Gabriela Duarte), protagonistas sem deficiências, para os quais a novela foi, de fato, criada. Por fim, resta o questionamento, se *Janela da alma* não fosse um documentário e,

portanto, não tivesse por obrigação a exploração e o compromisso com a verdade, então, será que as pessoas ali presentes seriam pessoas reais com deficiências reais?

### **3 A CONSTRUÇÃO DE PERSONAGENS COM DEFICIÊNCIA E SUAS NARRATIVAS NAS PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS: resultados**

#### **3.1 ANÁLISE POR OBRAS**

Mesmo que lentamente, tem-se visto um aumento de narrativas, tanto secundárias quanto centrais, sobre minorias e diversidades, tais quais, racial, de gênero e de sexualidade, por exemplo. Faz sentido, então, que as pessoas com deficiência também passem a ser normalizadas nas mesmas plataformas, entretanto, ainda assim, esta minoria permanece sendo uma das que menos se vê evoluindo em obras audiovisuais. Talvez a escassez de personagens PcDs nestas produções, que constantemente existem em narrativas sobre deficiência (ou seja, quando esta condição é vista como indispensável e não como apenas mais uma característica como qualquer outra) e a dificuldade para que produtores(as), majoritariamente sem deficiência e por vezes sem contato com qualquer pessoa com deficiência, consigam identificar como cada personagem deve e, principalmente, como *não* deve ser representada, sejam questões que expliquem esta falta de evolução e contribuam para retardar o processo de naturalização da deficiência e da pessoa com deficiência na ficção e na vida real.

No entanto, apesar de a ficção ainda repetir muitos dos clichês discriminatórios aqui discutidos, há que se salientar, também, os esforços da nova geração de profissionais audiovisuais em ouvir a, também nova, geração do público, que, cada vez mais, exige ver todo tipo de diversidade na televisão, no cinema e na internet e que estas representações sejam feitas de maneira legítima.

Para compreender tais esforços e seus frutos, realizou-se um estudo no qual foram analisadas 9 produções nos formatos de filmes, séries e novelas, sendo elas, 3 novelas, 2 séries e 1 filme de origem brasileira, de forma a trazer uma maior aproximação entre a construção de personagens com deficiências em obras

nacionais e o público de PcDs do país; 1 série e 1 filme de origem estadunidense, uma vez que as obras produzidas nos Estados Unidos estão entre as de maior alcance e prestígio no mundo e, portanto, têm um grande poder de influência sobre o público em nível global e, por fim, 1 filme de origem turca, esta última obra não foi escolhida pensando na influência das produções e/ou no público do país em si, mas sim, por ter ganhado um destaque mundial atipicamente grande, ou seja, conquistou, para a história de uma personagem com deficiência, um público maior do que as obras produzidas neste país costumam alcançar.

Os critérios utilizados para a seleção das produções foram: obras datadas de 2009 a 2020, que deveriam contar com ao menos uma pessoa com deficiência na narrativa, sendo ela(s) protagonista(s) ou não. Ainda com relação ao período das obras, foram levados em conta, inicialmente, os estudos realizados por Albuquerque (2008) e Suplino (2010), apresentados anteriormente, de forma a evitar obras da mesma época, o mesmo cuidado foi tomado para evitar a repetição de alguma obra já estudada por estas duas autorias. Assim, procurou-se, aqui, iniciar a análise por um período que começasse pouco depois destas análises e se estendesse até os anos atuais, utilizando-se de obras colocadas em posição de destaque pelas plataformas que as disponibilizam. Optou-se por começar em 2009 e não 2010 (o que configuraria uma década exata), por conta de uma das novelas analisadas, a qual, teve sua exibição iniciada em setembro de 2009, ano este em que nenhuma outra novela com personagens PcDs foi exibida em horário nobre ou em uma grande emissora como a *TV Globo*.

Os critérios escolhidos objetivam identificar quais aspectos de representação permanecem os mesmos já observados em obras e pesquisas citadas anteriormente neste trabalho, quais mudaram e como mudaram na última década em comparação com produções antigas de mesmos gêneros.

As produções escolhidas foram, entre as séries: *Homens?* (2019-), criada por Fábio Porchat e lançada na plataforma *Amazon Prime Video*, *Special* (2019-), criada por Ryan O'Connell e lançada na plataforma *Netflix* e *Crisálida* (2020-), criada por Alessandra da Rosa Pinho e, também, lançada pela *Netflix*; quanto aos filmes, os escolhidos foram, *Hamill* (2011), dirigido por Oren Kaplan, *Hoje eu quero voltar sozinho* (2014), dirigido por Daniel Ribeiro e *Milagre na cela 7* (2019), dirigido por

Mehmet Ada Öztekin, por fim, as novelas analisadas foram, *Viver a vida* (2009-2010), *Malhação – Conectados* (2011-2012), escrita por Ingrid Zavarazzi e *Império* (2014-2015), escrita por Agnaldo Silva. No caso de *Malhação*, apesar de ser uma produção que está no ar há mais de duas décadas e trabalhar com o formato de temporadas anuais, por muito tempo a obra se apresentou como uma “novelinha adolescente” e, apenas há poucos anos passou a adotar o termo “série”, por esta razão, ela se encontra junto à outras novelas nesta análise.

### 3.1.1 Séries

#### 3.1.1.1 *Homens?* e a relação entre sexualidade, masculinidade tóxica e paraplegia

*Homens?*, série voltada para o público adulto, criada por Fábio Porchat e atualmente com duas temporadas disponíveis, traz a premissa de quatro amigos, o protagonista Alexandre (Fábio Porchat), um homem cisgênero, branco, heterossexual de classe média alta, que passa a questionar se o seu sucesso na agência de publicidade em que trabalha é realmente merecido, uma vez que é pautado em propagandas machistas, com mulheres seminuas e ignorantes; Pedrinho (Raphael Logam), um homem negro que, mesmo já tendo provado seu valor para seus chefes, sente que tem que trabalhar o dobro para conquistar metade do que seus colegas de trabalho (todos brancos) já conquistaram; Gustavo (Gabriel Godoy), um típico sexista mimado, que só pensa e fala em sexo, objetifica e subjuga as mulheres, mas vive às custas da mãe e, por fim, Pedro (Gabriel Louchard), um médico cadeirante, cujo arco será analisado e discutido adiante. Todos eles, que têm em comum uma natureza machista e heteronormativa e compartilham de uma criação em meio a uma sociedade patriarcal tóxica, sofrem um grande impacto ao perceberem, com a chegada da nova geração, que muitas coisas mudaram, tendo assim, que repensar suas atitudes e comportamentos e desconstruir seu modo de pensar antiquado.

A série, por ter, entre outros, o objetivo de desconstruir ideias preconceituosas, traz uma diversidade narrativa e de elenco maior do que de costume, há espaço na trama para que, além do machismo, se discuta questões como racismo, gordofobia, anorexia, assédio no trabalho, aborto, transexualidade,



masculinidade tóxica e, por fim, deficiência e capacitismo, arco protagonizado por Pedro, um dermatologista bem sucedido e independente que, ao saltar de uma cachoeira, cai em uma pedra e torna-se paraplégico.

Apesar de a primeira temporada dar prioridade para a narrativa de Alexandre, também há espaço para o desenvolvimento de seus três amigos e seus dramas e crescimentos pessoais. No caso de Pedro, seu maior problema é causado pela crise em seu casamento e todos os demais surgem como resultado das decisões tomadas em nome de tentar resolver o primeiro, desta forma, a série desconstrói, logo em seus primeiros episódios, a ideia de que os maiores (se não todos os) impasses de uma pessoa com deficiência se limitam especificamente à sua deficiência.

Desde o início Pedro se mostra um personagem quase cômico, sempre fazendo piadas que são, majoritariamente, sobre sua condição física, entretanto, nenhuma delas soa como algo pesado ou possivelmente ofensivo para alguma parcela do público, são apenas comentários que demonstram como sua deficiência é, na maior parte do tempo, um detalhe com o qual ele é muito bem resolvido. Há momentos em que amigos sem deficiência se sentem culpados e pedem desculpas por rirem das piadas que ele mesmo fez com sua paraplegia, como se ele não pudesse se sentir leve, de bem com sua vida e brincar com isso, como se sua condição fosse motivo de tristeza. Vê-se, então, que, muitas vezes, quem mais tem problemas com a deficiência não é nem mesmo a pessoa que vive com ela. Para além de suas brincadeiras, a paraplegia quase nunca é citada, uma vez que, ao olhar para Pedro, vemos que ele se locomove com uma cadeira de rodas, ou seja, é nítido que ele tem uma deficiência e isso não precisa ser citado ou comentado o tempo inteiro e, de fato, não é, dando lugar para o desenvolvimento da personalidade e do profissionalismo dele.

No início da temporada, Pedro vive em um casamento feliz e é sexualmente ativo, algo comumente tratado como um tabu e visto como um drama na vida de paraplégicos em muitas outras produções, por exemplo. Ao longo dos episódios, um aspecto cuja crítica é nítida, trata de como as pessoas que não têm deficiência alguma e que também não convivem com alguém que tenha, tendem a supor muitas coisas e chegar a conclusões infundadas sobre a realidade de ser PcD e, desta forma, acabam tendo um sentimento negativo e de tristeza possivelmente maior do

que o que a pessoa com deficiência tem em relação a sua própria condição. Um exemplo disso acontece no segundo episódio da série, quando Pedro, no supermercado, começa a conversar com uma criança que, como todas da idade, é cheia de curiosidades, no início ele fala com muito bom humor, conta do acidente que o fez perder o movimento das pernas e até faz algumas brincadeiras com a cadeira para distrair o menino, mas, com o tempo, fica visivelmente desconfortável com os questionamentos que só aumentam. Esse trecho da cena em especial indica um fator muito comum na vida das pessoas com deficiência: adultos, normalmente, não falam abertamente com as crianças sobre existirem diferenças e ainda assim, sermos todos normais, se não há PcDs na família, por exemplo, é provável que as crianças só tenham conhecimento de sua existência quando cruzarem com algum na rua e, seguindo sua natureza infantil e inocente, reproduzirão a cena vista na série, possivelmente causando a esta pessoa um grande constrangimento.

Este mal-estar costuma, ainda, ser agravado pelos próprios adultos responsáveis por essas crianças que, muitas vezes, envergonhados e sem saber o que fazer para parar as perguntas, apenas dizem coisas como “ele (a) tá dodói” ou “ele (a) machucou o pé, a mão...” e assim por diante, ao invés de simplesmente ensinar a criança que aquela é apenas uma das mais diversas formas de um corpo humano e não uma condição de negativa fragilidade, como uma doença ou um machucado. É provável, também, que isso ocorra porque estas pessoas, bem como as crianças, podem não estar acostumadas a conviver com algum tipo de deficiência e não conseguem associá-las de imediato a algo normal. Por mais que sejam pessoas bem instruídas e consideradas livres de preconceitos, já que aquilo não faz parte da normalidade delas e, então, em uma situação de pressão, onde querem apenas encerrar o assunto, acabam dizendo a primeira coisa que lhes vem em mente e reproduzindo explicitamente uma visão que muitas pessoas sem deficiência não assumem abertamente quando questionados, mas que, na verdade, têm sobre as PcDs, a imagem de alguém frágil, diferente e limitado.

Ainda na cena descrita acima, há um momento que reforça ainda mais essa ideia, em que a mãe do menino, que também se chama Pedro, chama a sua atenção por estar incomodando um desconhecido, o menino, por sua vez, diz que não quer ter o mesmo nome que aquele homem, numa clara demonstração de que ele não está habituado a conviver com deficiências e nem mesmo tem qualquer

conhecimento a respeito delas, afinal, apenas o fato de um homem não andar como ele, já reproduz em sua mente uma imagem tão negativa que o faz lamentar ter qualquer semelhança com uma pessoa que ele nem conhece, como um simples nome. A mãe ficou visivelmente constrangida, sem saber como sair daquela situação e o próprio Pedro, mesmo após todo o constrangimento, teve que encontrar uma forma de fazer com que ela não se sentisse mal e encerrar o assunto. Após isso, foi ao encontro de sua esposa e, pouco tempo depois, já estava novamente demonstrando bom humor e fazendo piadas. O que, no entanto, não diminui a gravidade do acontecimento anterior, já que nem todas as pessoas com deficiência são tão positivas e seguras de si quanto Pedro parece ser, e desta forma, não conseguem se sair tão bem em situações como essa, sem se deixarem abalar.

Apesar de todas as dificuldades vividas por Pedro quanto a preconceitos, falta de acessibilidade em estabelecimentos e infraestrutura na cidade, por exemplo, ele nunca é mostrado como sendo apenas uma vítima, como muitas produções do passado costumavam representar PcDs. Em um determinado momento da história, Pedro passa a suspeitar que sua esposa o estava traindo e, apesar de também traí-la constantemente, ele usava de sua condição física para se vitimizar e acobertar seu machismo, como em uma conversa que tem com Alexandre, quando, ao falar sobre suas suspeitas e ouvir de seu amigo que não havia problema algum nisso, considerando que ele também a traía, ele afirma firmemente que é uma situação diferente, pois ele é cadeirante, este argumento não faz o menor sentido, mas, além de reforçar seu pensamento machista, que é o ponto central discutido na série, também serve para tirar de Pedro a imagem de que, por estar em uma cadeira de rodas, ele é totalmente inocente, ingênuo e incapaz de errar ou de ter um lado ruim em sua personalidade.

Quando a suspeita de traição se confirmou, em meio a uma briga, Pedro tentou, novamente, justificar as suas próprias traições, com “argumentos” sobre ser homem e ter uma deficiência. Depois de muita discussão, ele, pela primeira vez, fala abertamente sobre uma insegurança causada por sua condição física: ele temia não conseguir mais satisfazer sexualmente sua esposa e, também, que o acidente o tivesse deixado impossibilitado de ter filhos, ainda assim e mesmo após um exame confirmar mais essa suspeita, a série permanece explorando sua plena capacidade de sentir e proporcionar prazer, ainda que sem a possibilidade de reprodução, mas

deixa claro que ter filhos biológicos é possível para outras pessoas paraplégicas. Ademais, as discussões seguintes vão muito além, o casal enxerga muitas falhas de comunicação dos dois lados e fica claro que esta é uma crise pela qual qualquer outro casal poderia estar passando, assim, apesar de expor inseguranças de Pedro causadas pela paraplegia, a série aborda um novo aspecto da sua vida que nada tem a ver com sua deficiência, não permitindo que seu arco narrativo se resuma apenas a ela e mais uma vez a naturalizando, o tratando como uma pessoa como qualquer outra, que possui problemas, qualidades e defeitos comuns.

Por fim, concluiu-se, durante esta análise, que “Homens?” prestou um grande e mais que necessário serviço ao tratar do tema deficiência com leveza e responsabilidade, como apenas mais uma das milhares de características que qualquer um pode ter, esclarecendo que existem, sim, limitações impostas pelos diversos tipos de deficiências, mas que as pessoas que as apresentam não se resumem a elas e que, muitas vezes, as pessoas que não têm deficiências são as que mais têm problemas tais condições, seja por preconceito, vendo a diferença como um fator de inferiorização, ou por falta de informação, deduzindo em diversas situações, que a pessoa com deficiência não é capaz de realizar determinadas atividades, por mais que a mesma afirme que possa. A única ressalva a ser feita acerca de “Homens?” é quanto ao já comum e esperado deslize de escalar um ator sem qualquer deficiência para interpretar Pedro, escolha que não é justificada na narrativa.

### 3.1.1. 2 *Special* - Sobre ser especial e outras mentiras

Lançada pela *Netflix* em 12 de abril de 2019, a série *Special* é a primeira produção analisada neste trabalho a ser dirigida, roteirizada e protagonizada por alguém que, de fato, tem a deficiência retratada em sua narrativa.

Inspirada no livro de memórias *I'm Special: And Other Lies We Tell Ourselves*<sup>11</sup>(2015), escrito por Ryan O'Connell, a série discute, em 8 episódios com duração de, em média, 15 minutos, questões relacionadas a autodescoberta e a aceitação de pessoas com deficiência, tanto por terceiros quanto por si mesmas,

---

<sup>11</sup> *Eu Sou Especial: E Outras Mentiras Que Contamos a Nós Mesmos*, em tradução livre.

passando, também, pelas influências que uma deficiência (no caso da série, a intelectual) pode ou não ter sobre diversos âmbitos da vida de uma pessoa, como o profissional e o sexual. De uma maneira leve e bem humorada, O'Connel interpreta a si mesmo ao contar a história do processo pelo qual passou até decidir não mais permitir que os preconceitos, vindos tanto da sociedade quanto de si mesmo, com relação a sua paralisia cerebral, continuassem o fazendo viver em constante auto isolamento e decidiu começar a viver a vida que sempre quis ter.

Já na primeira cena do primeiro episódio, intitulado *Capítulo 1: Risadaria Cerebral*, o público é introduzido ao protagonista que, após se levantar de uma queda na calçada e voltar a caminhar, ouve um garoto dizer, com um tom de voz preocupado, que ele precisava ir ao médico, pois estava “andando torto”, ele então respira profundamente e, com um semblante de quem já havia escutado e explicado aquilo diversas vezes antes (e provavelmente o fez), ele se dirige até o menino e, calmamente, diz que não caminhava daquela forma por conta da queda, mas sim, porque tem “uma coisa” chamada paralisia cerebral e passa a explicar ao garoto, ainda confuso, do que se trata a sua deficiência, quais danos costumam causá-la e como ela se manifesta. É uma cena curta, mas que resume muito bem como a narrativa da série se dará nos episódios seguintes.

A maneira robótica com que o protagonista fala com o garoto, como se estivesse repetindo um roteiro já muito utilizado para explicar sobre o assunto, mostra o quão cansativa se torna a tarefa de estar sempre se justificando e elucidando para as pessoas sobre as deficiências que elas não conhecem e, muitas vezes, ainda assim julgam, entretanto, as expressões de O'Connel, acompanhadas da trilha sonora divertida, não tornam a situação pesada de maneira nenhuma, este é um indício de como é possível tratar de assuntos pertinentes, muitas vezes vistos como tabus, sem todo o peso dramático que muitas produções usam frequentemente e, inclusive, com bom humor, sem que se crie um discurso preconceituoso, debochado ou mesmo sério demais, como se se tratasse de um assunto pesado, por exemplo.

Durante os próximos episódios o mesmo formato se repete em diferentes situações rotineiras e, até quando o protagonista passa por algumas situações desconfortáveis, encara com naturalidade e conta sobre elas para os seus amigos,

quase sempre em tom de brincadeira, mas, também, informativo. Em diversas conversas ele fala sobre questões relacionadas à sua deficiência que muitas vezes são desconhecidas para o público, que se educa e se diverte ao mesmo tempo.

Outra questão que destaca esta série positivamente é o fato de que o arco narrativo de Ryan vai além da sua deficiência, ela não é tratada como se fosse sua única característica marcante e muitas das dificuldades e frustrações que ele tem na vida são as mesmas vividas por todas as outras pessoas adultas e não apenas resultantes de sua condição neurológica, uma comprovação real e irrefutável de que, quando se inclui PcDs em produções audiovisuais, o resultado é sempre mais real e honesto. Um exemplo é sua sexualidade, ainda no primeiro episódio, durante uma sessão de fisioterapia, ele está tendo uma conversa com seu fisioterapeuta, enquanto observa outro homem trabalhando na sala, o fisioterapeuta, então, diz que ele precisa manter o foco em seus exercícios e esperar para paquerar quando estiver no *Grindr*<sup>12</sup>, a partir daí, notamos, pela primeira vez, uma insegurança em Ryan, ele passa a se questionar sobre quais características poderia colocar em sua descrição no perfil da rede social, mas, sempre que pensava em como descrever sua deficiência, sentia que ela soava como algo negativo, que o tornaria desinteressante para qualquer outro homem. Ele passa, também, a refletir sobre como se sente perdido por ter uma deficiência leve, pois esta condição, que para muitos é um privilégio, faz com que ele se sinta “diferente demais” para se adaptar facilmente ao “mundo das pessoas sem deficiência”, ao mesmo tempo em que não se sentia, em suas próprias palavras, “*deficiente* o bastante” para se encaixar por completo na comunidade PcD e, portanto, ele não se sente pertencente a lugar nenhum.

Quanto a sua vida profissional, quando começa em um novo trabalho, como estagiário de um site pouco conhecido, Ryan opta por não dizer nada sobre sua deficiência, pois não queria que isso influenciasse na forma como seria visto e tratado pela equipe. No início, todos o observam com estranheza, a primeira a falar com ele é Kim (Punam Patel) que, ao saber que meses antes ele havia sido atropelado, assim como o garoto no início do primeiro episódio, associa a sua forma

---

<sup>12</sup> Rede Social de relacionamento voltada para o público LGBTQ+, mais popular entre os homens. Permite que pessoas localizadas em regiões próximas entrem em contato para terem conversas privadas, enviem fotos e marquem encontros.

de andar e falar a possíveis sequelas do acidente, no qual, na verdade, Ryan apenas havia arranhado o cotovelo, entretanto, ele opta por não dizer a verdade e deixar que o restante de sua equipe pense o mesmo que ela. Apesar de demonstrar certa estranheza com o seu modo de agir, Kim se torna uma grande amiga e apoiadora de Ryan, é a única pessoa no escritório que o estimula a não desistir do que quer e acreditar em suas capacidades, mesmo antes de saber que grande parte da sua insegurança se deve a uma deficiência. Já sua chefe, Olivia (Marla Mindelle) o expõe e constrange constantemente, por conta de certas habilidades comprometidas pela paralisia cerebral, como a motora, por exemplo, o que abala a forma positiva e bem humorada com que ele sempre viveu com sua condição e o faz criar uma certa obsessão e treinar dia e noite para conseguir realizar todas as atividades do escritório de maneira “normal”.

Ryan sempre achou todos os aspectos de sua vida extremamente entediante e, por isso, quando sua chefe pede que toda a equipe pense em um tema e escreva um artigo para ser publicado, ele sente que será o único a não ser capaz de contribuir, entretanto, ao desabafar sobre isso com Kim, a mesma o faz refletir ao dizer que, escrever sobre coisas pessoais pode parecer uma tarefa assustadora, mas pode, também, ser cicatrizante. A mãe de Ryan, Karen (Jessica Hecht), por sua vez, o estimula a escrever sobre sua paralisia, algo que ele se recusa a fazer, pois acredita que sua deficiência sempre foi o centro de sua vida quando, na verdade, deveria ser apenas mais uma característica, mais um detalhe.

Este sentimento que Ryan expressa durante a sua discussão com sua mãe aborda uma das temáticas de maior importância dentro das críticas feitas pela série, pois fala de como, muitas vezes, a deficiência de uma pessoa é a única coisa vista nela, como se tudo o que ela pensa faz e vive fossem extensões do que a deficiência permite ou não e isso acontece com muita frequência, não apenas na realidade, mas, também, na ficção. É muito comum vermos PcDs apenas em produções que realmente precisam que determinada personagem tenha uma deficiência e que fazem com que toda a narrativa gire em torno dela, por outro lado, é muito rara a escalação de PcDs para atuarem contando histórias que não se resumam a uma deficiência, histórias em que ela seja apenas mais uma característica de uma pessoa com diversos atributos, objetivos, habilidades e demais

traços comuns de quaisquer seres humanos e não de pessoas com ou sem uma condição física ou intelectual específica.

O fato de Ryan ter omitido sua paralisia não se deve apenas a um preconceito pessoal ou a uma vergonha de sua condição, mas ao receio de que, dentro da empresa, assim como em outros espaços de sua vida, a deficiência fosse vista antes do profissional. Aparentemente, além da rejeição e discriminação, outra coisa que Ryan temia que acontecesse em seu trabalho, caso revelasse sua paralisia, era o cuidado exagerado e a superproteção, algo que vivenciava com sua mãe, uma vez que moravam juntos e, ao menos dela, ele obviamente não podia esconder sua deficiência. Karen sempre estimula Ryan a enxergar todo o seu potencial e lutar pelo que quer, entretanto, quando o mesmo demonstra interesse em realizar mudanças significativas em sua vida, como morar sozinho e buscar independência total, ela se mostra receosa e tenta mudar de assunto, por vezes até o deixando falar sozinho. Depois de muita insistência, ela, temendo que seu filho acabasse indo morar em algum lugar muito distante (e, principalmente, sem um quarto de hóspedes para ela), concorda em ajudá-lo a encontrar um apartamento. Quando finalmente chega o dia da mudança, Karen diz que vai montar uma mesa na sala, mas Ryan nega e diz que consegue sozinho, ao que ela responde que “até pessoas normais pedem por ajuda”, gerando um desconforto entre ambos e mostrando que, até mesmo as pessoas que conhecem e convivem diariamente com PcDs, podem ter visões capacitistas (afinal, a própria já havia dito anteriormente que não achava que seu filho tinha capacidade de morar sozinho), precisam, constantemente se educar sobre o tema e, principalmente, entender que a pessoa com deficiência é plenamente capaz de conhecer e estabelecer seus limites e capacidades. Karen sempre mostrou acreditar no potencial de seu filho, seus receios são visivelmente causados pelo medo que, como mãe, ela sente de dar muita liberdade ao filho e ele se machucar e não por qualquer discriminação, ela não subestima o filho, ela teme por ele e tem dificuldades em entender que Ryan cresceu e tem direito a desfrutar de quanta liberdade quiser, mesmo que se machuque.

Ao contrário de Karen, que se mostra resistente à liberdade almejada por Ryan por receio e superproteção, há pessoas que se chocam com suas conquistas por outros motivos não tão nobres. Um exemplo é quando ele convida algumas amigas para uma “festa de inauguração” de seu novo apartamento e as mesmas



respondem que estavam chocadas por ele ter conquistas tão rápido (mesmo que Ryan já não fosse tão novo), pois não achavam que ele era capaz de “tanto”. Em um primeiro momento, tal frase parece não ter sido dita com o intuito de menosprezar Ryan, suas amigas pareciam estar, de fato, felizes com suas conquistas, mas, assim como Karen havia demonstrado anteriormente, as mesmas, apesar de nutrirem carinho e admiração pelo protagonista, também tinham uma visão capacitista e pouco esperavam dele. Cenas como estas resgatam questões que, em diversos momentos, foram abordadas neste trabalho, como o fato de que, muitas vezes, as conquistas de PcDs são superestimadas e as congratulações por elas costumam ser acompanhadas de um comentário como “Apesar de tudo conseguiu fazer isso” ou “Mesmo com tudo o que passou conquistou aquilo” ou, no caso de Ryan, “Não sabia que você era capaz”. Discursos com estes são, muitas vezes, feitos com boas intenções, mas na realidade só mostram o quanto a sociedade espera pouco das pessoas com deficiência e, desta forma, qualquer pequena coisa que façam é vista como algo grandioso, afinal, se uma pessoa sem Paralisia Cerebral ou qualquer outra deficiência, conseguisse seu primeiro emprego e saísse da casa da mãe na idade de Ryan, não receberia tanta admiração das pessoas a sua volta.

Ryan, apesar de ser positivo e alegre em boa parte do tempo, ainda tem certa vergonha de sua condição, esconde algumas limitações, finge ter realizado sozinho tarefas que pediu para outras pessoas completarem e finge, também, não ser afetado por questões que claramente o abalam, como quando nenhuma de suas “amigas” aparece para a festa em seu apartamento. Nesta ocasião, após o peso da decepção passar, Ryan decide não cancelar a festa e convida Kim, que o mostra, após uma conversa honesta e tocante, que ele não é o único mascarando certas inseguranças para aparentar uma vida mais completa e ser aceito mais facilmente e tenta fazê-lo entender como isso, além de exaustivo, não vale a pena.

Um momento divisor de águas na narrativa de Ryan é quando ele vai a um encontro às cegas com um rapaz chamado Michael (Andrew Daly), um homem surdo. Chegando lá, ele se sente desconfortável, mas não fica claro, em um primeiro momento, se o desconforto é causado porque Michael levou um intérprete da língua de sinais para o encontro ou se teve algo a ver com a deficiência auditiva do rapaz, algumas cenas depois, a segunda opção se confirma. Ryan sempre soube como reagir à discriminação de outras pessoas sobre si mesmo, mas nunca havia

percebido seus próprios preconceitos com relação a deficiências que ele não conhecia. Surpreendentemente, quem abre seus olhos sobre isso é Olívia. Sua chefe causa um choque de realidade em Ryan ao dizer que sempre o tratou de forma mais firme e, por vezes, até rude, pois todos os outros o viam como o “coitado”, que havia sido atropelado e tinha que ser tratado como uma criança inocente por conta disso, e ele, que tanto falava sobre querer ser um adulto independente e dono de si, havia entrado em tal personagem, Olívia mostra para Ryan que, apesar de ele ter passado a vida inteira pedindo por respeito, isto era algo que nem o próprio tinha por si mesmo ou por outras PcDs, ele, então, começa a repensar suas atitudes com relação à sua Paralisia Cerebral e percebe que, ele mesmo, também praticava muitos dos pensamentos capacitistas que julgava em outras pessoas.

*Special* nos mostra que, se as pessoas soubessem mais sobre as diversas formas de deficiência, então, compreenderiam que, sim, existem limitações impostas por determinadas deficiências, mas as mesmas não definem todas as capacidades e o valor de uma PcD, algo que já é óbvio para elas. Porém, mais do que trazer as mesmas críticas de sempre sobre o tema, que também já foram repetidas à exaustão aqui, a série ainda mostra que, muitas vezes, as próprias PcDs já constroem muros em volta de si mesmas e esperam determinadas atitudes e reações negativas de todas as pessoas que conhecem, não necessariamente por já estarem acostumadas com isso, mas, muitas vezes, este receio em serem quem são, falarem sobre isso abertamente, conhecerem e se relacionarem com outras pessoas vem da forma negativa e limitadora como a própria pessoa se vê, enquanto foge de quem realmente é e não nota, até que, inevitavelmente percebem que, assim como Kim uma vez disse a Ryan, é exaustivo e não vale a pena. Esta é a maior mensagem que *Special* transmite e o faz da mais leve e verdadeira forma possível.

### 3.1.1.3 *Crisálida* e ser surdo em um mundo feito para ouvintes

“Num universo onde o som não existe, jovens surdos enfrentam os desafios de uma sociedade desenhada apenas para ouvintes”, esta é a breve, porém, objetiva sinopse de *Crisálida*, projeto criado pela aluna de Letras Libras da

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Alessandra da Rosa Pinho, que surgiu em 2014, da vontade de criar uma ficção que abordasse a cultura surda no sul do país e que, no mesmo ano, venceu o Edital de Fundo Municipal de cinema de Florianópolis<sup>13</sup>, o que permitiu que a ideia fosse transformada em um episódio piloto. O sucesso do projeto com o público foi tanto que, pouco depois, o material foi reeditado, adquirindo o formato de um curta-metragem, igualmente aclamado e premiado. Em 2016 o Projeto venceu o Prêmio Catarinense de Cinema<sup>14</sup> e, então, tornou-se uma série de quatro episódios que, em primeiro de maio de 2020 entrou para o catálogo da *Netflix* no Brasil e em Portugal como a primeira série bilíngue (português brasileiro e Libras<sup>15</sup>) na plataforma e já teve uma segunda temporada confirmada.

Mesmo que *Crisálida* tenha sido, primeiro um piloto, depois um curta, um filme e só então tenha tomado forma de série, este último formato foi o escolhido para a análise por conta do alcance de público da plataforma na qual a produção foi disponibilizada, além do fato de que, por mais curta que seja a primeira temporada, o formato em episódios permite uma narrativa bem mais extensa, assim, é possível explorar muito mais as histórias ali apresentadas do que se conseguiu nos 17 minutos do curta ou os 70 minutos do filme.

A primeira temporada da série conta com quatro episódios de aproximadamente 30 minutos cada um, o elenco central é recorrente, entretanto, a cada episódio, a série foca na história de um deles, desta forma: o primeiro conta a história de um casal formado por Morgana (Angela Eiko Okumura), uma mulher branca e surda e Jacks (Leandro Batz), um homem negro e ouvinte, aqui é abordado o confronto entre os privilégios que um tem em relação ao outro, enquanto tentam seguir com um relacionamento no qual cada um só conhece as suas próprias dificuldades e precisam deixá-las de lado para se colocar no lugar do outro; o segundo foca na vida de Valentina (Miriam Royer) e Alan (João Gabriel Duarte

---

<sup>13</sup> Instituído pela Lei nº 3252, de 18 de setembro de 1989, é um Instrumento de Gestão dedicado à promoção e ao fortalecimento das produções audiovisuais em âmbito municipal.

<sup>14</sup> Instituição que atua na valorização da cultura por meio de ações de estímulo, promoção e preservação da memória e da produção artística catarinense, formulando, coordenando e executando programas de incentivo às manifestações artístico-culturais.

<sup>15</sup> Língua Brasileira de Sinais, reconhecida como meio legal de comunicação e expressão por pessoas surdas pela Lei de Libras nº 10.436/2002 e pelo Decreto nº 5626/2005. Tem estrutura gramatical própria e constitui um sistema linguístico de natureza visual-motora.

Ferreira), um casal surdo que enfrenta dificuldades para criar uma filha pequena e ouvinte, que se sente sozinha por não ter sempre com quem conversar; o terceiro episódio fala sobre Rubens (Cleiton César Ribeiro), um adolescente surdo que aprende libras com o apoio da mãe (Solane Adão), mas escondido do pai, que insiste para que o menino use um aparelho auditivo para se comunicar da maneira “certa” e, por fim, o quarto e último episódio fala sobre Gustavo (Harry Adams), um jovem surdo que criou uma pulseira inteligente para auxiliar outras pessoas surdas e com deficiências auditivas a se comunicarem em locais onde ninguém saiba libras, entretanto, por ser ele mesmo uma pessoa surda, precisa lutar muito mais para convencer um empresário preconceituoso a investir em seu projeto.

O primeiro grande ponto a se observar em *Crisálida* é que, diferente de quase todas as obras aqui citadas, esta traz atores e atrizes que são, de fato, surdos e surdas e que, portanto, sabem bem das dificuldades, preconceitos e vitórias vividos por suas personagens, o que coloca esta série muito a frente das demais produções, não apenas por abrir espaço para quem domina aquele local de fala, mas, também, porque, trabalhar com pessoas que sabem exatamente como é e como não é conviver com a surdez e a deficiência auditiva, impede que o roteiro caia nos mesmos erros e clichês que costumam aparecer nas histórias criadas e executadas por pessoas sem deficiência. Esta série não é apenas a primeira série bilíngue sobre surdez e deficiência auditiva do país ou da *Netflix*, mas é, também, a primeira que permite que pessoas reais contem uma história real a respeito de sua deficiência.

A série tem, de fato, algumas falhas que podem causar certo desinteresse por parte do público acostumado com grandes produções, a exemplo das atuações de iniciantes, das muitas coincidências e conveniências do roteiro ou das narrativas que são iniciadas e nunca finalizadas, enfim, são questões que podem, infelizmente, prejudicar o objetivo de tornar o universo da libras mais conhecido, principalmente quando ocorrem em meio a uma cena que traz alguma discussão importante sobre o tema. Um dos maiores exemplos acontece no último episódio da segunda temporada, em que uma jovem assistente social começa a fazer aulas de libras para poder compreender melhor e conquistar mais facilmente a confiança de algumas crianças surdas com as quais estava trabalhando. Ela nunca tinha tido nenhum contato com libras e, portanto, precisava constantemente do auxílio do intérprete da turma, entretanto, justamente na primeira semana de aula da jovem, ocorreu de o

intérprete, também pela primeira vez, não poder estar presente na aula, ainda assim, não houve conflito algum, uma vez que a assistente social passou a compreender e até mesmo responder o professor como se já praticasse libras há anos.

A cena descrita acima é uma das que, apesar de não apresentarem grandes erros quanto à representação da pessoa com deficiência, ainda é um infortúnio para uma série ainda tão desconhecida, porém, de grande importância, já que, nesta aula, o professor havia proposto que os alunos tentassem se comunicar usando apenas o corpo, sem sons e nem mesmo libras e que, depois, dissessem como se sentiram. Esta situação tirou totalmente os ouvintes de sua zona de conforto, fazendo-os compreender por alguns minutos como é ser surdo todos os dias e algumas das respostas dadas foram: “Eu me senti diferente”, “Preso em minha própria mente”. Esta foi, visivelmente, uma discussão muito pertinente e necessária, mas que pode, para alguns públicos, acabar se perdendo em meio às falhas técnicas, que nada têm a ver com a forma da série de abordar a representatividade.

Do ponto de vista de uma ouvinte e ciente de estar, possivelmente, cometendo um engano, observei algumas cenas que poderiam ter explorado mais o universo da surdez e da deficiência auditiva, a exemplo de uma cena, no primeiro episódio da série, em que vários amigos (ouvintes e surdos) estão em uma balada, todos dançam igualmente e, então, surgiram as dúvidas: eles dançam a quê? As vibrações das batidas permitem que eles compreendam os ritmos das músicas da mesma forma que um ouvinte ou as interpretam de sua própria maneira? As personagens que têm um grau menor de deficiência auditiva se guiam mais pelo pouco que ouvem ou pelas batidas? Enfim, são pequenas coisas que podem parecer óbvias para uma pessoa que vive dentro desta realidade, mas, considerando que todo o projeto da série foi criado para que os ouvintes compreendessem melhor como é ser surdo em um mundo repleto de sons, neste caso e em alguns outros, a série pode ter perdido a oportunidade de mostrar alguns aspectos das vidas das personagens de forma mais aprofundada.

*Crisálida* não apenas mostra a vida com a surdez ou a deficiência auditiva através do dia a dia de cada personagem que convive com elas, mas, também, faz com que o público ouvinte se coloque no lugar delas em diversas situações. No terceiro episódio, por exemplo, em determinado momento há um grupo de amigos

surdos conversando no corredor da faculdade, nesta cena, como não há nenhum intérprete ou ouvinte, todos apenas sinalizam e também não há legendas para o que estão conversando, o que pode causar certo desconforto ao público ouvinte por não saber por que aquelas pessoas estão rindo ou chorando, por exemplo, esta é uma das várias formas sutis de mostrar como muitas pessoas surdas se sentem todos os dias em ambientes despreparados.

Uma questão delicada abordada pela série é sobre como o preconceito pode, muitas vezes, vir, também, de dentro de casa. No terceiro episódio, conhecemos Rubens, um menino que se tornou surdo após sofrer uma queda quando bebê. Rubens é filho de duas pessoas ouvintes, sua mãe é extremamente dedicada e atenciosa, se esforçando sempre ao máximo para conquistar os direitos de seu filho, apoiá-lo a seguir seus sonhos e vê-lo feliz. Seu pai, por outro lado, é muito resistente às diferenças entre eles, por mais que o jovem já seja um adolescente, Mário não consegue aceitar a surdez do filho como sendo algo natural e normal e se recusa a aprender libras, insistindo que o garoto tem uma doença, precisa de ajuda médica e deve usar aparelho auditivo para que eles possam se comunicar de maneira “normal”. Ao final, após diversos conflitos, Mário acaba percebendo que suas tentativas de se comunicar com seu filho da forma que considerava correta apenas os estava afastando mais e entendeu que, mais importante do que escutar a voz de seu filho, era entender que ele sabia o que era melhor para si e verdadeiramente ouvi-lo.

A narrativa de Rubens aborda não somente os conflitos familiares vividos por uma pessoa surda em uma família de ouvintes, mas também outras situações que mostram como o mundo foi moldado para os ouvintes e não está preparado para oferecer às pessoas surdas todos os seus direitos básicos de forma plena. Como, por exemplo, na cena em que a mãe de Rubens vai até a sua escola para solicitar uma intérprete para que o menino consiga aprender da mesma forma e no mesmo ritmo que seus colegas e a diretora afirma que a escola, além de nunca ter pensado em contratar tal profissional, também não tem condições financeiras de arcar com essa contratação, pois nunca pensou na possibilidade do surgimento dessa necessidade e, portanto, não se preparou para isso. Ao longo dessa reunião, a série abordou com muita clareza e sensibilidade toda a seriedade e negligência social da situação.

De uma maneira geral, a série trata e representa a pessoa com deficiência de uma forma muito consciente e respeitosa, a começar pelo elenco composto por pessoas surdas, abordando muitas das dificuldades e preconceitos vividos por eles todos os dias sem romantizar suas histórias, os vitimizando ou transformando em grandes heróis, por exemplo. Todos são apenas pessoas, que erram e sofrem como qualquer outra. Por outro lado, a série não trata apenas de angústias e críticas, ela também deixa claras, por exemplo, as mudanças que ocorreram quanto às leis de acessibilidade e como as novas tecnologias também ajudam, indicando a importância de reconhecer cada passo dado, mas sem esquecer o caminho que ainda há para ser percorrido. Suas falhas técnicas são perceptíveis, no entanto, compreensíveis, considerando a natureza independente da mesma e não diminuem o feito que é ser a primeira série em libras de uma plataforma tão abrangente como a *Netflix*, que já conta com mais de 139 milhões de assinantes<sup>16</sup>, tudo isso em conjunto a sensibilidade das narrativas que não abrem mão de abordar as dificuldades de ser uma pessoa surda em uma sociedade ouvinte despreparada, mas também fazem questão de apontar que tais pessoas, quando recebem as mesmas oportunidades, têm plenas capacidades, talentos e competências.

*Crisálida*, ao contrário de muitas outras obras audiovisuais, mostra que a representatividade honesta e inclusiva das histórias protagonizadas por minorias é, não apenas necessária, mas possível.

### 3.1.2 Filmes

#### 3.1.2.1 *Milagre na cela 7* e a humanidade não cognitiva

*Milagre na cela 7*, *remake* turco de uma produção sul-coreana de 2013, lançado pela *Netflix* em 2019, se passa nos anos 1980 e conta a história de Mehmet (Aras Bulut Iynemli), ou Memo, como é chamado por seus amigos e familiares, um homem simples, que mora em um pequeno vilarejo na Turquia com sua filha pequena Ova (Nisa Sofiya Aksongur) e sua mãe Fatma (Celile Toyon Uysal). Memo possui algum tipo de deficiência intelectual não nomeada ou explorada pelo longa, o

---

<sup>16</sup> Dados referentes aos resultados do relatório financeiro da empresa referente ao terceiro trimestre de 2018.

que se sabe é que ele pensa e vê o mundo como uma criança e que seu entendimento de tudo ao seu redor é limitado, isso fica nítido na cena em que Ova pergunta a sua avó a razão de seu pai ser diferente, ao que Fatma responde que Memo é um pai muito especial, pois “tem a mesma idade” que a menina, uma forma sutil de estabelecer e apresentar a condição do protagonista ao público sem criar um grande caso sobre isso. É assim que Memo é e ponto, não há nada demais sobre isso.

Em determinado ponto da história, Memo, que gostava de estar sempre perto e de se divertir com as crianças de seu vilarejo, estava brincando com uma menina na praia quando ela, ao tentar subir em uma pedra alta, escorrega e bate a cabeça. O pai da menina, um imponente comandante do exército, ao ver Memo carregando sua filha desfalecida para fora da água, deduz que o mesmo foi o responsável pela morte da menina e usa de seu nome e privilégios para garantir que ele seja julgado e condenado à morte o mais rápido possível, de forma a, segundo o mesmo, “servir de exemplo”. O rapaz é, então, enviado a uma penitenciária de segurança máxima para aguardar por sua execução, neste lugar ele sofre ainda mais, uma vez que os demais detentos também acreditam em sua culpa, principalmente por conta do preconceito enraizado na pequena comunidade, já que ninguém ali, de fato, presenciou a morte da garota ou teve acesso a qualquer uma das evidências usadas para incriminar Memo, e assim, basearam-se unicamente na ideia de que ele era diferente e, portanto, perigoso. Cabe, então, à pequena Ova, a única que realmente entende o mundo em que seu pai vive, encontrar uma forma de provar que tudo foi um acidente e que ele é inocente.

Como dito anteriormente, ao chegar à cela 7 do título, Mehmet não é exatamente bem recebido pelos demais presos, entretanto, após certo tempo de convivência, todos entendem que, assim como a menina que caiu da pedra, Memo é apenas uma criança assustada, constantemente questionando todos a sua volta se já pode ir para a casa, claramente confuso e sem saber o que, de fato, está acontecendo e, então, passam a protegê-lo e até mesmo a ajudar sua filha a entrar escondida na cela para que eles possam passar algum tempo juntos antes da execução. Este ponto da narrativa traz uma sequência de momentos comoventes que retratam com delicadeza a relação entre pai e filha, duas crianças que não



entendem o que está acontecendo no presente e não têm ideia do que está para acontecer no futuro, mas que têm um inegável laço de amor e cumplicidade.

A narrativa, mesmo sem ter entregado ao público qualquer detalhe sobre a deficiência de Memo, a retrata de forma tão sensível e respeitosa, que seu nome, diagnóstico ou características se tornam irrelevantes para qualquer personagem da trama, Memo é um bom homem, um amigo fiel e um pai exemplar e é isso o que importa. Ele é, sim, confuso e inocente demais para a sociedade em que vive, mas tudo de ruim e negativo que acontece a ele e àqueles a sua volta se deve única e exclusivamente à falta de conhecimento e diálogo por parte das próprias pessoas que compõem esta sociedade, com sua mentalidade preconceituosa e quase primitiva, julgando e condenando aquilo que não conhecem e não à personalidade de Memo. Através da transformação que ocorre na forma como os presidiários vivem a deficiência do rapaz entre seus primeiros momentos de cárcere e os dias seguintes, a narrativa deixa claro que não é Memo (ou qualquer outra pessoa com deficiência) que deve “aprender a ser normal”, mas que aqueles à sua volta é que só precisam estar dispostos a ouvir, a abrir os olhos para outras realidades que não são necessariamente negativas apenas por serem diferentes daquela com a qual estão todos acostumados.

A atuação de Aras Bulut İynemli é bastante convincente e emociona já em seus primeiros minutos de cena, ao deixar transparecer tanta pureza e inocência em Memo, que apesar de toda a exclusão social e os preconceitos aos quais é submetido por parte dos demais moradores do vilarejo, consegue criar um mundo particular onde espalha alegria junto a sua filha. Se a produção peca em algo relacionado à representatividade é justamente no mesmo ponto que muitas das produções aqui já citadas também pecaram, pois Bulut, apesar de um ator inegavelmente habilidoso, não possui qualquer deficiência e tampouco a produção contou com alguma pessoa com deficiência integrando a equipe. O longa estabelece a importância do diálogo e da criação de oportunidades e espaços para PcDs, mas não as pratica.

Por fim, apesar de não contar com a presença de atores, atrizes e profissionais em geral com alguma deficiência trabalhando em sua realização, o filme passa mensagens muito importantes, mesmo que de maneira teórica, ou seja,

dentro de uma narrativa fictícia e através de pessoas sem qualquer deficiência. Ele defende a urgência que há em promover esclarecimentos acerca da pessoa com deficiência e de seu lugar em sociedade, que, na verdade, é o mesmo lugar que o de qualquer outra pessoa e deixa claro, também, que uma deficiência, por mais que estabeleça limites, não impede que se tenha voz e coisas importantes para falar, que se viva uma vida plena, que se constitua uma família, que se ame.

### 3.1.2.2 *Hoje eu quero voltar sozinho* e um olhar mais afável sobre a adolescência e suas descobertas

Dirigido por Daniel Ribeiro, o filme de 2014, disponível na *Netflix*, é uma nova versão de um curta-metragem de 2011, desenvolvido para o *Youtube*, chamado *Eu não quero voltar sozinho* e conta a história de Léo (Ghilherme Lobo), um adolescente que, assim como qualquer garoto da sua idade, tenta viver esta época da vida da forma mais livre e plena possível, entretanto, sua mãe superprotetora o impede. Léo, então, faz o que pode para desfrutar de todas as oportunidades que surgem, dentro dos limites impostos por sua deficiência visual, além daqueles impostos por sua mãe, enquanto também vive a experiência de um primeiro amor que talvez não o corresponda.

Ribeiro já era conhecido por seus curta-metragens produzidos para o *Youtube* e, quando decidiu dar um passo a mais na carreira e produzir seu primeiro longa, ao invés de criar uma obra do zero, decidiu recontar a história de seu trabalho melhor sucedido até o momento, agora com duração e produção maiores. O longa, assim como o curta que o precede, foi um grande sucesso dentro e fora do Brasil, conquistando grandes prêmios, como um *Teddy Award*<sup>17</sup>. A trama é simples e tocante, mas, ainda assim, muito real, o diretor, assim como toda a equipe envolvida, se comprometeu a contar uma história que, apesar de tratar de assuntos delicados e, por vezes, vistos como tabus, fosse algo que o público, ao assistir, mais do que se comover, também se reconhecesse. O filme, ao contar a história de um jovem com uma deficiência que se descobre *gay*, não cai na mesmice que se costuma ver em muitos filmes sobre jovens LGBTQIA+ ou PcDs, já que, de fato, Léo vive momentos

---

<sup>17</sup> Prêmio oferecido a filmes de temática LGBTQIA+ apresentadas no Festival Internacional de Cinema de Berlim

de frustração e aflição, mas as causas desses sentimentos são comumente ligadas a questões e dúvidas que surgem na vida e na mente de qualquer pessoa durante a adolescência e não por conta de sua sexualidade ou deficiência, aqui tratadas com toda a normalidade possível, como deve ser.

Apesar de tratar os temas com naturalidade, dando ênfase, também, a diversas possibilidades e alegrias vividas pelo protagonista, o filme não deixa de abordar questões negativas relevantes sobre os temas que discute. Logo nas primeiras cenas, Léo é visto sendo vítima de *Bullying* na sala de aula e, apesar de ser defendido pela professora e por sua amiga Giovana (Tess Amorim), nada impede que ele continue sendo motivo de piadas pelos corredores. Ao chegar à sua casa, seu local de maior acolhimento, entretanto, Léo permanece se sentindo desconfortável e, em alguns momentos, deslocado, afinal, se na escola, ninguém além de Giovana demonstra interesse em ver as qualidades do menino, em casa, o afeto e a preocupação que recebe de sua mãe são tantos, que acabam se convertendo em um tratamento um tanto rígido e cheio de limitações que o fazem se sentir sufocado.

O ponto mais interessante do filme é que, apesar de todas as vezes em que Léo é discriminado e excluído quando está na escola ou proibido de sair, se divertir e viver sua juventude quando está em casa, ele nunca direciona sua revolta para a sua condição, pois compreende perfeitamente que tudo aquilo é provocado por questões externas, assim, os maiores desejos dele são de que seus colegas deixem de ser maldosos e de o diminuírem por não enxergar e que sua mãe deixe de ser tão controladora, achando que ele não pode ter uma vida normal e viver aventuras pelo mesmo motivo, mas nunca deseja que a mudança ocorra em si próprio, porque sabe que o problema não está nele.

Quando Léo se vê apaixonado por Gabriel (Fábio Audi), o novo aluno de sua turma, ele se enche de hesitação, pois teme não ser correspondido e, principalmente, acabar com a amizade que construiu com o rapaz, porém, fugindo do óbvio mais uma vez, o filme deixa claro que nenhum destes receios e medos é causado por alguma insegurança quanto a sua sexualidade ou falta de visão, mas simplesmente, porque ele é um adolescente que está se apaixonando pela primeira

vez e, portanto, ainda não sabe lidar com este sentimento, o qual, ainda, é direcionado a seu novo melhor amigo.

Esta sensibilidade vista na forma como a narrativa é conduzida talvez se dê pelo fato de que Ribeiro faz, também, parte de uma minoria mal representada e já havia tratado, em obras anteriores, da temática LGBTQIA+ e, desta forma, teve uma capacidade maior de ser honesto e justo com a história contada do que se vê em outras obras, mesmo que o ator que interpreta o protagonista seja um vidente, um dos poucos erros cometidos no que diz respeito à representação de PcDs nesta obra.

*Hoje eu quero voltar sozinho* (2014) não é um filme sobre ser *gay* ou sobre ser PcD e muito menos foi feito especialmente para o público *gay* e PcD, é um filme sobre a vida, a juventude, os desejos e as aflições que chegam com esta idade e que são, coincidentemente, vividos por um jovem *gay* com deficiência visual, mas que poderiam ser vividos por qualquer outra pessoa. Ao assistir ao filme, é difícil não se identificar com uma questão ou outra vivida pelo protagonista, muito mais do que trazer problemas, frustrações e capacitismo para uma parcela específica do público, o filme traz identificação e nostalgia de um momento que todos já viveram, estão vivendo ou ainda viverão.

### 3.1.2.3 *Hamill* e a força de ignorar a natureza e construir um caminho para si mesmo

Este filme biográfico de 2011 conta a história de Matt Hamill, boxeador e primeiro atleta surdo a se tornar campeão universitário nacional de boxe nos Estados Unidos. Além das séries *Special* e *Crisálida*, esta é a única obra dentre as analisadas a ser protagonizada por um ator que apresenta a deficiência retratada na narrativa, neste caso, Russell Harvard interpreta Matt em sua vida adulta, além dele, todas as demais pessoas surdas do filme são, também, interpretadas por profissionais com deficiência auditiva.

A primeira cena mostra um Hamill adulto, prestes a entrar no ringue, com uma multidão gritando à sua volta. Este início se alterna entre alguns momentos de puro silêncio, outros em que se ouve apenas as batidas do coração do protagonista e alguns segundos em que os gritos do público são ouvidos de maneira abafada.

Antes que a luta comece, o filme avança para a cena seguinte, indicando um flashback para 1976, mais precisamente para o momento em que a mãe de Hamill descobre, durante um exame, que seu bebê não ouve.

A notícia foi um golpe forte para a família, especialmente para o avô do menino, que se recusa a acreditar e chega até a discutir com a médica, afirmando que os exames realizados não eram o suficiente para chegar a tal conclusão. Mesmo após a confirmação do diagnóstico, o avô de Matt permanece impassível e se recusa a aceitar os conselhos da profissional de matriculá-lo em uma escola especial, onde ele poderia socializar com outras crianças com diferentes deficiências. A mãe de Matt, uma mulher amável e dedicada, entretanto, opta por aceitar a sugestão da médica. Em um salto temporal, vemos que Matt, (Theodore Conley), agora uma criança, embora estude em uma escola especializada, permanece afastado das demais crianças, uma vez que, apesar de demonstrarem deficiências variadas, todas elas são ouvintes e não conseguem se comunicar com o garoto, que acaba sendo excluído. Todas as cenas descritas até aqui acontecem no decorrer de poucos minutos, mas têm um forte impacto ao mostrar como a discriminação e a falta de apoio e aceitação, por vezes vindas da própria família e provocadas pela falta de conhecimento sobre o tema, podem afetar o desenvolvimento social e emocional de uma criança.

Ainda durante sua infância, as crianças que estudavam com Matt não tinham qualquer empatia ou intenção de incluí-lo em seus grupos e brincadeiras, o garoto era, constantemente, alvo de *bullying*. Já em casa, enquanto sua mãe considerava matriculá-lo em uma escola apenas para crianças com a mesma deficiência ou, ao menos, uma onde ele pudesse ter aulas de língua de sinais, seu avô segue irredutível na ideia de que ele está bem na atual escola e não precisa de nada disso. Algumas cenas do avô de Matt são muito semelhantes às vistas na série *Crisálida* entre Rubens e seu pai e abordam muito bem o negacionismo com o qual certas famílias de PcDs vivem ao não aceitarem suas deficiências, como se, ao evitá-las, elas pudessem desaparecer, não compreendendo, assim, que tal atitude apenas priva a pessoa com deficiência de compreender sua condição e desenvolver habilidades que tornariam sua vida em sociedade muito mais fácil. Outra semelhança entre o pai de Rubens e o avô de Matt é que este faz o possível para ensinar o garoto a pronunciar as palavras da mesma forma que as pessoas ouvintes

o fazem e, embora isso nunca ocorra de forma agressiva e seja visível o carinho que ele tem pelo neto, ainda assim, nota-se que suas atitudes, ao invés de serem um estímulo para que o garoto se comunique da maneira que ele considera “normal”, apenas faziam com que o menino se sentisse cada vez mais diferente e colocavam uma pressão grande demais em uma criança tão pequena, que já se comunicava de maneira normal, apenas diferente da dele.

O próprio avô de Matt é quem o matricula nas aulas de boxe, entretanto, antes de se tornar um grande nome do esporte, o protagonista não foi facilmente aceito neste ambiente, nem mesmo pelo treinador, que achava impossível ensinar uma criança que não ouvia a lutar, considerando as dificuldades que já tinha em ensinar as que o ouviam. De fato, no início Matt teve muitas dificuldades em acompanhar as aulas, já que elas eram sempre guiadas por sons de apitos e comandos de voz do treinador, assim, ele nunca sabia quando deveria fazer cada movimento, porém, com o tempo, o garoto aprendeu que, enquanto seu oponente se guiava pelos sons do treinador, ele poderia se guiar pelos movimentos do mesmo, assim, por se concentrar muito mais na visão do que seus oponentes, Matt conseguia notar cada mínimo movimento que estes faziam e, assim, prever como se dariam seus ataques e como deveria se defender. Através de cenas como essas, é possível compreender que, apesar de haver quem pense que criar ambientes acessíveis exige muito tempo, reflexão, e investimento, muitas vezes, adaptações simples, como a utilização de estímulos visuais e sonoros ao mesmo tempo, podem fazer uma grande diferença.

Sempre que ocorre uma cena de diálogo entre Matt e alguma pessoa ouvinte, o áudio, assim como na cena inicial do filme, é alternado entre uma versão tradicional, quando vemos os acontecimentos em terceira pessoa e uma versão mais abafada, quando a câmera nos mostra a cena do ponto de vista de Matt, assim, nos colocando em seu lugar e nos dando a chance de vivenciarmos uma experiência semelhante a que ele está tendo com o seu aparelho auditivo, é uma tática inteligente, usada repetidas vezes no longa, mas que não se torna cansativa, pelo contrário, torna a experiência de quem assiste ainda mais imersiva e, aliada a um roteiro conciso e equilibrado, nos faz compreender ainda mais as aflições e alegrias de Matt nos momentos em que sua surdez está em foco na cena.

Após mais uma passagem de tempo, Matt, agora um adolescente, permanece demonstrando cada vez mais potencial para o esporte, inclusive ganhando uma bolsa de estudos integral para um dos melhores cursos de luta livre do país, além de já ter a fala muito mais desenvolvida, entretanto, mesmo depois de tanto tempo e evolução, ele permanece sofrendo discriminações, apenas de maneiras diferentes. Agora, após não sofrer mais *bullying* na escola, ter feito alguns amigos e estar prestes a se consagrar no esporte, a narrativa nos mostra, entre outras coisas, as atribulações que Matt enfrenta para conquistar uma garota do colégio, que não corresponde aos seus interesses por vergonha, eles conversam, se dão carona e se divertem quando estão juntos, mas tudo muda quando há outras pessoas por perto e ela aparenta ficar constrangida ao ser vista perto dele.

A partir de então, o mesmo formato apresentado na primeira parte do filme se repete, porém, em novas situações, a trama continua mostrando a forma preconceituosa com que Matt é visto e tratado por pessoas que não estão acostumadas com sua deficiência, bem como as barreiras com que ele se depara e como as enfrenta, com o diferencial de que se sente menos inseguro e lida cada vez melhor com tais situações e seu processo de adaptação, gradativamente, ocorre de maneira mais natural. É muito interessante acompanhar toda uma evolução tão bem construída ao longo das cenas e saltos temporais, pois, apesar de se tratar de um filme relativamente curto e que, por contar a história de Hamill desde a infância até a vida adulta, precisa trazer cenas e acontecimentos rápidos, ainda assim, nada acontece de uma hora para a outra, como uma forma não natural de apressar a narrativa e alcançar logo o objetivo final, como foi visto em outras obras nessa análise.

Quanto às dificuldades enfrentadas pelo protagonista, são várias as cenas que abordam barreiras às quais Matt é submetido, porém, em diversos momentos, o filme trata dos problemas e limitações que ele enfrenta de forma que estas sejam sempre acompanhadas de soluções para que ele não seja excluído de suas atividades diárias por conta de sua surdez e, assim, apesar de não ignorar os percalços vividos pelo rapaz durante toda a sua infância e juventude, estas situações não são usadas de forma a gerar um drama excessivo com o objetivo de comover o público. Ainda que o filme conte com algumas cenas fictícias, objetivando torná-lo mais mercadológico, é tudo tratado com muita honestidade e parcimônia, é um

conteúdo muito mais informativo do que apelativo e seu entretenimento não se baseia em distorcer uma história real para gerar um conteúdo melodramático e espaventoso.

Entre vários saltos temporais, o filme traça os momentos mais marcantes da vida de Hamill, desde a descoberta de sua deficiência até o seu sucesso profissional, passando por todos os preconceitos, apoios, rivalidades, amizades, frustrações e conquistas que acumulou ao longo do caminho. Alguns momentos do filme são claramente romantizados, como sempre acontece ao adaptar uma história real para uma peça audiovisual, afinal, a mesma necessita de certos apelos para atrair e conquistar o público, ainda assim, não deixa de mostrar os pontos mais baixos, bem como os mais altos da vida pessoal e carreira do atleta de maneira a entendermos o quão capaz e determinado o mesmo sempre foi para que chegasse aonde chegou.

A forma como certas cenas foram construídas, distorcendo e abafando alguns sons para que o público sentisse, mesmo que por breves momentos, um pouco de como Matt se sente, fez toda a diferença na experiência. Trata-se de uma narrativa que aborda, de maneira honesta e respeitosa, uma história real e inspiradora, permitindo que pessoas reais, que conhecem aquela realidade, construam e apresentem um enredo que poderia pertencer e, talvez, de fato, pertença a elas. Todos estes aspectos influenciam na qualidade técnica da produção, que, neste caso, conta com muito menos falhas e absurdos do que qualquer uma das outras obras analisadas aqui, que não demonstraram interesse em incluir pessoas com deficiência em nenhuma de suas áreas de produção e acabaram gerando resultados desastrosos. Dentre todas as construções narrativas das produções aqui analisadas, a de *Hamill* é, sem dúvidas, a que traz o melhor resultado.

### **3.1.3 Telenovelas**

3.1.3.1 *Malhação - Conectados* e uma adolescência que se esforça para surfar num mar raso demais

Na Décima nona temporada de *Malhação*, Filipe (Pedro Tergolina) é um adolescente que se muda do Rio Grande do Sul para o Rio de Janeiro para morar



com seu pai, madrasta e meio irmão *Betão* (Lucas Cordeiro), como ninguém da família, nem mesmo seu pai, o conhecia pessoalmente, o fato de o jovem ser cego foi uma grande surpresa, com direito a câmera lenta enquanto ele virava de frente para *Betão* e duas amigas que o acompanharam ao aeroporto. Quando Filipe chega em sua nova casa, a surpresa e o desconforto se repetem, porém, de uma forma mais caricata e apelativa, pois, mesmo ele usando óculos escuros, guia e pedindo por direções constantemente, o roteiro tentar se fazer convincente ao indicar que ninguém percebeu que ele era cego, apenas para repetir cenas que usam a condição do garoto numa aparente tentativa de fazer um tipo de comédia, já velho e batido em narrativas com personagens com deficiência visual, como alguém apontar para uma direção ao invés de explicar como chegar a certo lugar e o garoto, por razões óbvias, não se mexer, ou alguém chamá-lo para *assistir* algo ou, ainda, cumprimentá-lo com um aperto de mão quando ele não poderia notar tais ações.

No início da trama (e passadas as tentativas frustradas de tratar o tema com um ar cômico fajuto ao invés de leveza), apesar de ser Filipe quem acabou de se mudar, as demais pessoas que já viviam na casa é que pareciam perdidas, sem saber como lidar com ele ou quais eram as suas limitações. Estas cenas são constantes na primeira fase da história e representam bem a forma como, no mundo real, muitas pessoas sem deficiência, ao se depararem com PcDs, acabam por deduzir coisas sobre as mesmas, suas capacidades e limitações ao invés de simplesmente perguntar, como se a ofensa estivesse presente no diálogo e na busca por informação e não nas deduções e na subestimação.

Pouco tempo após chegar na nova cidade, Filipe começa a fazer aulas de artes marciais, mas não interage com o restante da turma, fica isolado num canto treinando apenas com o professor e não realiza as mesmas atividades que as demais pessoas, não fica claro se isso ocorre por discriminação ou apenas por ele ser iniciante, porém, com o tempo isso muda e ele passa a ser incluído nas aulas e até a se destacar, uma vez que tem maior sensibilidade para certos sentidos, como a audição, por exemplo, do que uma pessoa vidente, assim, mais uma vez o roteiro acerta ao esclarecer, de maneira sutil e natural, que deficiência não se resume a limitações e dependência.

Apesar de a audição aguçada mostrada na história ser uma habilidade já comprovada por estudos científicos, a narrativa parece se empolgar demais e escorrega ao, por vezes, fazer parecer que Filipe, muito mais do que apenas uma audição muito boa, tem, também, algum tipo de "superpoder" auditivo, como quando ele percebe coisas a respeito da personalidade de pessoas que acabou de conhecer e que ele não poderia ter notado apenas por ser observador. Por exemplo, certo dia ele conhece uma garota e já chega em casa dizendo "sentir" que ela estava apaixonada por seu irmão, o que era verdade, mas ninguém havia notado, já que ela realmente não deu sinais explícitos de seus sentimentos. Para além disso, sempre que algo do tipo acontece, alguém se pergunta como ele percebeu tantas coisas, se é cego, é como se, por ser cego, ele tivesse desenvolvido alguma super habilidade em compensação, que precisa ser mostrada quase que o tempo todo. Assim como perceber coisas que ninguém vê, ele também consegue ser o único a identificar quando estão mentindo mesmo quando mal conhece a pessoa que mente, ele diz que "apenas sabe" que estão mentindo. Em um outro momento, ainda, ele sabe quando alguém está lendo uma revista específica sem que nada tenha sido comentado, essas adivinhações certas e sem sentido ou justificativa são constantes

Muito mais do que poderes aparentemente sensitivos, Filipe demonstra ter diversas habilidades, principalmente para consertar todo tipo de aparelhagem e se, por um lado, o arco do jovem aborda algo positivo, mostrando tantas possibilidades de atividades que pessoas cegas podem realizar, caso tenham incentivo e oportunidades, por outro, ele também deixa claro um percalço muito presente na realidade que é o fato de que nem sempre as pessoas vão aceitar que alguém que não enxerga possa ter tantas capacidades assim, ao menos, não com a naturalidade que deveriam, afinal, sempre que Filipe demonstra conhecimentos que não eram esperados dele, por menores que sejam, estes são sempre vistos como um grande mistério por aqueles a sua volta, que não admitem a possibilidade de que ele tenha estudado ou aprendido na prática a consertar falhas simples em aparelhos eletrônicos ou a identificar que algo não funciona por estar enferrujado, por exemplo. Enfim, ele sempre causa surpresa por chegar a conclusões simples e que não exigem uma visão perfeita para serem notadas, apenas um pouco de lógica.

O curioso, é que, quase sempre em cenas como as descritas acima, o roteiro não deixa claro que tais atitudes são capacitistas e ofensivas, ou seja, não fica nítido se a intenção era demonstrar um tipo de atitude que subjuga e cansa PcDs, como uma denúncia, ou se a escritora também está equivocada e realmente acha que qualquer conquista vinda de uma pessoa cega deve ser tratada como algo extraordinário. Tornando assim, difícil definir se tais cenas são positivas ou negativas, ainda assim, por serem acontecimentos recorrentes nas vidas de PcDs, a abordagem do tema é válida, resta ao público fazer a interpretação correta.

Deixando de lado a forma como Filipe é visto pelas outras pessoas e tratando de sua personalidade, o jovem é muito independente e bem resolvido, não tem problema algum com sua deficiência e lida com as adversidades da vida, sejam elas ligadas a deficiência ou não, com bom humor. Apesar da exaustão de, constantemente, ter que convencer as pessoas a sua volta de que sua cegueira não é empecilho algum há muito tempo, ele o faz com leveza, como se já estivesse acostumado e, de fato, não houvesse nada de incômodo em sua condição, que é tratada com a naturalidade devida. Filipe passa por turbulências que vão além da deficiência, como a perda da mãe e a adaptação em uma nova casa, escola e família, além de questões comuns da adolescência.

O jovem constantemente faz piadas sobre sua condição, dizendo, coisas como: "Você não vê como é engraçado?", "Como você não viu isso? Depois eu que sou o cego", e outros comentários desta natureza. Algumas vezes essas brincadeiras são feitas em momentos de descontração e o próprio Filipe se diverte enquanto as pessoas a sua volta (todas videntes), constrangidas, não sabem bem como reagir e, de fato, no início é divertido para o público, também, vê-lo lidando tão bem com a sua cegueira e não sentindo pena de si mesmo, enquanto sua família tenta agir normalmente, mas sempre acaba o tratando como se ele precisasse de certos cuidados que não precisa, pois não estão acostumados com a sua deficiência e a veem de uma forma muito mais grave do que de fato é. O único ponto que talvez não fosse necessário nesta parte da narrativa é a frequência com que algumas destas piadas são repetidas, em quase todas as suas cenas, Filipe faz algum comentário do tipo e, mais do que tornar a sua narrativa repetitiva, cansativa e limitada, chega um momento em que o roteiro acaba por exagerar nas tentativas de mostrar sua deficiência como algo normal de forma leve. Assim, parece que há um

desespero tão grande em provar que Filipe é feliz e otimista mesmo sendo cego, que ele acaba por passar a maior parte do seu tempo apenas fazendo piadas e trocadilhos e a ideia de mostrá-lo como um adolescente como qualquer outro e não resumi-lo a sua cegueira se torna falha, já que o processo de naturalizar a imagem do jovem, provavelmente seria muito mais eficiente se a narrativa não pontuasse a sua diferença com tanta frequência, mesmo que de maneira leve.

Outra questão que prejudica a normalização da cegueira como apenas mais uma das características de Filipe e que ocorre por um bom tempo, se trata de que, sempre que alguém descobre sobre a sua deficiência, a edição volta a usar, desnecessariamente, o efeito de câmera lenta e uma música dramática que muitas vezes foge, não apenas da ideia de naturalizar a cegueira, mas de toda a situação sendo mostrada em cena, por exemplo, há um momento em que alguns amigos de *Betão* estão sendo apresentado a Filipe numa lanchonete e, assim que percebem que o garoto não enxerga, a trilha e o efeito visual passam a impressão de que algo ruim ou surpreendente está prestes a acontecer, como tais amigos discriminarem Filipe ou algo do tipo, mas não ocorre absolutamente qualquer coisa que justifique tal edição e a cena segue normalmente, sem grandes acontecimentos.

Apesar dos primeiros capítulos da trama exagerarem no drama e na supervalorização de Filipe com base unicamente em sua deficiência, lhe dando um reconhecimento excessivo que nunca é justificado ou merecido, eventualmente, ele passa a ser tratado de igual para igual na maior parte do tempo. Há, também, momentos em que faz diversos comentários machistas e chega até a fazer apostas com seu irmão envolvendo mulheres, o que lhe confere mais humanidade do que muitas PcDs em produções audiovisuais, já que as mesmas são constantemente apresentadas como seres puros e ingênuos, quase que angelicais. Em alguns momentos, as atitudes do garoto causam incômodo, por serem tão imaturas e desrespeitosas, porém, justamente por esta não ser uma postura comum em personagens PcDs e apesar de estar longe de ser uma qualidade, ela o distancia da ideia de pureza e inocência de personagens com deficiência que, normalmente, tentam conquistar a simpatia do público através de sua bondade extrema, assim, o igualando ainda mais aos demais adolescentes a sua volta e garantindo a ele o direito a ter defeitos como qualquer outra pessoa.

Por outro lado, há que se dizer também, que, mesmo nestes momentos em que Filipe está sendo apresentado como o adolescente normal que é, ocorrem falhas amadoras, um exemplo, é quando ele está tendo um mal desempenho na escola, recebe uma notificação da direção e resolve falsificar a assinatura do pai, mas como ele fez isso se, além de não enxergar o papel e, conseqüentemente, não saber onde está a linha destinada a assinatura, ele, também, nunca havia visto a assinatura do pai? Além disso, quando sua atitude é descoberta, sua família fica extremamente decepcionada, mas ninguém levanta esse questionamento, acabando com a possibilidade de o garoto ter recebido a ajuda de alguém da casa, como seu irmão, por exemplo, para realizar a falsificação e evidenciando este erro significativo.

Em certo momento, depois de muitas cenas mornas e sem grandes acontecimentos, há uma tentativa de criar uma tensão em sua vida, isso ocorre quando ele tenta se matricular em uma nova escola e a mesma não tem qualquer tipo de acessibilidade ou preparação para recebê-lo. Ainda que este seja um assunto importante a ser abordado e que se note o tom de crítica na cena, ela ocorre de forma muito rasa e clichê, com alunos dizendo que ele não pode se matricular porque vai atrasar a turma e que a escola não pode fazer caridade, por exemplo, tentando criar um clima de violência exagerado, que pouco convence e acaba fugindo do problema principal, a falta de preparação da escola, questão que existe na realidade e que teria gerado uma cena muito melhor desenvolvida, caso tivesse sido tratada de forma menos piegas e com menos sede por drama.

Tudo piora quando Filipe resolve voltar para a casa e uma professora da escola faz um discurso motivacional sobre ele não poder ir embora, pois assim daria razão para quem o acha incapaz, como se o problema maior ali fosse a falta de força de vontade do garoto e ele fosse capaz de tudo se apenas quisesse, quando na verdade, qualquer pessoa só é capaz de qualquer coisa quando lhe são oferecidos meios para isso, algo que não ocorre em um ambiente despreparado e repleto de preconceito, porém, mais uma vez a narrativa acabou por realizar a crítica certa de maneira equivocada ao optar por criar uma cena emocional demais sobre força de vontade e não tratar do problema real. Pouco depois, a mesma professora ainda pediu uma redação com o tema "Quem é mais cego, o *deficiente* visual ou os videntes que não o veem como uma pessoa normal?", a cena foi toda construída como se este tivesse sido um grande discurso sobre igualdade e respeito, quando,

na verdade, o próprio tem várias falhas capacitistas, é como se a professora tivesse acabado com todo o preconceito existente só com suas palavras. Para reforçar a ideia de que tudo se resolveu instantaneamente, ao final desta mesma tarde, Filipe já estava cercado de novos amigos, em especial os garotos que o ridicularizaram no início do dia, com quem combinou até de jogar *vídeo games*. Em toda essa cena, principalmente no início, enquanto a professora falava sem parar, supostamente na defesa de Filipe, o garoto, que sempre foi dono de si e bem resolvido, ficava encolhido num canto, sem falar uma palavra, deixando a pessoa sem deficiência ter voz em seu lugar e perdendo uma das poucas chances que teve ao longo de toda a temporada, de ter algum momento de protagonismo e falar as coisas certas sobre aquela situação.

Quanto a sua vida amorosa, quase tudo é demonstrado de forma natural, ele nunca teve problemas em se relacionar superficialmente com garotas e quando se interessa de forma mais profunda por alguém, o relacionamento se desenvolve sem que seja feito um grande caso ou criadas muitas barreiras, nas situações em que, durante os encontros do casal, ele precisa de determinadas adaptações, também são, na maioria das vezes, retratadas de forma simples. Mas apesar de todas as abordagens positivas trazidas neste momento da trama, ocorreu também que, quando Isabela (Bella Camero) aparece em sua vida, a maior parte da narrativa de Filipe para de girar em torno de agradar seu irmão e amigos e passa a girar em torno de agradar sua nova namorada, seu enredo permanece sendo contado de forma natural e respeitosa e seu relacionamento amoroso tem uma boa evolução, porém, seu arco ainda é raso e superficial, com pouquíssimos momentos de desenvolvimento pessoal e individualidade.

Um ponto positivo a se reconhecer é que, embora tenha cenas bem curtas e uma rotina bem repetitiva, com poucos grandes momentos, o que é justificável, considerando que se trata de um papel coadjuvante, e sem importância para a narrativa central, Filipe também não é visto como refém da cegueira, ele luta, ama surfar, como seu pai e irmão, joga *vídeo games* e utiliza o computador normalmente, além de constantemente ir sozinho para festas e vários outros lugares. Nada disso é mostrado como algo impressionante e ele tampouco explica como consegue fazer tudo o que faz, justificativas não seriam relevantes, afinal, é possível que pessoas cegas e com deficiência visual sejam incluídas em tarefas rotineiras e de lazer e

ponto, não é algo que precise de justificativa e a novela entende isso. Destaca-se positivamente também, um momento em que, ao se deparar com pessoas que ficaram maravilhadas com algumas atividades cotidianas que ele realizava, como se essas fossem grandes coisas, Filipe parafraseou a já citada Lobato (2012) ao dizer que suas opções eram aprender ou aprender, reforçando mais uma vez que encontrar formas de lidar com as suas limitações não se trata de uma escolha, pois a adaptação é necessária para que se viva em sociedade, é uma questão de sobrevivência e não super poder.

No geral, *Malhação - Conectados* tem seus altos e baixos, é uma produção que consegue deixar suas boas intenções claras, mostrando Filipe como um adolescente comum, com qualidades e defeitos, que não se culpa nem lamenta por sua condição e que é inserido na trama com certa normalidade e sem segundas intenções. Ele não está ali para ter sua deficiência usada para um fim específico e nem é alguém que precisava necessariamente ser cego para que o roteiro atingisse algum outro objetivo, ele é um adolescente com diversas características, tanto comuns quanto únicas e a cegueira é apenas uma delas. Entretanto, boas intenções não são o suficiente para que se crie uma boa narrativa, desta forma, o arco de Filipe sofre com muitas cenas rasas e clichês, erros amadores e críticas mal construídas, além disso, ele poderia, também, ter mais crescimento. Ao longo da trama todos se desenvolvem e evoluem de alguma forma, alguns se tornam vilões, outros amadurecem e ele permanece na mesma rotina de sempre. Por fim, há muitos equívocos que poderiam ser facilmente evitados se houvesse um pouco mais de comprometimento e estudo, a começar pela escalação de um ator vidente ocupando um espaço que, se oferecido a um ator que entende a realidade que foi construída para Filipe, provavelmente teria gerado discussões internas com a equipe da produção e, assim, mostrado um resultado bem menos falho.

3.1.3.2 *Império* - Um frenético e desastroso olhar para a mente humana que nem toda a subjetividade da arte é capaz de salvar

Domingos Salvador (Paulo Vilhena) tem sua primeira aparição no 18º capítulo do folhetim escrito por Aguinaldo Silva quando, em uma penitenciária, um agente o apresenta a Orville Neto (Paulo Rocha), outro detento, preso por falsificar obras de

arte. Salvador, como é conhecido, é apresentado pelo guarda como “o maluquinho que pinta”, desta forma, embora as intenções de Orville ainda não tenham sido explicitamente apresentadas, fica claro que as mesmas provavelmente envolvem tirar algum proveito das possíveis habilidades artísticas do rapaz.

A primeira aparição de Salvador após a conversa entre o agente penitenciário e Orville, o mostra em uma área afastada dos outros detentos, sentado no chão, de costas, descalço, sussurrando palavras aleatórias e nitidamente inquieto, movimentando as mãos e os pés agitadamente. Depois de um tempo tentando contato e sendo ignorado, Orville consegue um pouco da sua confiança para uma breve conversa sobre um desenho que Salvador fazia na areia, ao notar seu potencial, Orville passa a sondá-lo dentro da prisão.

Salvador tinha a cela repleta de seus desenhos e passava todo o tempo possível dentro dela, desenhando em papéis, na parede e no chão de maneira sempre muito intensa, concentrando toda a sua atenção à atividade e sempre fazendo muitas expressões, como olhos esbugalhados, mastigando as bochechas e falando coisas sem muito sentido para quem está de fora, como se estivesse acompanhado na cela vazia. A arte ocupa nitidamente todo o espaço em sua mente e vida, tanto que Orville consegue se aproximar dele facilmente, se oferecendo a conseguir as melhores tintas para as suas pinturas. Ele usa a arte para expressar as emoções que não consegue comunicar.

Embora a condição de Salvador não seja mencionada abertamente até o último capítulo, as características e comportamentos citados acima são sintomas claros de esquizofrenia<sup>18</sup>, uma deficiência psicossocial endógena, marcada pela perda da realidade, que provoca alucinações visuais e auditivas, delírios e sentimento de perseguição. Apesar de trazer uma boa apresentação inicial de alguns aspectos da esquizofrenia, a trilha sonora escolhida, que tenta acompanhar os sentimentos do homem, algumas vezes parece exagerada. Quando ele pinta com mais intensidade, por exemplo, começa a tocar um rock pesado sem qualquer gradatividade em uma cena que, segundos antes, estava completamente silenciosa,

---

<sup>18</sup> Apesar de muitos profissionais da saúde não a considerarem uma deficiência, a esquizofrenia é um transtorno intelectual e, portanto, aceita como deficiência pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), para além disso, a principal diferença entre uma doença e uma deficiência intelectual é que, no segundo caso, o desenvolvimento das funções necessárias para compreender e interagir com o meio e as pessoas é comprometido permanentemente, o que é o caso da esquizofrenia.



uma aparente tentativa de mostrar como sua mente estava carregada de pensamentos perturbadores que não conseguia expressar e que o sufocavam. Tais cenas são, sem dúvidas, intensas, porém, também um tanto clichês e desmedidas, típicas de obras que tratam de deficiências mentais com o único objetivo de levar drama para a narrativa e sem qualquer preocupação com a irresponsabilidade social de reforçar estereótipos negativos no mundo real. Obras assim costumam apresentar tal tema sem qualquer profundidade e abordagem sobre as reais causas que afetam a mente, é algo exagerado e raso ao mesmo tempo.

Um exemplo de cena que é excedente ao mesmo passo que é vazia, é uma em que Salvador está em sua cela, rabiscando cada vez mais apressado e a música, por sua vez, se torna, também, cada vez mais alta e pesada, até que ele finaliza seu trabalho e vemos que se trata de um autorretrato, o qual encara por longos segundos com um olhar assustado, como se não se reconhecesse, depois ele repete outras caretas caricatas, grita com a própria imagem e pede que o guarda leve o desenho para Orville. Esta parte, além dos exageros, comete um equívoco ainda maior, pois, outras características de uma pessoa com esquizofrenia são a fobia social e o sentimento de que todos a sua volta estão criando algum plano contra ela, desta forma, Salvador é incapaz de confiar ou se aproximar de outros detentos com os quais convive há anos, mas basta Orville elogiar um de seus desenhos, que ele, de repente, começa a querer desenhar cada vez mais, apenas para agradá-lo e, em pouquíssimo tempo, cria uma grande dependência emocional do falsificador, considerando-o seu melhor amigo e sentindo sua falta quando o mesmo deixa a prisão. A impressão é que o roteiro só queria seguir rapidamente com a narrativa para chegar a um determinado fim e não se preocupou minimamente em criar um arco crível ou em realizar uma pesquisa para a construção do mesmo. A partir daí o andamento da trama passa a ser ditado por Orville e seu plano, que consiste em transferir Salvador para um manicômio, onde poderia controlá-lo melhor. E assim, o falsificador de pinturas começa a se tornar o centro de uma narrativa que deveria pertencer à outra pessoa, uma vez que o próprio já tinha a sua.

Durante grande parte da trama, as cenas de Salvador se resumiram a se isolar, pintar, entregar seus desenhos para Orville e ter alucinações acompanhadas de uma trilha exageradamente pesada e um efeito de eco que se estende por tempo

demais, se confundindo e sobressaindo às falas das demais personagens em cena, tornando tudo ainda mais confuso e os acontecimentos, incompreensíveis. Suas cenas de alegria e empolgação também são sobrepostas por sons e ecos excessivos, que não fazem sentido, uma vez que já havia sido estabelecido desde o início, que tais ecos e a música, representavam as vozes que ele ouvia e que lhe diziam coisas ruins e seus sentimentos sobre elas, ou seja, uma tática de edição que seria utilizada em momentos de agonia e tristeza de Salvador, assim sendo, quando usada de mesma forma em seus momentos de alegria, dificulta a compreensão do contexto, além de comprometer o entendimento de algumas das coisas que ele diz. Como se a trilha e o próprio roteiro ainda não fossem o suficiente para deixar explícita a angústia que cerca a vida do pintor, é feito, ainda, o uso de um filtro azul em quase todas as suas cenas de alucinações, tornando tudo ainda mais melancólico, além de certos movimentos de câmera frenéticos, rodando em volta dele com cada vez mais velocidade e o aumento e diminuição constantes do zoom, ou seja, alguns exageros, não apenas falham ao afastar o rapaz das características reais de uma pessoa com esquizofrenia, mas, também, prejudicam a própria narrativa fictícia, que fica muito carregada, desordenada e cansativa.

Em meio a suas alucinações, Salvador falava sobre como a vida é feia, o mundo é podre e tudo é horrível, vê-se que ele carrega muita angústia. Tal abordagem, se feita de maneira equilibrada, seria uma demonstração honesta de como é viver com esquizofrenia, porém, o roteiro se perde ao misturar realidade com ficção de uma forma desmedida, principalmente por conta das tentativas de criar um lado cômico para o rapaz. É difícil acompanhar uma narrativa que transita entre momentos de extrema melancolia e cenas com músicas cômicas, quase circenses acompanhando os trejeitos dele, isso sem qualquer equilíbrio entre as transições. Para além disso, tais tentativas de transformar um homem perturbado em algo divertido são feitas com base na exploração de seus *tícs* e sua ingenuidade quase infantil, ou seja, as características da esquizofrenia no arco de Salvador, quando não são inventadas ou dramatizadas demais, são usadas como alívio cômico e, por vezes, essa quebra de um momento dramático tão intenso, com frases clichês, trilha alta demais e ecos longos demais, para uma cena em que Salvador faz um comentário debochado e sarcástico, é algo que pode causar estranheza. Também não há equilíbrio nas características atribuídas a ele e todas elas se escoram em sua

esquizofrenia, não se vê qualquer característica nele que exista com base em sua personalidade ou vontades a não ser seu gosto de talento pela pintura, de resto, tudo se resume a sua condição.

Apesar de ser uma presença coadjuvante na novela, constantemente Salvador parece, também, sê-lo em seu próprio núcleo narrativo, já que a trama se mostra bem mais preocupada em contar a história de Orville, tanto que, além das suas cenas na cadeia, com outros detentos e sua advogada e amante, vemos também como está vivendo a família do falsificador depois de sua prisão e como sua esposa sofre ao tentar libertar e limpar a imagem do marido, bem como as tentativas dele em reatar o relacionamento após suas traições serem descobertas. Enquanto isso, Salvador não tem ninguém, só aparece quando Orville precisa e, por grande parte da história, parece ter sido criado por conveniência, como um degrau para ajudar no desenvolvimento de seu falso amigo e seus golpes. Salvador quase não tem uma história própria, quase nada que vá além de ser alguém ingênuo o suficiente para ser usado e auxiliar no decorrer da narrativa de outra pessoa.

Mesmo quando algo grave acontece a Salvador, parece ser para contribuir no desenvolvimento de terceiros, como quando ele é atropelado por um homem que precisava chegar a determinado lugar com urgência, o atropelamento, então, o atrasou, gerando tensão à sua narrativa, assim como influenciou, também e novamente, a narrativa de Orville, que precisava que Salvador finalizasse mais telas para possíveis compradores, o que não seria possível se ele se ferisse. Para não dizer que o acidente não teve qualquer influência na vida do rapaz, foi através dele que ele conheceu Helena (Julia Fajardo), primeira pessoa a se aproximar dele com respeito e boas intenções, entretanto, tal fato não pode ser exatamente descrito como positivo, já que o desenvolvimento do relacionamento de ambos é construído com base em estereótipos de deficiências intelectuais e contradições narrativas aqui já descritos. Na cena, Helena vê Salvador caído e o ajuda a manter a calma à espera da ambulância, isso já é o suficiente para que ele, um antissocial que tinha crises de pânico quando alguém novo se aproximava, se acalme instantaneamente, a chame de anjo, queira pintá-la e chame seu nome com lágrimas nos olhos no leito do hospital.

Após o atropelamento, a história de Salvador passa pela já citada narrativa do amor verdadeiro como salvação para todas as aflições da sua vida. O pintor continua sendo usado, ouvindo vozes e não tomando os remédios corretamente (que antes haviam sido apresentados como as únicas coisas capazes de mantê-lo calmo), mas apenas o fato de ter se apaixonado por Helena à primeira vista parece ter feito com que sua vida se tornasse mais alegre do que jamais havia sido e suas aflições sumissem, tudo de uma maneira tão instantânea quanto o surgimento dessa paixão. Ele, inclusive, muda todo o seu estilo de pintura e, ao invés de murmurar o tempo todo que tudo era escuro e frio, de repente havia luz em todos os lugares, mesmo que sua aflição anterior fosse motivada por traumas e abandonos passados e, principalmente, por conta das alucinações e mania de perseguição, provocadas pela esquizofrenia, que ainda existia e não por sua condição de solteiro, ainda assim, tudo muda completamente com a presença de uma mulher que ele acabara de conhecer. A partir daí, a sua agonia demora um pouco para voltar e, novamente, só volta quando é conveniente para a narrativa. Ao menos, de positivo, a trama mostrou que um relacionamento saudável, ainda que repentino, era possível para Salvador, já que a vida sexual e amorosa de pessoas neuroatípicas ainda é um tabu. Apesar dos exageros, nota-se a tentativa de representar este novo sentimento de forma sutil e cuidadosa, no geral, a intenção se faz presente, mas o resultado falha com frequência.

Há, também, algumas cenas que mostram Orville narrando seus planos de se tornar ainda mais rico usando as pinturas de Salvador e planejando o que fazer com todo o dinheiro que estava ganhando, enquanto isso, eram reproduzidas breves imagens de Salvador pintando, alimentando, novamente, a ideia de que a história a ser contada era, na verdade a de Orville, enquanto Salvador era apenas uma peça. O problema maior aqui não é necessariamente que o foco da história seja Orville, mas sim, o fato de que, durante toda a divulgação da novela, houve uma exploração muito maior da imagem de Salvador e de sua história comovente, enquanto mal se via a imagem de Orville, dando a entender que a história a ser contada era a do pintor e que o vilão seria um dos obstáculos que ele teria que enfrentar em busca de seu final feliz, entretanto, na prática, quanto mais cenas eram exibidas, maior era a impressão de que o protagonista era o falsificador. Até que, em certo ponto, já próximo do encerramento da trama, Orville se arrepende, torna-se amigo de

Salvador e passa a trabalhar como seu bem sucedido agente, assim, não restam dúvidas de que, enquanto a imagem de um ex-presidiário esquizofrênico que foi salvo por seu amor pela arte foi a peça chave explorada à exaustão para chamar a atenção do público, na realidade, tudo se tratava de uma história sobre o sucesso, a queda e a redenção de Orville Neto.

De todas as problemáticas presentes na narrativa, a que é consideravelmente maior, são as várias conveniências presentes no roteiro, uma das mais notáveis trata de que Salvador, que é apresentado desde o início, como alguém que tem uma intensa fobia social e é extremamente silencioso, em algumas cenas, quando é oportuno para o desenvolvimento da narrativa, subitamente, se torna falante com *todos* a sua volta. A conveniência fica explícita, pois esta sociabilidade só aparece quando ele precisa que pessoas desconhecidas lhe deem informações específicas para o andamento da narrativa, além de não haver qualquer contexto sobre tal mudança drástica de comportamento. Às vezes, ainda, ele fica acuado com o homem que diz ser seu único amigo, mas fica desinibido com desconhecidos, a quem pede abraços o tempo todo. Como exemplo, Há uma cena em que um grupo de desabrigados invade uma construção desocupada, Salvador entra no local aleatoriamente e, ao invés de demonstrar sua forte sociofobia, ele faz amizade com todo o grupo, só para criar outra cena “cômica”, em que Orville precisa se esforçar muito para tirá-lo de lá enquanto ele insiste em ficar com seus “novos amigos”, de novo, sem qualquer contexto de como essa socialização ocorreu tão facilmente. Tudo o que acontece nesse sentido, independentemente de serem comportamentos verídicos ou não, só ocorre dependendo de como a narrativa precisa seguir e não com base em pesquisas de características reais ou minimamente convincentes.

Após alguns meses, Salvador ganhou um pouco mais de espaço e cenas, mas passou a ser usado explicitamente e quase que 100% do tempo como um alívio cômico falho, com seus *tícs*, crises e impulsividade sendo sempre acompanhados de bordões e trilhas divertidas, além de situações que tentam ser engraçadas ao trazerem pessoas o imitando sem que, em momento algum, a narrativa dê a entender que estas atitudes podem ser degradantes, tudo soa como brincadeira, ainda que o teor cômico também seja fraco. A trama falha, não ao tentar trazer um ar mais leve e alegre para Salvador através da comédia, mas, sim, por conta da sua abordagem. *Special*, por exemplo, é uma comédia de qualidade, feita com base nas

adversidades da vida de uma PcD e não nas características intrínsecas da deficiência, contadas do ponto de vista estereotipado de pessoas que parecem não saber abordar nem a deficiência e nem a comédia.

Foi de maneira extremamente repentina que o arco narrativo de Salvador passou de algo que se resumia a puro drama, para uma comédia *pastelão*, não importa quantas vezes a narrativa tenha mudado o tom da história, ela falhou em todas. Aparentemente, em certos momentos, o texto cria vida e nem o próprio autor entende o que está acontecendo, ocorreu, inclusive, de algumas cenas misturarem trilhas tensas e cômicas, ambas exageradas, como se o roteiro tivesse se perdido em meio às suas próprias mudanças bruscas e já não soubesse mais qual tom queria dar para a narrativa ou mesmo o que pretendia causar no público.

Em termos de interpretação, por vezes o ator parece se esforçar para fazer expressões que, além de exageradas, parecem também forçadamente cômicas (embora raramente consigam ser, de fato, engraçadas), como quando ele se agrada com algo e abre um sorriso grande, mexendo as sobrancelhas para cima e para baixo freneticamente, enquanto encara a câmera. Há ainda, momentos em que ele enrola e exhibe a língua ao falar alguma palavra, mesmo que Salvador não tivesse demonstrado qualquer vício verbal ou problema de dicção até então, por exemplo, até a sua forma de caminhar e se virar quando alguém o chama é exagerada. Por mais que a esquizofrenia, de fato, provoque algumas agitações comportamentais, a narrativa parece não se satisfazer com as mesmas e constantemente inventa excentricidades irreais para Salvador sem motivo ou necessidade.

Em suas últimas cenas, Salvador se vê livre de toda a exploração em que vivia, tem suas artes e seu nome reconhecidos e se torna um pintor de sucesso, mas a esta altura já é tarde para que ele deixe de ser uma peça na narrativa de Orville e tenha sua própria história contada. Ele começa a se mostrar e sobem os créditos, fim da novela e, talvez, para o bem dos poucos pontos positivos que sobreviveram em sua narrativa, tenha sido melhor assim.

Ao final da trama, foi criado um desfecho de “recuperação” extremamente irresponsável para Salvador, já que ele permaneceu, aparentemente, sem qualquer auxílio profissional e sem a companhia de pessoas que tivessem qualquer conhecimento sobre esquizofrenia. As únicas mudanças foram em sua carreira e

vida amorosa, que deslançaram, ainda assim, em sua última cena, quando se vê próximo a uma faca e passa a ter alguns pensamentos violentos, ele parece travar uma luta interna por alguns segundos, até que pega a faca, guarda e diz que agora quem manda é ele e não as vozes e que elas não iriam mais falar, só ele, como se fosse uma questão de escolha e não um distúrbio tratável, porém, incurável. Sua última cena foi bonita, mas também foi a mais irresponsável e distante da realidade de todas.

Uma ação realizada após a conclusão da novela, que não se relaciona com a construção de personagem em si, mas envolve Salvador e sua arte foi um leilão feito em 2015 com algumas das obras mostradas na novela, cuja verba foi revertida para o Museu de Imagens do Inconsciente do Instituto Municipal Nise da Silveira. O museu surgiu com a finalidade de expor obras de pacientes do instituto, que provavelmente entenderiam a paixão de Salvador pela arte e a influência da mesma em sua vida como ninguém, ainda assim, a responsável por criar as pinturas mostradas na trama foi Ana Durães, artista plástica neurotípica.

### 3.1.3.3 *Viver a vida* e a tetraplegia como circunstância e não limitação

Esta novela foi uma produção de Manoel Carlos, exibida pela Rede Globo em seu horário nobre e surgiu com a proposta de contar a história da primeira (e única) Helena<sup>19</sup> negra em uma obra do autor, interpretada por Taís Araújo. A personagem analisada, entretanto, foi Luciana (Alinne Moraes), uma modelo, colega de profissão e, posteriormente, enteada da protagonista.

Logo no primeiro episódio, o público já é apresentado a Luciana, aparentemente, uma clássica menina rica da teledramaturgia, um tanto superficial e muito mimada. Sempre querendo toda a atenção para si, a jovem sonha em se tornar um grande nome nas passarelas do Brasil e do mundo e não entende como isso ainda não aconteceu, já que se vê como a melhor no que faz e, ainda assim, Helena parece conseguir todos os trabalhos e a fama que ela sempre quis, o que a causa inveja. Luciana, apesar de sonhar com todo o *glamour* da profissão, não quer ter as mesmas obrigações que as demais colegas, justamente por se ver como

---

<sup>19</sup> Inspirado em Helena de Troia, filha do deus Zeus com a mortal Leda, rainha de Esparta, e descrita, na mitologia grega, como a mulher mais bonita do mundo, o autor tornou-se conhecido por escrever novelas com protagonistas que compartilham de mesmo nome, foram nove “Helenas” entre 1980 e 2014.

superior, a modelo tem a personalidade de uma típica antagonista de novela, ainda que não seja uma completa vilã. Ela namora o arquiteto Jorge (Mateus Solano), um homem elegante e sério que tem um irmão gêmeo, Miguel (Mateus Solano), um médico que, como o completo oposto do irmão, é brincalhão e despojado.

A deficiência de Luciana não é de nascença, mas, sim, adquirida após um acidente, que só vem a ser exibido no capítulo 46, até lá, não há nada relacionado à temática de deficiências que possa ser analisado na narrativa, entretanto, ao final do primeiro capítulo é exibido um depoimento de uma mulher chamada Virginia Diniz Carneiro, uma cadeirante de 85 anos que teve poliomielite. Em seu depoimento, a senhora fala sobre as dificuldades que enfrentou e as palavras desencorajadoras que ouviu da família após contrair a doença, como: “Você não vai conseguir se recuperar”, “Se você não fosse assim [...]”, “Ninguém vai querer se casar com você neste estado”, e muitas outras coisas nas quais, felizmente, nunca acreditou, ela conta, também, como realizou e conquistou tudo o que duvidavam que ela seria capaz. Além do depoimento de Virginia, muitas outras histórias de superação foram sendo contadas ao final de cada capítulo, nem sempre era o depoimento de uma PcD, algumas pessoas contaram como superaram doenças, crises financeiras e etc, mas ainda assim, enquanto acompanhávamos a história de Luciana, interpretada por uma atriz sem deficiência, podíamos, também, ouvir PcDs reais falando com propriedade sobre suas deficiências.

Durante os primeiros 45 capítulos da novela, a história de Luciana resumiu-se às suas tentativas de subir na carreira e sua inveja de Helena, durante este período a modelo apresentava constantemente atitudes mesquinhas e sempre havia alguma outra personagem em cena dizendo desejar que algo (não necessariamente ruim) acontecesse para que ela se tornasse mais humana, solidária e aprendesse a ser uma pessoa boa e é justamente após um desses discursos que Luciana sofre um grave acidente rodoviário e, assim, no 47º capítulo da trama, é confirmada a suspeita de que a jovem havia tornado-se tetraplégica, ou seja, perdido os movimentos dos ombros para baixo. Os primeiros momentos de Luciana após receber esta notícia são de descrença e revolta, reação esta que foi legitimada e reforçada por diversos depoimentos exibidos ao final de alguns capítulos e vindos de pessoas que, após passarem por situações semelhantes, afirmaram que, mesmo podendo parecer dramática demais, a cena foi tão honesta quanto seria possível.



Muitas das cenas que têm grande carga dramática são mais justificáveis do que as vistas nas demais análises aqui apresentadas, uma vez que, nestas outras, o drama é constantemente exagerado e distorcido, mas aqui, a deficiência surge em um grande momento da carreira de uma mulher arrogante, que sempre teve tudo o que quis sem qualquer esforço. Assim, muitos de seus momentos de revolta são compreensíveis, como sua inicial aversão à cadeira de rodas e às adaptações feitas em sua casa, para melhor acolhê-la, por exemplo, são nestes momentos que ela percebe que sua condição pode ser e, provavelmente, será permanente.

O processo do acidente e os passos seguintes após o resgate são retratados com muitos detalhes, a exemplo dos testes realizados constantemente para conferir se ela sentia algo, as reuniões entre a equipe médica, a família e a própria Luciana, inclusive, o processo dos exames realizados para constatar a gravidade do seu estado, contaram com diálogos entre as equipes médicas discutindo as fraturas sofridas e como as mesmas provocaram a tetraplegia, deixando assim, o tema muito claro para quem assiste. Aqui, é interessante notar que, diferentemente de outras obras analisadas, como a personagem adquire a deficiência ao longo da trama, há a possibilidade de que o público acompanhe mais de perto as características típicas da mesma, desde causa até tratamento e avanços conquistados, além, é claro, da nova rotina da personagem, algo que é representado de forma muito educativa. É claro que, nas cenas que se passam no hospital, são usados muitos termos médicos que não são de fácil entendimento para o grande público, mas de maneira geral, muito é ensinado sobre a tetraplegia em meio aos diálogos. Algumas questões mais sentimentais e menos técnicas, como a aflição da família, que temia o pior e o processo de entendimento do acontecimento por parte de Luciana, foram, também, tratadas com muito cuidado e sensibilidade pelo roteiro.

Em contrapartida às abordagens sensíveis do tema, vistas nas ocasiões citadas acima, quando o médico dá a Luciana a notícia sobre a sua perda dos movimentos das pernas e a modelo fica naturalmente muito nervosa, ela pergunta se vai ficar “aleijada”, este termo, quando usado por Luciana, não é chocante, já que a mesma, como dito anteriormente, vinha demonstrando comportamentos questionáveis e uma visão preconceituosa sobre diversos assuntos desde o primeiro capítulo. Ainda assim, uma problemática surge quando o médico, um profissional da área e, supostamente, um dos melhores e mais éticos profissionais do país, confirma

seu questionamento com naturalidade, como se o termo “aleijada” fosse adequado para descrever uma deficiência física e não um vocábulo preconceituoso e capacitista que deve ser corrigido.

Há outros diálogos que disseminam ideias capacitistas, como nas cenas em que certas pessoas dizem que Luciana não é mais uma “pessoa inteira”, que ela “está morta”, que costumava ser perfeita e agora está “meio viva”, etc. O problema principal não está nas falas em si, afinal, infelizmente, estas são coisas que pessoas com deficiência de fato ouvem, a questão é que, muitas vezes, estas falas vêm de pessoas que, de acordo com o roteiro, são evoluídas, estudadas, sábias e livres de preconceitos. Então, se o problema claramente não está na personalidade de cada personagem que diz algo assim, então, só pode estar no roteiro em si, que atribui tais falas a personagens que costumam dizer a verdade e estar com a razão, sem, em momento algum, inserir diálogos as corrigindo.

A trajetória de Luciana e sua relação com a tetraplegia foram narradas desde seu período de descoberta e negação, passando pela revolta, aceitação e por fim, recuperação, quase sempre de forma bastante crível e respeitosa no que diz respeito a sua nova realidade e como tudo isso afetou não só a ela, mas, também, a sua família, de forma muito detalhada e não superficial. Quanto a suas oscilações de humor, por exemplo, enquanto Luciana transita entre momentos felizes e dias melancólicos, o roteiro trabalha de forma a deixar claro o quanto o acontecido havia abalado sua autoestima e alegria, mas não transformou sua existência em um grande drama como se nada mais existisse além de suas limitações ou como se não houvesse mais uma perspectiva de futuro pessoal ou profissional para ela.

Notem que, no parágrafo anterior, é dito que a narrativa sobre a nova condição de Luciana é *quase* sempre crível e respeitosa, isso porque o roteiro acaba, em alguns momentos e ainda que brevemente, caindo em alguns clichês batidos de personagens PcDs abordados ao longo deste trabalho, um exemplo claro ocorre ainda quando Luciana está no hospital, após já ter recebido seu diagnóstico, ali, por vezes, ela se questiona se o acidente não teria sido um castigo divino por certas atitudes suas, nestes momentos, em que se sente responsável por seu próprio sofrimento, ela tem lapsos de bondade extrema nunca vistos antes, já que, até então, a jovem modelo culpava Helena por tudo o que acontecia de ruim em sua

carreira, bem como, por suas frustrações pessoais, ela via Helena como uma mulher manipuladora e falsa, além de nunca havia apoiado o relacionamento entre ela e seu pai, chegando, inclusive, a chantageá-lo numa tentativa de forçá-lo a abandonar a protagonista. Entretanto, quando descobre que o casal havia discutido após a sua internação e que Helena havia saído do apartamento que dividiam, surge instantaneamente uma Luciana completamente nova, uma que faz um discurso maduro sobre felicidade, enquanto pede para que seu pai vá atrás da sua amada, isso pouquíssimos dias após ela mesma ter feito de tudo para separá-los e ter culpado Helena por seu acidente.

Todas as pessoas são, logicamente, capazes de mudar e amadurecer com o tempo e o mesmo poderia se aplicar a Luciana, mas, considerando que, na noite do acidente, ela havia tido uma grande briga de ego com Helena e que nunca havia demonstrado qualquer tipo de interesse em aceitá-la em sua família, esta mudança, principalmente por ter acontecido de forma tão repentina e não naturalmente, com o passar do tempo, presumivelmente, causou estranhamento. É como se o acidente a tivesse prontamente tornado uma pessoa boa e empática como nunca havia sido, tanto que ela decide, de forma igualmente abrupta, que quer resolver as coisas com Helena, algo que nunca quis antes e sem que haja qualquer motivo relevante que justifique essa mudança tão grande e tão súbita. Alguns dos depoimentos reais mostram pessoas que se viram na mesma situação de Luciana e se tornaram seres humanos melhores, mas foi sempre um processo motivado, também, por várias outras questões além de seus acidentes e não algo da noite para o dia como ocorreu com a personagem.

Logo que Luciana deixa o hospital e volta para a casa, a trama passa a discutir outras questões que vão além de sua vida, como a falta de estrutura e acessibilidade no próprio prédio onde ela morava com a mãe e as irmãs, algo para que nunca haviam dado atenção, mesmo enquanto adaptavam o apartamento para sua volta, só se deram conta do problema quando Luciana chegou e sua maca não coube no elevador.

Pouco tempo após voltar para casa e notar que permanecia quase tão limitada quanto no hospital, Luciana se vê ainda mais presa e suas frustrações voltam com força total, o que só piora a cada visita que recebe, quando, diversas

vezes, ouve elogios a sua aparência e seu trabalho, até, então, visto como mediano. Ao notar o comportamento repetitivo, ela sente como se tivesse morrido e agora todos se vissem na obrigação de amá-la e elogiá-la. Tal reflexão faz total sentido ao notarmos como o acidente parece ter conferido uma qualidade jamais observada em seu trabalho, já que ela nunca havia sido considerada uma grande modelo e nem mesmo havia sido a primeira opção para muitos dos seus trabalhos e agora, que estava impossibilitada de trabalhar da mesma forma que antes, as mesmas pessoas que criticavam sua forma de posar e desfilas, estavam agindo como se seu trabalho fosse melhor do que de fato era, apenas por conta de sua deficiência, ainda que uma modelo mediana seja mediana com ou sem deficiência, bem como, seja capaz de lidar com esta verdade, independentemente de sua condição física. O direito a um tratamento normal e a críticas construtivas lhe havia sido negado e agora, ela, que sempre fora acusada de ser mesquinha e mimada, parecia ter se tornado um símbolo de superação e todas as suas falhas haviam, aparentemente, desaparecido.

Embora, tenha passado a viver em uma rotina sem grandes mudanças durante boa parte da trama após sua saída do hospital, o arco de Luciana traz muito mais conteúdo do que o de muitas personagens PcDs aqui analisadas, ela passa boa parte de seu tempo deitada na cama e sai pouquíssimas vezes, por conta da depressão que desenvolve, além de falar muito pouco também. Por outro lado, há sempre os diálogos com médicos e familiares que costumam ser muito informativos e as suas próprias falas, ainda que breves, também descrevem muito bem como ela se sente a cada fase de sua vida, ou seja, apesar de viver em uma rotina um tanto parada, existem outras narrativas relacionadas a ela, que compensam esse marasmo de alguma forma.

Ao longo da trama, Luciana oscila entre momentos de alegria e profunda tristeza e, apesar das falhas apontadas na construção de alguns traços de sua personalidade, não há como negar a profundidade presente na mesma. Ela não é um poço de positividade e exemplo, mas tampouco é apática o tempo todo, não se encaixa em um único rótulo raso e mal explorado, como muitas vezes acontece com personagens com deficiência, que não têm qualquer desenvolvimento emocional e são apenas usadas como acessórios narrativos para outras finalidades.

Com relação a preconceitos, Luciana passa por poucas situações em que o mesmo ocorre de maneira explícita, mas por várias em que se notam olhares e insinuações sutis, principalmente de capacitismo. Por exemplo, quando alguém quer saber algo sobre ela, é comum que perguntem a sua mãe, mesmo que ela esteja presente, como se não pudesse responder por si própria. Percebe-se, em casos como esse, uma preocupação da produção em retratar cada mínimo detalhe da vida de alguém que se torna tetraplégico e não apenas as situações e os comportamentos alheios mais conhecidos, esperados e explícitos, como falta de acessibilidade e suposições quanto a limitações, por exemplo, para além disso, há um aprofundamento raro em produções com personagens PcDs. Nota-se, também, a dedicação em apresentar formas de se permitir que a pessoa com tetraplegia torne-se cada vez mais independente, como nas cenas em que Luciana ganha adaptadores que a auxiliariam a passar maquiagem ou segurar o garfo e levá-lo à boca, estas cenas costumam ser longas, pois não mostram apenas que os aparelhos existem, mas sim, toda uma explicação de como usá-los e, claro, uma demonstração feita por Luciana. É claro que a jovem, por ser de uma família milionária, tem acesso aos melhores tratamentos e aparelhos, entretanto, ao longo da narrativa são mostradas outras formas de se viver uma vida independente ainda não se tenha acesso a tantos privilégios.

Provavelmente, as PcDs apresentadas nas demais novelas aqui analisadas não tenham tido tantos detalhes de suas vidas e condições abordados por não terem tido um papel de tanto destaque quanto Luciana, que chegou a ter mais cenas e despertado mais interesse no público do que a própria protagonista da trama. Entretanto, não é apenas a quantidade de detalhes mostrados sobre a tetraplegia e seus tratamentos que se destacam e, sim, o nítido cuidado e esforço realizado pela produção do folhetim para representar pessoas e situações reais através de Luciana, com o máximo possível de informação e, também, cuidado e respeito, apesar de alguns deslizes capacitistas que são, em sua maioria, amadores e facilmente evitáveis. Por vezes, a obra ia para além da ficção, quando, dentro da história, também eram divulgados projetos e eventos reais em prol da acessibilidade e inclusão.

Em certo ponto da trama, uma nova personagem é apresentada, é uma jovem cadeirante chamada Camila (Vanessa Romanelli), cuja intérprete também é PcD,

que se torna amiga de Luciana e passa a tirar suas dúvidas sobre a vida em uma cadeira de rodas. Neste momento, o roteiro segue o mesmo esquema de criar diálogos explicativos de forma a esclarecer questões sobre a tetraplegia, tanto para as personagens em cena, quanto para o público, Luciana e Camila falam sobre diversos temas, desde os mais simples, como as atividades que a jovem já seria capaz de realizar com os poucos movimentos que havia recuperado até então, até temas considerados tabus, como diferentes formas de se manter a vida romântica e sexual ativa mesmo sem os movimentos das pernas, uma grande insegurança de Luciana, que temia não ser mais capaz sentir e dar prazer ou engravidar, mas que é plenamente possível com simples adaptações. Apesar de começar a novela apaixonada por Miguel, com o tempo, os sentimentos de Luciana mudam e ela passa por altos e baixos até, de fato, encontrar o amor e descobrir suas possibilidades neste campo e, diferente de muitas produções aqui citadas, este romance não é o que traz sentido a sua vida, apenas complementa uma felicidade que já existia.

Dentre as atividades e capacidades descobertas e exploradas por Luciana após conhecer Camila, estavam: Se maquiar, comer, andar de *handbike*<sup>20</sup>, voltar a fotografar e desfilhar, usar uma cadeira de rodas motorizada, usar o computador e ter relações sexuais, tudo sem romantizar sua condição, deixando claro que tudo é um processo lento e que existem, sim, limitações, mas que estas não a definem. Quase tudo é tratado de forma realista e não excessivamente dramatizada e a deficiência não foi usada pelo autor como apenas um instrumento para certa finalidade, um obstáculo ou um meio para justificar certo fim, era apenas parte de quem Luciana se tornou ao longo da trama.

Ainda que Luciana tenha desejado mais que tudo voltar a andar e se frustrado muito com sua nova deficiência, com o tempo, veio a aceitação e ela voltou a sonhar com sua carreira, constantemente se recordando e falando sobre suas conquistas e o que ainda desejava para o futuro, mas não mais com amargura e revolta e sim com saudosismo. Sua deficiência, também, nunca foi retratada como um problema, uma punição ou um desafio passageiros, era uma condição, uma característica que

---

<sup>20</sup> Bicicleta desenvolvida para cadeirantes e pessoas com pouca mobilidade nos pés e pernas, na qual as pernas ficam esticadas e os pedais são controlados pelas mãos.

Luciana havia adquirido e com a qual aprendeu a viver naturalmente e não algo que teve que superar para que pudesse viver uma vida plena e feliz.

Para além de Luciana, outra personagem que contribuiu positivamente para a temática da narrativa, foi a fisioterapeuta Larissa (Patrícia Carvalho-Oliveira), cuja intérprete recebeu elogios da classe médica, não apenas pela qualidade de sua atuação mas, também, por conta da veracidade, cuidado e seriedade com que o assunto foi tratado por sua personagem que, em cada cena de trabalho explicava os efeitos de cada exercício sobre o corpo e como isso ajudaria Luciana a ter mais independência. A personagem não via sua paciente como alguém que estava preso a uma cama sendo triste, ela via uma perspectiva de evolução e essa perspectiva é apresentada e explicada ao público com base na realidade, a tetraplegia não é um mero acessório narrativo. Tal resultado é fruto de um trabalho intenso de pesquisa que envolveu, não apenas profissionais da fisioterapia, mas, também, pessoas com tetraplegia e o resultado, em comparação a outras produções que não demonstraram o mesmo comprometimento, deixa nítido como a presença de PcDs faz a diferença no processo de produção de narrativas sobre o tema.

Parabéns pelo seu trabalho. Sou fisioterapeuta neurológica há 23 anos e sinto-me plenamente retratada na sua atuação. [...] Obrigada pelo seu empenho e compromisso com a postura profissional da sua personagem.

(Solange Canavarro, sobre a interpretação de Carvalho-Oliveira, online)

Esta obra é um caso em que, apesar da escalação de uma atriz sem deficiência para interpretar uma PcD, atitude condenada ao longo de todo este trabalho, há diversas compensações. Nota-se que, diferentemente do que costuma ocorrer, ao menos nos bastidores e em algumas cenas de coadjuvantes, houve participação e valorização intensas de pessoas com deficiências, que foram essenciais para o alto nível de qualidade visto ao longo de toda esta narrativa.

### 3.2 APONTAMENTOS GERAIS ACERCA DAS OBRAS ANALISADAS

A partir da realização desta análise de obras, foi possível notar alguns padrões, por exemplo, o drama está muito mais presente nas telenovelas do que em qualquer outra obra, o que não surpreende completamente, considerando que o mesmo é conhecido por ser uma das principais características de tal formato

audiovisual em qualquer narrativa, seja ela a respeito de personagens com deficiência ou não. Entretanto, as obras deste formato aqui analisadas criaram arcos narrativos com níveis de drama mais exagerados e irreais para suas personagens com deficiência do que se via em qualquer outro núcleo presente nas mesmas , fazendo uso constante de estereótipos e falsas concepções sobre a vida com deficiências, de forma a apelar ainda mais para a comoção do público.

Quanto às séries, notou-se que suas narrativas são, frequentemente, bem menos clichês, equivocadas e rasas, mesmo as que não foram produzidas ou protagonizadas por pessoas com deficiência. Em meio aos seus erros e equívocos, estas produções parecem ter uma visão mais próxima do real e mais preocupada em narrar histórias sobre pessoas com deficiência de uma forma mais natural, ainda que fictícia, sem a intenção de, unicamente, explorar o melodrama que uma visão capacitista projeta sobre as deficiências. Estas obras parecem mostrar PcDs vivendo situações muito menos fantasiosas e mais próximas às vividas por qualquer outra personagem.

Já os filmes, por sua vez, parecem ser um meio termo, pois, nos casos aqui citados, suas narrativas seguem padrões que parecem depender, não do formato especificamente, mas, também, da sua época de produção e da geração a qual os profissionais envolvidos pertencem, de forma que, as produções mais recentes e que contavam com PcDs em suas equipes e elencos, entregam um resultado muito mais satisfatório se comparado às que são mais antigas e/ou que seguiram o caminho oposto. Esta tendência, portanto, ainda que se mostre lenta, gera um otimismo quanto ao futuro da representação de pessoas com deficiência em produções audiovisuais.

### 3.3 PERCEPÇÕES DO PÚBLICO

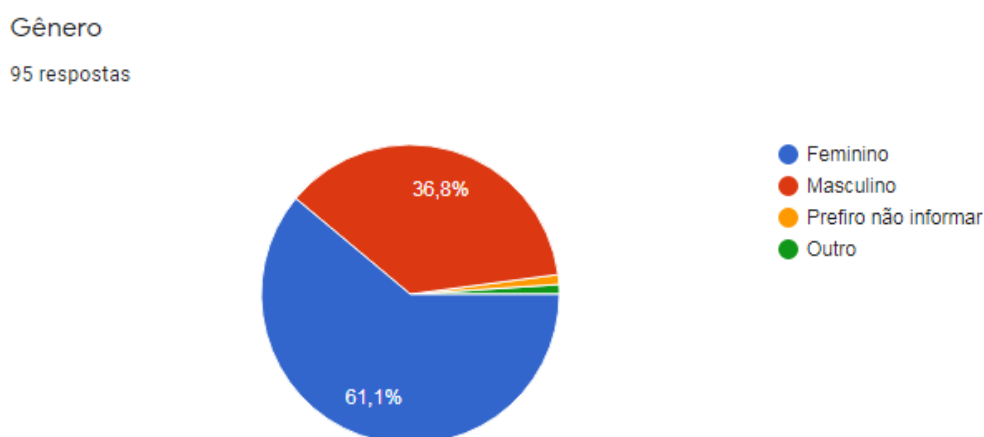
Com o intuito de compreender diferentes pontos de vista acerca da construção de personagens PcDs nas mais diversas produções audiovisuais e como a mesma pode ou não refletir na sociedade, foi produzido e aplicado um questionário, a ser analisado a seguir.



O documento, disponibilizado entre os dias 9 de agosto e 29 de setembro de 2020, foi compartilhado virtualmente em grupos de pesquisas acadêmicas e PcDs no *Whatsapp* e no *Facebook*, bem como, com amigos e familiares e apresenta 11 questões, sendo oito fechadas e três abertas. Nas duas semanas anteriores a esta data, o questionário foi submetido a um pré-teste com uma porcentagem menor de participantes dos mesmos grupos, de forma a compreender se todas as questões se faziam claras e relevantes para, então, realizar os ajustes necessários e chegar ao resultado final. A construção das perguntas baseou-se, majoritariamente, em pesquisas e análises de autores já descritos ao longo do trabalho. As questões nove e dez, especificamente, foram inspiradas e adaptadas do Teste de Bechdel<sup>21</sup>, originalmente desenvolvido como uma maneira simples e objetiva de identificar se determinadas produções faziam um bom uso da imagem de suas personagens femininas, assim, as questões originais, que tratavam da presença e construção de personagens mulheres, foram adaptadas para personagens com deficiência. Durante o período em que ficou disponível, o questionário contou com 95 respostas.

As duas primeiras questões tratam da identificação de cada participante, de forma a compreender o perfil do público que teve maior participação na pesquisa.

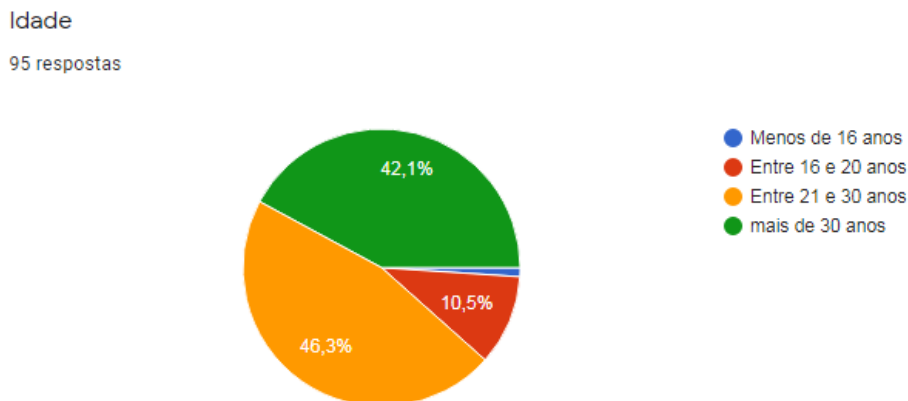
Figura 1: Questão relacionada ao gênero das pessoas participantes



<sup>21</sup> Criado pela cartunista Alison Bechdel, em 1985, tinha o objetivo de satirizar as obras hollywoodianas que representavam as mulheres de maneira estereotipada e clichê, após se tornar popular, passou a ser parâmetro para algumas produtoras que, antes de aprovarem alguma produção, a submetem às 3 seguintes regras: 1) Ter ao menos duas personagens femininas; 2) Que conversem entre si; 3) Sobre algo que não seja relacionado a homens. Se as regras não forem seguidas, a produção não faz um bom uso de personagens femininas.

Fonte: Produção Própria

Figura 2: Questão relacionada à idade das pessoas participantes



Fonte: Produção Própria

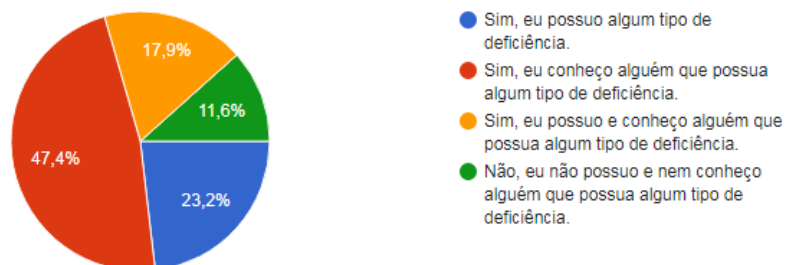
Como indicado nas figuras 1 e 2, a maior parte das contribuições veio do público feminino, com 61,1% de participação (68 pessoas), seguido do masculino, com 36,8% de participação (35 pessoas), por fim, 1,1% (uma pessoa) se identificou como pertencente a outro gênero e a mesma porcentagem optou por não se identificar. Quanto às faixas etárias, 46,3% tinham entre 21 e 30 anos (44 pessoas), 42,1% tinham mais de 30 anos (40 pessoas), 10,5% tinham entre 16 e 20 anos (10 pessoas) e 1,1% tinha menos de 16 anos (1 pessoa).

Após a identificação das pessoas participantes, a próxima questão buscou verificar quantas pessoas possuem ou conhecem alguém que possua alguma deficiência. As respostas obtidas estão representadas no gráfico abaixo:

Figura 3: Questão a respeito da convivência com deficiências.

Você possui ou conhece alguém que possua algum tipo de deficiência? (física, intelectual, auditiva, visual ou múltipla)

95 respostas



Fonte: Produção própria

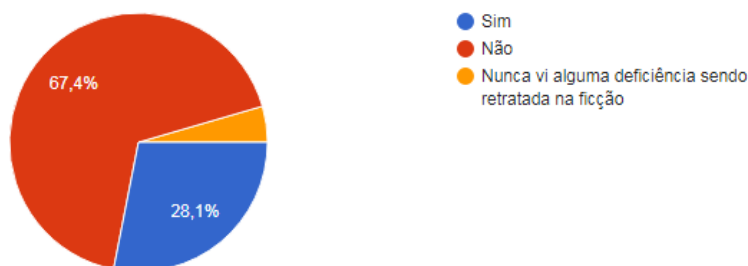
Como indicado na imagem, 47,4% (45 pessoas) afirmaram conhecer alguém que possua algum tipo de deficiência, 23,2% (22 pessoas) afirmaram possuir alguma deficiência, 17,9% (17 pessoas) afirmaram tanto possuir quanto conhecer alguém que possua alguma deficiência e 11,6% (11 pessoas) afirmaram não possuir nem conhecer alguém que possua alguma deficiência. Portanto, nota-se que grande parte das respostas obtidas ao longo do questionário vieram de pessoas que convivem com as mais diversas condições físicas e/ou intelectuais que constituem uma deficiência e, portanto, contribuíram com experiências pessoais e não apenas apercepções e deduções para a pesquisa.

A próxima questão, dispensada para quem respondeu não possuir nem conhecer quem possua alguma deficiência, se refere às construções de personagens com deficiências nas produções audiovisuais vistas pelas pessoas participantes da pesquisa e o quão realistas e relacionáveis estas personagens e suas narrativas são para quem, de fato, sabe ou conhece quem saiba como é viver com uma deficiência:

Figura 4: Questão relacionada à verossimilhança entre ficção e realidade de PcDs

A forma como a deficiência costuma ser retratada na ficção é fiel à personalidade e a realidade vivida por você ou pela pessoa com deficiência que você conhece?

89 respostas



Fonte: Produção Própria

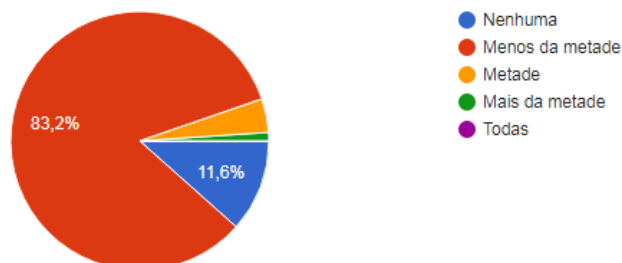
Esta questão, que obteve 89 respostas, trouxe resultados que indicam que, apesar de terem ocorrido mudanças e evoluções na forma como as pessoas com deficiência são vistas e representadas, ainda existe um caminho a ser percorrido e falhas a serem corrigidas no que diz respeito às narrativas de personagens PcDs. Mais do que mostrarem que estas pessoas existem, espera-se que estas obras tratem de maneira honesta a forma como elas são e vivem, sem usar de suas condições para outros fins narrativos. A alta porcentagem de pessoas que indicaram que a forma como as deficiências são retratadas pela mídia não é fiel à personalidade e a realidade vivida por elas e/ou pelas PcDs que elas conhecem (67,4%, equivalente a 60 pessoas) demonstra uma possível falta de preocupação ou preparação por parte das equipes responsáveis por produções audiovisuais em compreender a fundo as histórias que estão tentando contar, uma vez que não há grande utilidade em criar personagens inspiradas em pessoas reais se estas não vão contar histórias reais. Ao fazer isto, a produção está apenas se apropriando de histórias e lutas que precisam e merecem espaço e visibilidade, para criar uma falsa ideia de empatia e preocupação com uma minoria que acaba por ser ainda mais vista como frágil e destoante, ao invés de naturalizada e normalizada.

A quinta figura é referente à quantidade de produções audiovisuais assistidas pelas pessoas participantes, que contavam com ao menos uma pessoa com deficiência. Os resultados foram os seguintes:

Figura 5: Questão referente à quantidade de produções assistidas com ao menos uma PcD

Das produções audiovisuais que você se recorda (filmes, séries, telenovelas, etc.), quantas contavam com ao menos uma personagem com deficiência?

95 respostas



Fonte: Produção Própria

Como indicado no gráfico, 83,2% das respostas (79 pessoas) afirmam que menos da metade das produções que se recordam de terem assistido contava com ao menos uma personagem com deficiência, 11,6% (11 pessoas) responderam “nenhuma”, 4,2% (4 pessoas) responderam “metade”, 1,1% (1 pessoa) respondeu “mais da metade” e ninguém respondeu “todas”. Considerando que a maior parte das respostas veio de pessoas entre 20 e 30 e com mais de 30 anos, que existem 5 tipos de deficiência (com diversas particularidades dentro de cada uma) que poderiam ser abordadas e que a questão abarcou todos os tipos de produções audiovisuais (filmes, séries, novelas, etc.), fica nítida a escassez de representatividade PcD na ficção nos últimos anos. Ao retornarmos à questão anterior, na qual a maioria das respostas indicou a falta de veracidade nas construções e narrativas de personagens com deficiências, se a relacionarmos com esta, chega-se, então, à conclusão de que são pouquíssimos os que se importam em trazer este tipo de representatividade para as suas histórias e, aqueles que se importam, o fazem, majoritariamente, de maneira equivocada.

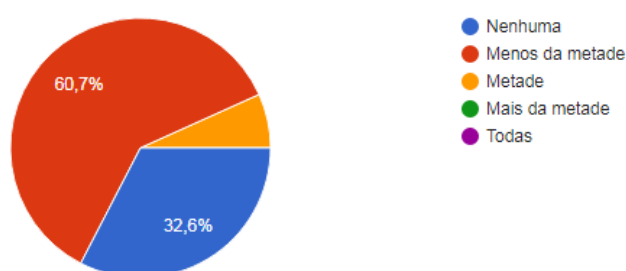
Para aquelas pessoas que não assinalaram a opção “nenhuma”, na última questão analisada, foram feitos os três questionamentos a seguir:

Acerca da prática de *Cripface*<sup>22</sup>, esta questão trata da quantidade de personagens PcDs sendo interpretadas por atores e atrizes também PcDs já vistas pelas pessoas participantes, as respostas dadas foram:

Figura 8: Questão relacionada a personagens interpretados por PcDs

Quantas destas personagens foram interpretadas por pessoas que de fato têm alguma deficiência?

89 respostas



Fonte: Produção própria

O número de pessoas que afirmaram que menos da metade das personagens PcDs que já assistiram, foram interpretadas por atores/atrizes com deficiência foi de 60,7% (54 pessoas), 32,6% (29 pessoas) assinalaram “nenhuma”, 6,7% (6 pessoas) assinalaram “metade” e ninguém assinalou “mais da metade” ou “todas”. Tais números reforçam a importância de se contratar profissionais PcDs para interpretar personagens com deficiência, ainda que se trate de uma obra de ficção, uma vez que, para profissionais sem qualquer deficiência, não costumam faltar trabalhos, independentemente das condições físicas e ou neurológica das personagens que lhe são atribuídas. Já para atores e atrizes com deficiência, a tendência costuma ser, como já foi abordado, atribuir trabalhos nos quais estas pessoas interpretam personagens cujos arcos narrativos resumem-se às suas deficiências, comumente representadas de maneira rasa, uma vez que as histórias também costumam ser escritas por quem não tem e não entende sobre deficiências. A questão é, se para pessoas com deficiência são reservados apenas papéis que

<sup>22</sup> Prática de escalar atores e atrizes sem qualquer deficiência e/ou neurotípicos para interpretar PcDs e/ou pessoas com autismo ou transtornos psicológicos. Seu nome faz alusão ao termo “*Blackface*”, que ocorre quando pessoas brancas são escaladas para interpretar personagens negros, utilizando tinta em seus rostos e corpos e, quase sempre, interpretando papéis que perpetuam estereótipos negavos atribuídos a eles.

giraram em torno de suas condições, porém, e de acordo com as respostas indicadas no gráfico acima, tais papéis têm sido majoritariamente distribuídos a profissionais sem deficiência, o que resta aos profissionais PcDs?

Tal questionário, como descrito em sua introdução, foi aplicado em 2020, entretanto, abrirei um parêntese sobre os resultados do gráfico anterior para citar algumas conquistas. Além do filme *Fuja* (2020), citado neste trabalho como o primeiro filme de suspense em mais de quatro décadas a contar com uma atriz protagonista PcD, em 2021, a *Marvel Studios*, uma das produtoras cinematográficas de maior influência, principalmente entre jovens, na atualidade, lançou o filme *Eternos* (2021), sobre um grupo de super-heróis imortais do qual faz parte a personagem surda Makkari (Lauren Ridloff), uma super-heroína extremamente forte e rápida, além de ter outras habilidades que a tornaram essencial para que os Eternos vencessem as batalhas travadas ao longo do filme.

Para além de ser a primeira heroína surda da Marvel e uma personagem forte e capaz, a imagem de Makkari representa uma grande importância, também, por ser interpretada por uma atriz surda, a qual pôde criar os nomes de cada personagem, bem como o da nave estelar de sua personagem na trama na língua de sinais. Ridloff também foi responsável por aumentar o interesse da população mundial no tema surdez e língua de sinais, segundo estudos realizado pelo *Independent UK*<sup>23</sup> e pela *Preply*<sup>24</sup>, após o lançamento do filme, pesquisas sobre aulas de língua de sinais aumentaram em 250% só na Inglaterra, além das pesquisas sobre o nome da atriz terem aumentado em 550% entre novembro de 2020 e novembro de 2021, sendo que, no último ano, seu nome sempre vinha acompanhado do termo “primeira heroína surda”.

Eu cheguei no set acreditando que eu tinha de mostrar como era fácil trabalhar comigo, uma pessoa surda, eu estava preocupada em parecer muito frágil. Mas depois de trabalhar com os outros, eu me dei conta de que todo mundo tem seu próprio amontoado de desafios, e que eu precisava pensar sobre o que entregar como atriz, e não se desculpar por isso.  
(RIDLOFF, 2021)

---

<sup>23</sup> Jornal britânico criado em 1996, que adotou um formato totalmente digital em 2016

<sup>24</sup> Plataforma ucraniana voltada para a aprendizagem de idiomas

Percebe-se, na fala de Ridloff, que ainda é comum que haja receio e até insegurança da parte de muitas PcDs ao serem incluídas em obras repletas de pessoas sem deficiência, mesmo para uma atriz com anos de carreira como ela. Algo que não se dá por falta de profissionalismo, por exemplo, como se nota em sua performance admirável na obra aqui citada, mas sim, pelas ofertas de trabalho escassas, que fazem como que tais profissionais sempre vejam como um desafio trabalhar com pessoas que não estão acostumadas com colegas PcDs e que, por isso, podem criar ideias errôneas e capacitistas sobre como será esta experiência.

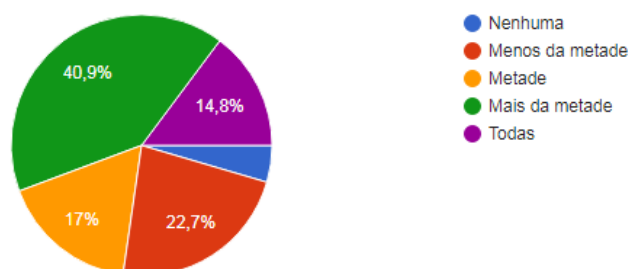
De qualquer forma, é claro que a existência de uma personagem surda interpretada por uma atriz igualmente surda não é o suficiente para se dizer que a indústria cinematográfica, de repente, se tornou inclusiva e não capacitista, mas ainda assim, já é possível ver mudanças vindo de grandes empresas, assim como, seus frutos.

A sétima e a oitava questões basearam-se nas 5 tendências narrativas de personagens PcDs em obras cinematográficas, propostas por Albuquerque (2008) e já apresentadas no presente trabalho. Trata, portanto, dos estereótipos de gênero e construção narrativa que o autor afirma serem (ou terem sido, na época) comumente atribuídos a tais personagens ao longo da história do cinema.

Figura 9: Questão relacionada ao gênero das produções

Quantas destas produções pertencem ao gênero drama?

88 respostas



Fonte: Produção própria

Em sua análise de tendências narrativas, Albuquerque (2008) afirma que muitas delas estão ali apenas para serem analisadas de maneira isolada dentro de suas próprias épocas, pois já caíram em desuso. Ao falar do momento “atual”



(considerando a época em que seus estudos foram publicados), entretanto, ele afirma que uma grande tendência é a de colocar personagens PcDs quase sempre dentro de produções do gênero drama, assim, acentuando a dor, as batalhas e as vitórias que diretores(as) e roteiristas que não têm qualquer tipo de deficiência deduzem fazer parte da vida de todas as pessoas com deficiência. Albuquerque afirma ainda que, por mais que tais dores, batalhas e vitórias possam ser reais nas vidas de muitas PcDs, estas produções têm o costume de aumentá-las em proporções irreais, com o objetivo de explorar histórias que tenham o potencial de comover grande parte de seu público.

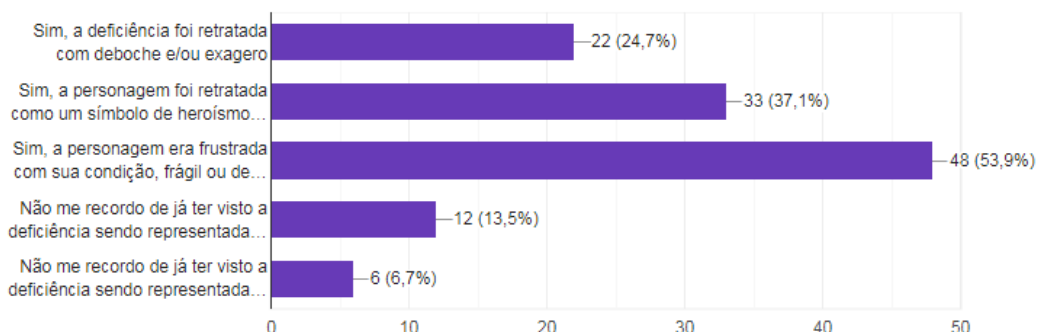
Ao menos com relação às pessoas que responderam ao questionário, a tese do autor se confirma em partes, uma vez que 40,9% (36 pessoas) afirmaram que mais da metade das produções que já assistiram com personagens PcDs são do gênero drama, 22,7% (20 pessoas) assinalaram “menos da metade”, 17% (15 pessoas) assinalaram “metade”, 14,8% (13 pessoas) assinalaram “todas”, e apenas 4,5% (4 pessoas) afirmaram nunca ter visto qualquer produção com estas personagens que pertencesse a este gênero. Desta forma, através da presente questão, nota-se, tanto a presença da prática descrita pelo autor, quanto o início de uma mudança positiva, visto que, apesar de a maioria ter assinalado a opção “mais da metade”, a segunda resposta mais assinalada já indica que existe uma quantidade considerável de produções com personagens PcDs pertencentes a outros gêneros.

O próximo gráfico traz um questionamento a respeito da construção dos traços de personalidade de personagens PcDs:

Figura 10: Questão relacionada a estereótipos de personagens e narrativas

Alguma delas trata a deficiência com deboche/exagero e a pessoa com deficiência como heroína ou alguém frágil/frustrado/dependente?

89 respostas



Fonte: Produção própria

As alternativas para esta questão foram disponibilizadas no formato “Caixa de seleção”, ou seja, cada participante poderia selecionar uma ou mais opções, caso tenha notado diferentes tendências, vindas de diferentes produções. A resposta mais assinalada, com 53,9% (48 pessoas) foi a de participantes que, comumente, viam estas personagens sendo retratadas como pessoas frustradas com sua condição, frágeis e/ou dependentes; a segunda alternativa mais assinalada, com 37,1% (33 pessoas) indica que as personagens costumavam ser retratadas como algum símbolo de heroísmo, mesmo sem terem feito algo realmente grandioso; 24,7% (22 pessoas) afirmaram que as deficiências foram retratadas com exagero e/ou deboche; e, por fim, 13,5% (12 pessoas) afirmaram não se recordar de qualquer deficiência ou PcD sendo retratada de forma pejorativa ou excessivamente heróica.

Nota-se, então, que 79,8% das pessoas que contribuíram com esta questão já viram personagens PcDs e suas deficiências sendo construídas de maneiras depreciativas e irreais. Muitas das contribuições, ainda, vieram de pessoas que afirmaram ter visto mais de uma tendência de construção negativa, ou seja, apesar de terem presenciado personagens PcDs sendo representadas de maneiras diferentes, estas diferenças apenas circulavam entre distintas construções insultuosas, o que indica, mais uma vez, que, apesar das mudanças positivas que têm ocorrido no mercado audiovisual, quanto às mais diversas formas de representatividade, o capacitismo e a exploração da imagem daquilo que destoa do considerado comum/normal, ou seja, que não se encaixa na maioria padrão da sociedade, visando gerar comoção e audiência, permanece.

As duas questões seguintes são abertas e foram inspiradas no Teste de Bechdel e adaptadas de forma a identificarem a frequência com que as produções se preocupam em incluir personagens PcDs em suas narrativas e se tal inclusão é proveitosa ou tem outros interesses que não a inclusão e a naturalização da pessoa com deficiência em sociedade.

Para tanto, a primeira delas solicitou que cada pessoa citasse ao menos 3 produções audiovisuais, de qualquer gênero e formato, que contasse com ao menos uma personagem com deficiência. Das 95 respostas, 40 não se recordaram, das demais respostas, muitas citaram as mesmas produções que, em sua maioria se tratavam de filmes antigos, como *Meu nome é rádio* (2003); *Uma lição de amor* (2001), cujos protagonistas têm deficiências intelectuais e *Meu pé esquerdo* (1989), cujo protagonista é tetraplégico. Já dentre as produções recentes mais citadas, encontra-se uma maior variedade de formatos, como curta metragens e séries, alguns dos nomes mais recorrentes foram: O filme *Hoje eu quero voltar sozinho* (2014), filme analisado anteriormente, sobre um adolescente cego e superprotegido pela mãe, lutando por independência, bem como *Eu não quero voltar sozinho* (2011), o curta metragem que inspirou o longa de 2014 e a série *Atypical* (2017 - 2021). Esta última, para além de ter sido uma das produções mais citadas, acende também uma nova discussão acerca do conhecimento e impressões que as pessoas normalmente têm do que é uma deficiência, isto porque, Sam Gardner (Keir Gilchrist), o protagonista da série produzida pela *Netflix*, é apresentado como um adolescente que tem Síndrome de Asperger<sup>25</sup>, um transtorno de desenvolvimento que, dentre outras características, dificulta os processos de comunicação e socialização dos indivíduos.

---

<sup>25</sup> O termo “Asperger” costuma ser atribuído a pessoas com um grau de autismo considerado leve, entretanto, há um tempo, este tem caído em desuso, uma vez que tem inspiração em Hans Asperger, psiquiatra austríaco que primeiro descreveu o transtorno, porém, não realizava seus estudos com o objetivo de contribuir para a medicina. O mesmo tinha conexões com grupos nazistas e utilizava seus estudos para selecionar crianças a serem enviadas para *Spiegelgrund*, clínica infantil nazista, que usava pacientes para realizar experimentos científicos. Na verdade, o Asperger costuma ser associado a um nível “leve” de autismo, justamente porque as crianças que apresentavam menos sintomas eram as únicas a quem Asperger dedicava seu tempo para que desenvolvessem seu lado emocional e cognitivo, as outras eram descartadas. Experiências mortais também foram realizadas em crianças com diversas deficiências. O termo considerado correto atualmente é Transtorno do Espectro Autista (TEA), que se refere a todos os transtornos deste espectro. O termo Asperger foi citado aqui, apenas por ser a forma utilizada na série para se referir ao TEA.

Entre outras características, estar no Espectro do Autismo faz com que as pessoas tenham dificuldades em compreender as linguagens verbais e não verbais e interpretando expressões populares e metáforas de forma literal, por exemplo. Entretanto, o que há de se entender aqui é que, apesar de a Lei 12.764, de 27 de dezembro de 2012, afirmar que as pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo são, para efeitos legais, consideradas pessoas com deficiência, de forma que tenham garantidos os mesmos direitos sociais já previstos para PcDs, fora do aspecto legal e considerando estudos médicos, o autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento e não uma deficiência. Segundo a Neuropsicóloga Larissa Beatriz Cossalter, uma pessoa com deficiência intelectual apresenta algum prejuízo no funcionamento intelectual e adaptativo e dificuldades na aprendizagem e na realização de tarefas cotidianas, dependendo parcial ou completamente das pessoas a sua volta, enquanto que, pessoas autistas, apresentam um prejuízo na interação social e nas formas de comunicação, tendo dificuldade em mudar suas rotinas, por exemplo, além de terem um padrão restrito e repetitivo de comportamentos, interesses ou atividades. Desta forma, pessoas com autismo podem, também, ter alguma deficiência intelectual, mas ambas as condições não são sinônimos.

Na deficiência intelectual, o que é mais evidente, é o prejuízo no funcionamento intelectual e na capacidade de ser independente e no autismo, o que é mais evidente é um prejuízo na interação social, na comunicação e a presença de um padrão restrito e repetitivo de interesses, comportamentos ou atividades.  
(COSSALTER, 2019).

Assim sendo, muitas das pessoas que responderam ao questionário, ao citarem a série *Atypical* (2017-2021), cometeram este engano de associar o autismo a uma deficiência intelectual, talvez, por verem uma pessoa com autismo como diferente do que é considerado “normal” a elas e, portanto, o associaram automaticamente a uma deficiência.

A segunda questão aberta solicitava que cada pessoa citasse, novamente, ao menos três produções audiovisuais com ao menos uma personagem com deficiência, porém, desta vez, o elenco deveria contar com atores e/ou atrizes que, de fato, tivessem alguma deficiência. Enquanto, na questão anterior, 40 pessoas ficaram sem resposta, nesta questão o número subiu para 49, incluindo algumas respostas que até contavam com três ou mais produções, entretanto, acabaram

sendo desconsideradas quando, após realizar a conferência dos títulos citados, notei que muitas das produções tinham atuações de fato excepcionais, porém, vindas de atores e atrizes que não têm nenhuma deficiência, como por exemplo, o filme *Hoje eu quero voltar sozinho* (2014), bastante citado na questão anterior e repetido nesta, cuja interpretação de Guilherme Lobo foi tão detalhada e convincente, que muitos telespectadores ficaram surpresos ao descobrirem que o ator não é cego e, também, o filme *Milagre na cela 7* (2013 - 2019). Neste caso, as duas versões do filme, a original sul coreana e o *remake* turco, trazem atores elogiáveis, que transmitem com muita honestidade todas as aflições e alegrias de um jovem pai com uma deficiência intelectual, porém, ambas trazem, também, atores que não apresentam qualquer deficiência na vida real.

Por fim, a última questão serviu como um espaço para que as pessoas contribuíssem com pensamentos, opiniões e observações que gostariam de compartilhar sobre algum aspecto do tema que não tivesse sido abordado ao longo das questões anteriores. Foi uma questão aberta e não obrigatória.

A maioria das contribuições veio de pessoas que demonstraram insatisfação, tanto com a frequência com que produções audiovisuais incluem PcDs em suas obras, quanto com a construção narrativa de tais personagens. É nítida a frustração presente em certas declarações, que apresentam opiniões em comum, como o descontentamento com a falta de verossimilhança em algumas atuações, que são exageradas e forçadas demais e, principalmente, nos roteiros que, frequentemente, usam a deficiência como um acessório narrativo para outras finalidades, que não a simples representação de pessoas reais como elas são e reforçam estereótipos que deveriam ser combatidos. Alguns exemplos estão nas declarações abaixo:

O capacitismo é algo muito forte nos filmes sobre pessoas com deficiência. Sempre existe uma abordagem em torno da incapacidade dessas pessoas, como se todas elas necessitassem de apoio e supervisão o tempo todo, ou como se qualquer conquista fosse algo grandioso. Muitos desses filmes não tratam de deficiência como um outro modo de ser, e sim como um modo diferente de ser. Reforçam a diferença e inclusive reforçam estereótipos como se: toda a pessoa com TEA fosse super inteligente/nerd, como se toda a pessoa com deficiência intelectual fosse um coitadinho, como se todo o cadeirante vencesse na vida, como se toda a pessoa com deficiência visual sofresse, como se todo o surdo fosse alienado. Existem poucos filmes que abordam realmente a vida da pessoa com deficiência como ela é: normal, como qualquer outra, como uma forma outra de existência. E o pior: a maioria dos filmes que retratam a deficiência, usam da hipocrisia de colocar atores sem deficiência assumindo um lugar que não é deles.

(Mulher, entre 21 e 30 anos, conhece alguma PcD)

A realidade das pessoas com deficiência não é fácil, mais também não é um drama, acho super válido mostrar as lutas diárias das famílias e das pessoas com deficiência, mais não exagerar ou dizer que somos ou eles são super heróis, somos e são pessoas, simples assim, e acho que é este o ponto, mostrar que somos pessoas diferentes como qualquer outra pessoa!  
(sic)

(Mulher, mais de 30 anos, conhece alguma PcD)

Acho que todos os personagens com deficiência devem ser interpretados com pessoas com a condição. Que devíamos ser melhor e mais representados, o que se tem até agora, além de não ser suficiente, é feito muitas vezes de maneira errada. Reforçando estereótipos que nem sempre são verdade. (sic)

(Outro, entre 16 e 20 anos, é e conhece alguma PcD)

Ainda sobre a construção de certos roteiros de personagens PcDs, outra questão citada nos depoimentos critica o fato de que, além das personagens com deficiência quase sempre caírem nos mesmos clichês e estereótipos de pessoas frágeis, ingênuas ou infelizes, elas dificilmente têm um arco narrativo que se estenda para além de sua condição, poucas vezes são abordados *hobbies*, relacionamentos, capacidades profissionais ou mesmo traços de personalidade mais marcantes. Qualidades, defeitos, gostos, desejos, enfim, quase tudo costuma ser muito raso e mal aproveitado, a personagem PcD, muitas vezes, é claramente criada para ser apenas um papel pequeno, sem grande espaço ou relevância para o desenvolvimento da história, ela é apenas a pessoa com deficiência e dificilmente, ao longo da narrativa, se tornará algo além disso.

Acredito que falta representatividade em todos os sentidos, não só das narrativas como dos atores. Acredito que ficaria muito feliz em poder escutar uma produção audiovisual aonde pessoas com deficiência, independente do tipo, sejam apenas personagens de uma história, uma que não gire em torno de alguém na narrativa ser deficiente. (sic)

(Homem, entre 21 e 30 anos, é PcD)

Foi muito mais difícil encontrar ou lembrar de produções interpretadas por pessoas com deficiência. Consegui lembrar de produções recentes só. Das produções antigas, só lembrei de produções que não são interpretadas por pcDs, e dessas produções não lembro de nenhuma que o personagem é principal e que a história não seja sobre sua deficiência e sim sobre um tema externo. (sic)

(Mulher, entre 21 e 30 anos, conhece alguma PcD)

De modo geral os filmes não aprofundam personagens com deficiência, reduzindo eles a deficiência e não complexificando suas emoções, formas de agir e pensar. (sic)

(Gênero não informado, entre 21 e 30 anos, conhece alguma PcD)

A questão que parece gerar maior incômodo nas pessoas que contribuíram com a pesquisa, é a frequência com que pessoas sem qualquer deficiência interpretam PcDs, algo que, segundo algumas declarações, além de favorecer a construção de histórias pouco fiéis à realidade, o que já começa em roteiros, por vezes, construídos com base em percepções errôneas quanto à deficiência mais do que em pesquisas reais sobre o assunto, também contribui para a invalidação da pessoa com deficiência como profissional.

Já foi abordada anteriormente, a questão da baixa porcentagem de PcDs empregadas com carteira assinada. Para além disso, existe, também, a Lei de Cotas (art. 93 da Lei nº 8.213/91), que prevê que empresas de qualquer ramo que disponham de cem ou mais funcionários revertam uma porcentagem das vagas a PcDs, esta porcentagem a ser destinada para as cotas varia de 2% a 5%, dependendo do número de vagas gerais oferecidas. Esta lei, imposta para assegurar à pessoa com deficiência, o seu direito ao trabalho (uma vez que, antes da sua vigoração, era ainda mais difícil inserir PcDs no mercado de trabalho) pode ser vista como mais um indicador da forma capacitista e preconceituosa com que muitas áreas do mercado ainda veem a pessoa com deficiência. E, então, quando surge a oportunidade de artistas PcDs, que dificilmente são contratados para interpretar alguém que não tenha como descrição chave a deficiência, assumirem papéis para contarem suas próprias histórias, a preferência é dada a uma pessoa sem deficiência que, além de não ter a mesma dificuldade para conseguir outros papéis, muitas vezes é aclamada por entregar uma interpretação tão próxima do real, como se o real não existisse para ocupar aquele espaço.

As produções que na sua maioria das vezes deveria ser feita de verdade por pessoas com deficiência de fato... Muitas vezes fica muito superficial as interpretações feitas por pessoas sem deficiência nenhuma... As pessoas com deficiência estudam tanto teatro, artes cênicas, etc... para que no fim quase nunca serão contratadas.... (sic)

(Mulher, mais de 30 anos, é e conhece alguma PcD)

As pessoas que representam as pessoas com deficiência, não possui nenhum tipo de deficiência, exceto uma moça que interpretou uma novela chamada caras e bocas. Acho que foi um exagero, tem também América representada por Marcos Frota com deficiente visual totalmente fora da nossa realidade. (sic)

(Mulher, mais de 30 anos, é e conhece alguma PcD)

Trabalhar a inclusão e a sensibilização quanto portadores de deficiência por meio de produções audiovisuais se torna extremamente importante, afinal produções nesses meios são altamente difundidas e visualizadas pelos mais diversos públicos. Porém, levando em consideração meu conhecimento particular, percebe-se que apesar de ser um assunto bastante falado nos dias atuais, pouco se vê pessoas com deficiência interpretando personagens na ficção. *(sic)*  
(Mulher, mais de 30 anos, é PcD)

Representatividade não significa somente dar lugar a um personagem com deficiência, mas também dar lugar para que uma pessoa com deficiência interprete o personagem e criar um espaço cada vez mais inclusivo. *(sic)*  
(Mulher, entre 21 e 30 anos, conhece alguma PcD)

Assim como a grande quantidade de participantes que criticou a contratação de pessoas sem deficiência para interpretar PcDs e de todos os pontos negativos desta prática, houve, também quem trouxesse contribuições sobre os pontos positivos em ter pessoas com deficiência ocupando estes papéis o que, para além do aumento da empregabilidade de PcDs, contribui para a criação de uma narrativa mais honesta e para a desmistificação da imagem capacitista ainda muito presente na mentalidade de grande parte da sociedade.

Creio que a uma falta de representatividade destas pessoas em diversas produções, muita vezes não por eles não conseguirem atuar, mas sim por preconceito. As produções que têm atores que portam algum tipo de deficiência geralmente tratam do tema com mais respeito, e acarretam em boas reflexões durante e depois do filme aos espectadores com ou sem deficiência. Eu gostaria de conhecer mais filmes que trazem pessoas com deficiência, não abordando apenas a questão da deficiência mas sim o cotidiano de uma comédia romântica por exemplo. Acredito que só seria preciso ter mais oportunidades nas mais diversas produções para as pessoas com deficiência, pois interessados em atuar com certeza vai existir. *(sic)*  
(Homem, entre 21 e 30 anos, conhece alguma PcD)

Inicialmente gostaria de parabenizar pelo trabalho, acho muito importante que o assunto seja debatido. Tenho um colega que é cego, e ele fala isso, que a pessoa com deficiência não quer ser tratada como "coitada" ou "herói", mas que seja respeitada. Para isso, temos que trazer o assunto à tona para que a inclusão vá, aos poucos, acontecendo, embora saibamos que é um assunto muito amplo e que envolve muitos fatores. *(sic)*  
(Mulher, mais de 30 anos, conhece alguma PcD)

Apesar de tantas contestações e reivindicações, houve, também, participantes que, apesar de compreenderem todos os problemas que ainda existem com relação a esta temática e todas as mudanças que ainda precisam ser feitas com relação a mesma, conseguiram enxergar que, a despeito de ainda ser uma área



falha, já existe uma preocupação maior quanto a incluir personagens PcDs em produções audiovisuais do que havia há alguns anos e há, também, uma discussão quanto a como fazer isso da maneira correta, o que, por si só, já pode gerar debates no mundo real, por parte do público. São poucos os avanços vistos quanto a isso, mas algumas pessoas reconheceram que, por menor que seja, um avanço é sempre um avanço e, por hora, isso se faz suficiente para que se tenha expectativa quanto a um compromisso ainda maior com a representação honesta desta parcela da sociedade.

Gostaria de comentar que, mesmo que as dificuldades vivenciadas pela pessoa com deficiência não sejam fielmente retratadas... e mesmo que em muitas produções exista um pouco de exagero sobre as nossas reais possibilidades... penso que é sempre uma oportunidade para a reflexão e conhecimento sobre deficiência, sobre o respeito a diferença... *(sic)*  
(Mulher, mais de 30 anos, é e conhece alguma PcD)

Compreendo que apesar dos erros anteriormente cometidos a indústria do entretenimento tem se esforçado mais, na última década, para produzir conteúdos que encontrem respaldo na realidade ao tentar retratar as pessoas com deficiência. *(sic)*  
(Mulher, entre 16 e 20 anos, conhece alguma PcD)

Percebe-se, então, através das contribuições oferecidas a este questionário, que, segundo a visão da maior parte do público contribuinte, o mercado audiovisual, embora com menos frequência do que no passado, permanece falhando com uma grande parcela de seu público, bem como com sua responsabilidade intrínseca de disseminar informações e conhecimento.

Foi possível identificar, através das respostas oferecidas, que, as únicas pessoas que demonstraram pouco ou nenhum incômodo com a forma com que narrativas desta temática são construídas hoje, foram pessoas que não têm e não conhecem quem tenha qualquer deficiência, ou seja, pessoas com as quais o tema não é relacionável e para as quais as abordagens não fazem diferença, pois as mesmas não seriam capazes de identificar atos de capacitismo e discriminação que não fossem explícitos. Desta forma, nota-se que, constantemente, tais histórias são contadas por pessoas sem deficiência para pessoas sem deficiência, enquanto as personagens PcDs são, ainda e apesar dos avanços a serem reconhecidos, muito frequentemente utilizadas como apetrechos narrativos, cujo único valor é a

capacidade de comover o público através de arcos apelativos que usam a desculpa de buscar uma representatividade falsa, enquanto a real segue sendo ignorada.

Por outro lado, há que se reconhecer que a menor incidência de narrativas puramente capacitistas e as poucas produções que aqui foram elogiadas, por tratarem a deficiência como apenas uma característica humana, sem segundas intenções, acendem uma luz sobre o futuro da imagem de PcDs no audiovisual. O drama, por exemplo, usado em excesso nas obras analisadas por Albuquerque (2008), apesar de ainda se fazer muito presente em arcos narrativos de personagens PcDs hoje, tem, lentamente, ganhado um novo tom já que, anos atrás, era muito mais comum que este fosse construído em cima da deficiência em si, representada como um peso, uma prisão para a pessoa que convive com ela, cujo drama pessoal era exclusivamente ser PcD. Agora, embora por vezes, ainda se faça exagerado e fuja da realidade de uma forma errônea, o gênero vem, gradativamente, sendo direcionado para outras questões mais realistas, como a discriminação, deixando claro que o problema maior vem de um preconceito alheio e não é de responsabilidade da pessoa com deficiência.

Por fim, ainda que se reconheça a mudanças positivas notáveis nas construções de personagens PcDs, as mesmas não se fazem o suficiente e ainda existem muitas questões que precisam ser avaliadas e corrigidas, principalmente nas narrativas que, apesar de se escorarem em personagens com deficiência, excluem totalmente, de suas produções e pesquisas, as pessoas que supostamente querem representar, resultando, não apenas na contribuição para o alto índice de desemprego de PcDs e para o fortalecimento de ideias estigmatizadas sobre as mesmas, mas, também, para uma trama rasa, desinteressante e cuja existência não se faz memorável e tampouco justificável.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa propôs-se, através de uma análise de obras, bem como, consultando uma parcela do público consumidor de produções cinematográficas, de televisão e *streaming*, a compreender a forma como personagens com deficiências e suas narrativas têm sido criados na ficção audiovisual em diferentes formatos e gênero, bem como, seus possíveis efeitos na realidade de pessoas com deficiência e na sociedade como um todo nos últimos anos, em especial, na última década.

Desta forma e com base no referencial bibliográfico explorado ao longo deste trabalho, é possível concluir que a construção de personagens com deficiência tem sofrido alterações ao longo do tempo que, em sua maioria se mostram positivas, tanto em termos de resultarem em uma narrativa mais concisa e interessante quanto à forma como acabam por influenciar diferentes visões sobre as deficiências e as pessoas que com elas convivem. Tais alterações, embora ocorram de maneira lenta, acendem uma luz sobre sérias problemáticas acerca da forma pejorativa com que pessoas com deficiência são constantemente tratadas em sociedade por conta de pensamentos falsos e ultrapassados acerca de suas capacidades e limitações.

Pôde-se confirmar, também, principalmente através das contribuições oferecidas através do questionário, que o público, de maneira geral, embora reconheça que hoje em dia as produções audiovisuais preocupam-se mais em evitar a perpetuação de estigmas enfrentados por pessoas com deficiência e abordar suas condições com mais cuidado, ainda há um incômodo grande com relação à forma com que isso é feito, em especial acerca do *cripface*. Compreende-se que, não basta dar espaço e respeito à diversidade física e neurológica na ficção, se isso é feito de uma forma que alimente e perpetue, no mundo real, situações em que pessoas com deficiência permanecem tendo espaços e reconhecimento negados.

Logo, tendo em vista os aspectos apresentados, entende-se que, ainda quando se tratam de obras de ficção, a forma como as produções audiovisuais abordam temáticas como a tratada aqui, não deixa de carregar uma responsabilidade social considerável, uma vez que a mídia, como um todo, tem influenciado cada vez mais a vida de quem as consome.

Por fim, finalizar a presente pesquisa foi um desafio à parte. Desenvolver uma pesquisa que dependia não apenas de mim, mas, também, da contribuição de um público desconhecido e, portanto, imprevisível, bem como conseguir transcrever minhas experiências pessoais, ao passo que ouvia outros lados e me educava mais a respeito de um tema com o qual me identifico tanto, foi uma experiência, ao mesmo tempo desgastante e transformadora. Ao longo de dois anos e em meio a um momento tão delicado como foram (e permanecem sendo) estes tempos de pandemia, este projeto encontrou altos e baixos e sofreu influências, tanto com relação ao acesso a materiais de pesquisa, quanto motivação e, principalmente, a pressão de conseguir transferir ao público leitor toda a relevância que creio que este tema tenha para os mundos fictício e real.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### ARTIGOS

AMARAL, Mateus Henrique do. **Deficiência e linguagem cinematográfica**. Journal of Research in Special Education Needs, V. 16, n. 1, 2016. Disponível em: <<https://nasenjournals.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/1471-3802.12159>> Acesso em 03 de outubro de 2021;

AMARAL, Mateus Henrique do; MONTEIRO, Maria Inês Bacellar. **Análise de Obras Cinematográficas para Compreender as Concepções de Professores sobre o Aluno com Deficiência**. SciELO Brasil, v. 22, n. 4, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbee/a/pCD4CGyLfQZVTjRtTqpb4xF/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em 15 de agosto de 2020;

BARNES, Colin; MERCER, Geof. **Disability Culture: assimilation or inclusion?**. Semantic Scholar, 2001. Disponível em: <<https://www.semanticscholar.org/paper/Disability-Culture%3A-Assimilation-or-Inclusion-Barnes-Mercer/f8b840b180b8e3e1008bd45c29e4ea11050385bc>> Acesso em 15 de agosto de 2020;

CASTEL, Robert. **A desigualdade e a questão social**, SP, Educ, 1997. \_\_\_\_\_, **As metamorfoses da questão social : uma crônica do salário**, Petrópolis, Vozes, 1999.

FARIA, Marina Dias de. **Representações e estereótipos das pessoas com deficiência como consumidoras: o drama dos personagens com deficiência em telenovelas brasileiras**. SciELO Brasil, 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-92302014000300003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-92302014000300003)> Acesso em 18 de maio de 2020;

MANHÃES, Vanessa Siqueira. **Breve análise da legislação das políticas públicas de empregabilidade para pessoas com deficiência**. Cadernos Gestão pública e cidadania, v. 15, n. 57 (2010):Julho, UERJ. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cgpc/article/view/3257>> Acesso em 02 de junho de 2020.

SUPLINO, Isabela de Oliveira. **Comunicação e inclusão social: análise das contribuições do Cinema para o processo de inclusão social**. Semantic Scholar, 2010. Disponível em: <<https://www.semanticscholar.org/paper/Comunica%C3%A7%C3%A3o-e-Inclus%C3%A3o-social%3A-an%C3%A1lise-das-do-para-Suplino/d40430bb68bbd82ff4b659a7c93839813d948695>> Acesso em 04 de junho de 2020;

### DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Albuquerque, M. A. de. (2008) **A pessoa com deficiência e suas representações no cinema brasileiro**. 84 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Disponível em <[http://www.ppgcom.uerj.br/teses/2008/pdf/03/Dissert-Marcio%20Albuquerque\\_Bdtd.pdf](http://www.ppgcom.uerj.br/teses/2008/pdf/03/Dissert-Marcio%20Albuquerque_Bdtd.pdf)> Acesso em 20 de Setembro de 2021;

SILVEIRA, Bruna Rocha. **Entre a vitimização e a divinização**: a pessoa com deficiência em viver a vida. Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Carolina Damboriarena Escosteguy. 2012. 148 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em:<<https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/2238/1/000437891-Texto%2bCompleto-0.pdf>> Acesso em 20 de setembro de 2021

## LIVROS

SHEFFER, E. **Asperger's Children**: The Origins of Autism in Nazi Vienna. 1 ed. Nova Iorque: W.W Norton & Company 2018. 320 p.

## MANUAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, UFSM (Santa Maria, RS). Bibliotecas da UFSM *et al.* **Manual de dissertações e teses da UFSM**: estrutura e apresentação documental para trabalhos acadêmicos. 1. ed. rev. e aum. Santa Maria: Editora UFSM, 2021. 137 p. v. 1. ISBN 978-65-5716-052-7. Disponível em: <[file:///C:/Users/Cliente/Downloads/Manual-de-Dissertac%CC%A7o%CC%83es-e-Teses\\_MDT\\_2021.pdf](file:///C:/Users/Cliente/Downloads/Manual-de-Dissertac%CC%A7o%CC%83es-e-Teses_MDT_2021.pdf)> Acesso em: 7 abr. 2022.

## OBRAS AUDIOVISUAIS

CRISÁLIDA (Temporada 1). Criadora: Alessandra da Rosa Pinho. Produção de Raça Livre Produções, Arapy Produções e TVi Televisão e Cinema, 2020. 4 episódios. Série original da plataforma de *Streaming Netflix*;

HAMILL. Direção: Oren Kaplan. Produção de Film Harvest. Estados Unidos: Fifth Year Productions, 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZR4lrJTOPAo>> Acesso em 12 de setembro de 2021;

HOJE EU QUERO VOLTAR SOZINHO. Direção: Daniel Ribeiro. Produção de Lacuna Filmes. Brasil: Vitrine Filmes, 2014. DVD (96 min.);

HOMENS? (Temporadas 1 e 2). Criador: Fábio Porchat. Produção de Porta dos Fundos e Viacom, 2019. 16 episódios. Série exibida pela *Amazon Prime Video*;

IMPÉRIO. Novela de Aguinaldo Silva. Escrita por Aguinaldo Silva com a colaboração de Márcia Prates, Nelson Nadotti, Rodrigo Ribeiro, Maurício Gyboski, Renata Dias Gomes, Zé Dassilva, Megg Santos e Brunno Pires, contou com a direção de Cláudio Boeckel, Luciana Oliveira, Roberta Richard, Tande Bressane e Davi Lacerda. Direção: Rogério Gomes. Elenco: Alexandre Nero, Chay Suede, Marjorie Estiano, Drica Moraes, Vanessa Giacomio, Mallu Gali, Andrea Horta, Daniel Rocha, Leandra

Leal, Caio Blat e outros. Rio de Janeiro, 21h, 21 de julho de 2014 a 13 de março de 2015, 203 capítulos, cor;

**MALHAÇÃO: CONECTADOS.** Novel de Ingrid Zavarezzi. Escrita por Ingrid Zavarezzi, com colaboração de Lucio Manfredi, Vinícius Vianna, Laura Rissin, Guilherme Vasconcelos e Cristiane Dantas. Direção: Ajax Camacho e Mário Márcio Bandarra. Elenco: Caio Paduan, Thais Melchior, Bia Arantes, Marcella Rica, Gil Coelho, Lucas Cordeiro, Juliana Lohmann, Letícia Spiller, Pedro Tergolina e outros. Rio de Janeiro, 17h45, 29 de agosto de 2011 a 10 de agosto de 2012, 249 capítulos, cor;

**MILAGRE NA CELA 7.** Direção: Mehmet Ada Öztekin. Produção de 03 Turkey Media. Turquia: CJ Entertainment, 2019. Filme original da Plataforma de *Streaming Netflix*;

**SPECIAL (Temporada 1).** Criador: Ryan O'Connel. Produção de *Warner Bros Television*, 2019. 8 episódios. Série Original da Plataforma de *Streaming Netflix*;

**VIVER A VIDA.** Novela de Manoel Carlos. Escrita por Manoel Carlos, com colaboração de Ângela Chaves, Claudia Lage, Daisy Chaves, Juliana Peres e Maria Carolina. Direção: Adriano Melo, Teresa Lampreia, Maria José Rodrigues, Leonardo Nogueira, Frederico Mayrink e Luciano Sabino. Elenco: Aline Moraes, Mateus Solano, Lilia Cabral, Taís Araújo, Paloma Bernardi, Tiago Lacerda, Adriana Birolli e outros. Rio de Janeiro, 21h, 14 de setembro de 2009 a 14 de maio de 2010, 209 capítulos, cor.

## MATÉRIAS

CID, Daniel. **5 PERSONAGENS DEFICIENTES QUE FAZEM SUCESSO NA TV.** Juicy Santos, 2018. Disponível em: <<https://www.juicysantos.com.br/indivisibilidade/equidade/5-personagens-deficientes-na-tv/>> Acesso em 10 de outubro de 2021;

FIGUEIRA, Emílio. **A força de temas sobre pessoas com deficiência no mundo audiovisual.** *Blog* Emilio Figueira, 2018. Disponível em <<http://emiliofigueira.com/a-forca-de-temas-sobre-pessoas-com-deficiencia-no-mundo-audiovisual-por-emilio-figueira/>> Acesso em 04 de março de 2020;

G1 GLOBO. **Inclusão profissional traz motivação e desafios para pessoas com deficiência.** G1 em movimento, 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/especial-publicitario/em-movimento/ccr/noticia/inclusao-profissional-traz-motivacao-e-desafios-para-pessoas-com-deficiencia.ghtml>> Acesso em 20 de novembro de 2020;

LOBATO, Lakshmi. **Pessoa com deficiência, não superherói!** Desculpa, não ouvi, São Paulo, 7 jun. 2012. Disponível em: <<https://desculpenaoouvi.com.br/pessoa-com-deficiencia-nao-superheroi/>> Acesso em 10 de maio de 2020;

NUNES, Ronayre. **Pessoas com deficiência física raramente são representadas no audiovisual.** Correio Braziliense. [S.l.] 2017. Disponível em: <[https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2017/08/24/interna\\_diversao\\_arte,620237/representatividade-de-deficientes-fisicos-na-tv.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2017/08/24/interna_diversao_arte,620237/representatividade-de-deficientes-fisicos-na-tv.shtml)> Acesso em 18 de maio de 2020;

SAKAI, Marina. **Eternos: Personagem de Lauren Ridloff aumentou interesse por linguagem de sinais, diz estudo.** *Rollingstones*, 2021. Disponível em: <<https://rollingstone.uol.com.br/cinema/eternos-personagem-de-lauren-ridloff-aumentou-interesse-por-linguagem-de-sinais-diz-estudo/>> Acesso em 02 de março de 2022;

## REDES SOCIAIS

CORTES, Claiti. **Autista.** Passo fundo 02 ago. 2021. Instagram: @imaginavegan. Disponível em: <<https://www.instagram.com/stories/highlights/17993725558374434/>> Acesso em 12 de agosto de 2021;

SOUZA, Amaralina Miranda de. Amaralina Miranda de Souza. 25 jun. 2020. Escavador. Disponível em <<https://www.escavador.com/sobre/4855196/amaralina-miranda-de-souza>> Acesso em 19 de novembro de 2020.



## APÊNDICE A - DEPOIMENTOS COLHIDOS AO FINAL DO QUESTIONÁRIO

O capacitismo é algo muito forte nos filmes sobre pessoas com deficiência. Sempre existe uma abordagem em torno da incapacidade dessas pessoas, como se todas elas necessitassem de apoio e supervisão o tempo todo, ou como se qualquer conquista fosse algo grandioso. Muitos desses filmes não tratam de deficiência como um outro modo de ser, e sim como um modo diferente de ser. Reforçam a diferença e inclusive reforçam estereótipos como se: toda a pessoa com TEA fosse super inteligente/nerd, como se toda a pessoa com deficiência intelectual fosse um coitadinho, como se todo o cadeirante vencesse na vida, como se toda a pessoa com deficiência visual sofresse, como se todo o surdo fosse alienado. Existem poucos filmes que abordam realmente a vida da pessoa com deficiência como ela é: normal, como qualquer outra, como uma forma outra de existência. E o pior: a maioria dos filmes que retratam a deficiência, usam da hipocrisia de colocar atores sem deficiência assumindo um lugar que não é deles.

Eu me graduei em 2017 na UFSM. Apesar de ter usado aparelhos auditivos de última geração, sofri muito para acompanhar as aulas porque esse centro não estava equipado com os instrumentos/dispositivos necessários, e os profissionais que me faziam manutenção dos aparelhos não não o faziam com eficiência. Quando os profissionais do Centro que me assistiam eram altamente qualificadas. Atualmente, ainda sinto alguma dificuldade auditiva quando os filtros já estão necessitando de manutenção ou substituição, no entanto, os profissionais que cuidam dos aparelhos o fazem com máximo profissionalismo. Sinto saudade dos profissionais que me atenderam nesse Centro. Abraços carinhosos, José de Souza Machado.

Creio que a falta de representatividade destas pessoas em diversas produções, muitas vezes não por eles não conseguirem atuar, mas sim por preconceito. As produções que têm atores que portam algum tipo de deficiência geralmente tratam do tema com mais respeito, e acarretam em boas reflexões durante e depois do filme aos espectadores com ou sem deficiência. Eu gostaria de conhecer mais filmes que trazem pessoas com deficiência, não abordando apenas a questão da deficiência mas sim o cotidiano de uma comédia romântica por exemplo. Acredito que só seria preciso ter mais oportunidades nas mais diversas produções para as pessoas com deficiência, pois interessados em atuar com certeza vai existir.

Achei incrível que o assunto da pessoa com deficiência tenha sido o centro do questionário e do tcc.

Inicialmente gostaria de parabenizar pelo trabalho, acho muito importante que o assunto seja debatido. Tenho um colega que é cego, e ele fala isso, que a pessoa com deficiência não quer ser tratada como "coitada" ou "herói", mas que seja respeitada. Para isso, temos que trazer o assunto à tona para que a inclusão vá, aos poucos, acontecendo, embora saibamos que é um assunto muito amplo e que envolve muitos fatores.

Muito interessante a proposta do seu TCC! Me fez tentar ser mais crítico ao assistir produções de cinema (algo que vejo mais). Talvez poderia ser interessante em uma próxima vez as pessoas mencionarem qual tipo de deficiência cada personagem teria nessas produções.

Trabalhar a inclusão e a sensibilização quanto portadores de deficiência por meio de produções audiovisuais se torna extremamente importante, afinal produções nesses meios são altamente difundidas e visualizadas pelos mais diversos públicos. Porém, levando em consideração meu conhecimento particular, percebe-se que apesar de ser um assunto bastante falado nos dias atuais, pouco se vê pessoas com deficiência interpretando personagens na ficção.

Acho que todos os personagens com deficiência devem ser interpretados com pessoas com a condição. Que devíamos ser melhor e mais representados, o que se tem até agora, além de não ser suficiente, é feito muitas vezes de maneira errada. Reforçando estereótipos que nem sempre são verdade.

acho muito importante a representatividade de pessoas com deficiência de maneira autêntica e não fantasiosa em qualquer gênero que seja a obra audiovisual. a luta contra o capacitismo é feita diariamente e através de todas as nossas escolhas, inclusive daquilo que escolhemos consumir.

Acho que há pouca personagem com deficiência na TV. Deveria ter mais personagem nos filmes, novelas, séries. E a representação da pessoa com deficiência deve ser o mais parecida com a realidade. Não deve haver exageros, como alguém frágil, dependente, herói, coitadinho.

Reiterar a importância da inclusão das pessoas com deficiência na retratação delas mesmas nas produções pode ser um processo muito importante até da desmistificação das deficiências e do quanto relevante é falarmos do assunto, sempre pautados no respeito.

Acho que em filmes, novelas, desenhos, a deficiência é tratada como algo que não condiz com a realidade em si, provavelmente os produtores nem se quer procuram entender como é de fato a vida de alguém que possui tal deficiência.

Fonte: Produção Própria

Podemos observar que na maioria das produções audiovisuais que contém um personagem deficiente, os mesmos não são interpretados por pessoas com deficiências.

Excelente temática de pesquisa, muitos parabéns. Continue com ela no mestrado e doutorado.

Infelizmente o cinema representa pouco. Deveria ter mais ênfase nessa questão. Nesse sentido, pessoas com necessidades especiais são inviabilizadas, uma vez que não compõem a maioria padrão da população.

Acho importante trabalhos como o seu para que cada vez mais possamos falar e divulgar o tema.

É um tema muito pertinente e pouco abordado. Parabéns pela escolha e boa sorte com a pesquisa.

Foi muito mais difícil encontrar ou lembrar de produções interpretadas por pessoas com deficiência. Consegui lembrar de produções recentes só. Das produções antigas, só lembrei de produções que não são interpretadas por pcds, e dessas produções não lembro de nenhuma que o personagem é principal e que a história não seja sobre sua deficiência e sim sobre um tema externo.

As produções que na sua maioria das vezes deveria ser feita de verdade por pessoas com deficiência de fato... Muitas vezes fica muito superficial as interpretações feitas por pessoas sem deficiência nenhuma... As pessoas com deficiência estudam tanto teatro, artes cênicas, etc... para que no fim quase nunca serão contratadas....

Representatividade não significa somente dar lugar a um personagem com deficiência, mas também dar lugar para que uma pessoa com deficiência interprete o personagem e criar um espaço cada vez mais inclusivo.

Ninguém se torna herói por ter ou não deficiência, cada um é um ser único com defeitos e qualidades. Não gosto de ver as pessoas acharem que a pessoa com deficiência é coitado e infantilizado.

prefiro o silêncio.

Acredito que falta representatividade em todos os sentidos, não só das narrativas como dos atores. Acredito que ficaria muito feliz em poder escutar uma produção audiovisual aonde pessoas com deficiência, independente do tipo, sejam apenas personagens de uma história, uma que não gire em torno de alguém na narrativa ser deficiente.

Pesquisa excelente

Estamos juntas! <3

Bom questionario

Penso que deveria ter mais representatividade, mais pessoas com deficiências deveriam participar de produções audiovisuais, vejo uma maior participação das pessoas com deficiência nas plataformas das Redes Sociais.

Discriminação velada no trabalho, similar ao Racismo. Você é apenas mais um 'deficiente', para compor a 'cota', e não tem perspectiva nenhuma de elevação salarial e ou cargo.

Sou deficiente físico e acredito que papéis que sejam para fins de discussão sobre deficiência deva ser obrigatório representado por deficientes, deficiência não é um papel a ser interpretado

Não se vê fala sobre minha deficiência ( Visão subnormal) está Deficiência ainda é tabu perante a sociedade.

Gostaria de comentar que, mesmo que as dificuldades vivenciadas pela pessoa com deficiência não sejam fielmente retratadas... e mesmo que em muitas produções exista um pouco de exagero sobre as nossas reais possibilidades... penso que é sempre uma oportunidade para a reflexão e conhecimento sobre deficiência, sobre o respeito a diferença...

A mídia precisa retratar mais fielmente a realidade de pessoas com deficiência e contratar mais pessoas assim para trabalhar

Viver com deficiência é muito cansativo, tanto pelas barreiras arquitetônicas quanto pelas atitudinais!

Fonte: Produção Própria

De modo geral os filmes não aprofundam personagens com deficiência, reduzindo eles a deficiência e não complexificando suas emoções, formas de agir e pensar

As produções cinematográficas retratam, em sua maioria, a leitura de pessoas com deficiência pela sociedade e não o ponto de vista dessas pessoas .

Acho muito válido filmes desse conteúdo. As pessoas precisam saber mais sobre as pessoas com deficiência. Conhecendo melhor o preconceito diminuiu.

Acho que a representatividade deveria ser cada vez mais genuína no audiovisual, com atores reais e histórias reais.

Compreendo que apesar dos erros anteriormente cometidos a indústria do entretenimento tem se esforçado mais, na última década, para produzir conteúdos que encontrem respaldo na realidade ao tentar retratar as pessoas com deficiência.

Infelizmente as deficiências são bem pouco representadas nas produções audiovisuais. e quando são, as personagens são interpretadas por pessoas que não possuem nenhum tipo de deficiência. Precisamos investir nos atores talentos PCDs.

A realidade das pessoas com deficiência não é fácil, mais também não é um drama, acho super válido mostrar as lutas diárias das famílias e das pessoas com deficiência, mais não exagerar ou dizer que somos ou eles são super heróis, somos e são pessoas simples assim e acho que é este o ponto mostrar que somos pessoas diferentes como qualquer outra pessoa!

**Respeitar mais as pessoas com deficiência**

Os produtores deveriam dar oportunidade à pessoas com deficiência.

gostaria, é muito importante

Acharia importante apresentar estes filmes nos CINEMAS e com interpretes.

As pessoas precisa conhecer melhor esse mundo, pra também serem pessoas melhores.

Representatividade...falta muito em relação a tudo em todas as produções audiovisuais.

Seria interessante a inclusão de pessoas com deficiências reais em produções audiovisuais.

As pessoas que representam as pessoas com deficiência, não possui nenhum tipo de deficiência, exceto uma moça que interpretou uma novela chamada caras e bocas. Acho que foi um exagero, tem também América representada por Marcos Frota com deficiente visual totalmente fora da nossa realidade.

**Acho muito injusto como são tratados os deficientes**

Minha deficiência não é explícita, e as pessoas me olham estranho quando uso a vaga de deficiente. Isso me entristece pq nem todo deficiente está não cadeira de rodas, mas eu sai dela

Muito complicado ser portador de deficiência, as pessoas perguntam aonde você tem deficiência? Nem da pra ver. Tem certeza que você é deficiente ou você acha que é. Minha deficiência é adquirida por causa de um acidente na infância, esmaguei a minha mão no engenho e fiquei sem os movimentos e os dedos ficaram atrofiados , mas com dificuldade consigo segurar a caneta pra escrever. Toda a minha infância eu era considerada aleijada , imprestável, as professoras mandavamos eu pegar direito o lápis, escreve mais rápido vou apagar o quadro , você nunca vai ser professora, hoje com 60 anos estou me formando em Licenciatura em Geografia este ano.

Fonte: Produção Própria

## APÊNDICE B - RECOMENDAÇÕES DE OBRAS AUDIOVISUAIS COM PROFISSIONAIS PCDS

A tabela apresentada abaixo tem como objetivo, divulgar produções audiovisuais que trazem personagens PcDs e autistas interpretadas e/ou escritas por pessoas que, de fato, possuem alguma deficiência, condição genética ou síndrome. Assim sendo, retratam histórias que, independentemente de serem reais ou fictícias, fogem da visão caricata e estigmatizada vista em tantas outras obras que não contam com um único profissional PcD em sua produção. Para além disso, o compilado abaixo busca demonstrar como é possível dar chances a profissionais com deficiência e conseguir um resultado de qualidade igual ou superior ao trabalho exercido por pessoas sem deficiência.

Tabela 1: Produções audiovisuais com PCDS no elenco

<b>FILMES</b>			
<b>PRODUÇÃO</b>	<b>ELENCO PCD</b>	<b>SOBRE A(S) PERSONAGEM(NS) PCDs</b>	<b>ONDE ENCONTRAR</b>
<i>37 Segundos</i> (2020)	Mey Kayama	Yuma Takada é uma jovem de 23 anos que tem paralisia cerebral e sonha em se livrar de suas amarras familiares e usar seus talentos para a ilustração e se tornar uma grande artista de mangás	<i>Netflix</i>

<p><i>Colegas</i> (2012)</p>	<p>Ariel Goldenberg, Rita Pokk e Breno Viola</p>	<p>Stallone (Ariel Goldberg), Aninha (Rita Pokk) e Márcio (Breno Viola) são três amigos que, inspirados pelo filme <i>Thelma e Louise</i> (1991), decidem fugir do instituto para pessoas com síndrome de down onde vivem. Após roubarem um carro, os três jovens decidem viver a aventura que sempre quiseram, mas nunca lhes foi permitida.</p>	<p>Disponível em DVD e <i>Blu-Ray</i></p>
<p><i>Fuja</i> (2020)</p>	<p>Kiera Allen</p>	<p>Chloe Sherman (Kiera Allen) é a protagonista, uma jovem cadeirante que sofre de inúmeras doenças. Ela é criada pela mãe, Diane Sherman (Sarah Paulson), e também é educada em casa, porém, aguarda uma carta de admissão para entrar em uma universidade. Apesar</p>	<p><i>Netflix</i></p>

		<p>de todo o drama vivido pela personagem, afinal, se trata de uma protagonista de um suspense/terror psicológico, Chloe é uma jovem forte e determinada, ela sabe o que quer e sabe como chegar lá sozinha, além disso, sua personalidade é muito bem definida, ela é divertida sem ser exagerada e sonhadora sem ser digna de pena ou solidariedade.</p>	
<b>DOCUMENTÁRIOS</b>			
<b>PRODUÇÃO</b>	<b>ELENCO PCD</b>	<b>HISTÓRIA</b>	<b>ONDE ENCONTRAR</b>
<p><i>Amor no Espectro</i> (2019)</p>	<p>Mark, Chloe, Kelvin, Maddi, Olivia, Mark, Andrew, Ruth, Thomas, Jimmy e</p>	<p>Esta série documental australiana acompanha um grupo de jovens autistas que discute e explora o universo do amor e de relacionamentos através de seus</p>	<p><i>Netflix</i></p>

	Sharnae	<p>pontos de vista.</p> <p>Com base em depoimentos deste grupo e também programa incentiva cada jovem ali presente a se aventurar em encontros amorosos. o programa também acompanha dois casais já formados que contam como funcionavam suas vidas amorosas antes de entrarem em um relacionamento sério de familiares e especialistas, o e como lidam com o mesmo estando dentro do espectro autista.</p>	
<i>A pessoa é para</i>	Maria das Neves,	<p>Três irmãs cegas contam suas histórias de vida desde a juventude, período que passaram cantando pelo Nordeste em troca de esmolas,</p>	<i>Youtube</i>

<p><i>o que nasce</i> (2002)</p>	<p>Regina Barbosa e Francisca da Conceição</p>	<p>passando por suas técnicas de sobrevivência e relações familiares, até os dias atuais, após suas vidas terem mudado radicalmente graças ao poder do cinema.</p>	
<p><i>Janela da alma</i> (2001)</p>	<p>Hermeto Paschoal, Evgen Bavcar, Arnaldo Godoy, Paulo Cesar Lopes e Marjut Rimminen</p>	<p>Como uma tentativa de descobrir se os diferentes níveis de visão ou cegueira influenciam a forma como cada pessoa interpreta o mundo a sua volta, a obra conta com 19 depoimentos de pessoas com diferentes graus de dificuldades de visão (desde miopia até cegueira total), que descrevem as formas como veem, sentem e percebem o mundo, trazendo revelações pessoais sobre vários aspectos literais e metafóricos relativos à visão e a forma</p>	<p><i>Youtube</i></p>



		<p>como a mesma pode moldar a personalidade de uma pessoa.</p>	
<p>Mulher Coragem</p>	<p>Renata Mara, Isete Najla, Selma Sueli, Caru, Thais Vaz, Lu Rufino e Adriana Buzelin</p>	<p>O projeto desenvolvido pela atriz Thais Vaz consiste em seis vídeos de entrevistas com mulheres artistas com deficiência, são elas: uma radialista autista, uma bailarina e professora de dança do ventre amputada, uma bailarina e coreógrafa com retinose pigmentar, uma atriz parcialmente cega, uma cantora com</p>	<p><i>Youtube</i></p>

		<p>paralisia parcial e uma atriz e porta bandeira cadeirante e uma artista plástica também cadeirante. As entrevistas abordam temáticas como: o capacitismo sofrido por mulheres PCDs dentro e fora do mundo da arte, a forma como muitas delas tiveram que se adaptar a novas vidas após terem adquirido deficiências, relacionamentos abusivos (já que algumas das participantes desenvolveram deficiências por conta da violência doméstica), a luta pelo fim da invisibilidade da mulher PCD e outros assuntos pertinentes na área. Por hora, os vídeos com as entrevistas</p>	
--	--	--	--

		<p>já estão disponíveis, mas o projeto segue em busca de patrocínio para a realização do documentário.</p>	
<p><i>Todos</i> (2016)</p>	<p>Felipe Mianes</p>	<p>Neste documentário o historiador Felipe Mianes, que possui baixa visão, é a figura central utilizada para discutir a acessibilidade no Brasil e no mundo e como a parcela da população formada por pessoas sem deficiência percebe ou não as carências que suas cidades apresentam neste âmbito. Através dos</p>	<p><i>Mowies</i> (disponível para aluguel e compra)</p>

		<p>depoimentos de Felipe e de entrevistas com PcDs e pessoas especializadas na área, a produção tenta fazer com que todo o público reflita sobre o tema, além de expor maneiras simples de garantir que todo cidadão e toda cidadã possa desfrutar do seu direito de ir e vir de maneira acessível.</p>	
<p><i>Todos com todos (2013)</i></p>	<p>Emanuel Gaya, Samuel Adyron, Guilherme Souza, Lucas Oliveira, Roberta Guioche</p>	<p>Desenvolvido pela Secretaria dos Direitos das Pessoas com Deficiência do Estado de São Paulo, este documentário procura refletir sobre a educação inclusiva no Brasil e quebrar o protótipo de inclusão de crianças e jovens PcDs nas escolas do ensino conhecido como regular, tudo</p>	<p><i>Youtube</i></p>

		<p>isso através de relatos e entrevistas com profissionais que pesquisam sobre o assunto, além de familiares e professoras de crianças PcDs.</p> <p>Nesta obra, a temática é narrada de forma a esclarecer a necessidade de respeitar e aprender a lidar com as características de cada criança e jovem, mais do que segregá-los usando suas deficiências como justificativa para encobrir falta de conhecimento e preparação sobre o tema. Entre as crianças apresentadas, há um garoto com paralisia cerebral, um com Síndrome de Down<sup>26</sup>, um com</p>	
--	--	---	--

---

<sup>26</sup> Embora a mesma seja definida como uma condição genética e não uma deficiência, a história de Samuel é contada neste documentário, uma vez que o mesmo também enfrenta consequências da falta de

		paralisia cerebral e baixa visão, um com deficiência visual e uma menina também com deficiência visual	
<b>SÉRIES</b>			
<b>PRODUÇÃO</b>	<b>ELENCO PCD</b>	<b>PERSONAGEM (NS)</b>	<b>ONDE ENCONTRAR</b>
<i>Breaking Bad</i> (2008 - 2013)	RJ Mitte	Walter " <i>Flynn</i> " White Jr (RJ Mitte) é um adolescente, filho do protagonista da série. Ele tem paralisia cerebral, o que lhe causa algumas dificuldades na fala e prejuízos em seu controle motor e, por isso, faz o uso de muletas. Apesar de não precisar de muletas na vida real, Mitte, de fato, tem paralisia cerebral leve. Flynn ama e idolatra seu pai durante grande parte da série, o	<i>Netflix</i>

acessibilidade, além de que, ainda há muitos estigmas a serem quebrados sobre esta condição, bem como a inclusão de crianças que a possuem, nas redes de ensino.

		<p>garoto é dedicado e decidido a ajudá-lo em tudo o que ele possa precisar, mas, apesar de afável e generoso com seu progenitor, Flynn não apresenta uma construção narrativa romantizada, infantilizada ou ingênua, ele sabe ter atitude e exigir respostas, sem contar que ainda é um adolescente e, portanto, tem atitudes rebeldes, imaturas e irresponsáveis como qualquer outra personagem da sua idade retratada na série.</p>	
--	--	--	--

<p><i>Sex Education</i> (2009 - )</p>	<p>George Robinson</p>	<p>Isaac (George Robinson) é um jovem cadeirante que perdeu os movimentos das pernas aos dez anos após cair de um muro enquanto brincava com seu irmão. Filhos de um casal de dependentes químicos que não tinham condições de criá-los, ainda mais depois do acidente de Isaac, os dois tiveram que sair de casa muito cedo. Por essa premissa, é possível ver uma preocupação em dar uma história para Isaac, ele não é apenas um cadeirante, ele tem uma família, um passado e uma história sólida e as dificuldades que sofreu enquanto crescia não se resumiam a sua</p>	<p><i>Netflix</i></p>
---	------------------------	---	-----------------------



		<p>deficiência.</p> <p>Introduzido na segunda temporada da série, Isaac é vizinho de Maeve (Emma Mackey), uma das protagonistas. É um adolescente divertido e sarcástico, porém, não é utilizado apenas como alívio cômico para a história, é um jovem com muitas nuances que vão surgindo ao longo da temporada e revelando que suas intenções podem ir muito além de ser o amigo bonzinho e engraçado. Apesar de se mostrar companheiro e solícito, ele não é privado de erros e atitudes questionáveis que, inclusive, mudam o curso da história, ou seja, não é nem</p>	
--	--	---	--

		<p>mocinho, nem vilão e, apesar de coadjuvante, tem certa relevância no desenvolvimento da narrativa.</p>	
		<p>JJ Dimeo é um jovem com paralisia cerebral que locomove-se em uma cadeira de rodas e precisa de certos cuidados por parte de sua família, entretanto, a construção da sua narrativa parte da intenção de tratar da paralisia cerebral de forma leve e bem</p>	

<p><i>Speechless</i> (2016 - 2019)</p>	<p>Micah Fowler</p>	<p>humorada, exaltando as qualidades do jovem e deixando claro que, apesar de algumas dependências, ele é capaz de ser auto-suficiente e viver uma vida plenamente feliz. Há certos momentos em que JJ sente-se deixado de lado em por sua família em discussões sobre suas necessidades e seu futuro, por exemplo e, então, vê-se como um peso para a mesma, nestes momentos o roteiro promove reflexões para o público, principalmente pessoas sem deficiência, a respeito de como elas podem, muitas vezes, ver as deficiências de uma maneira errônea e acabar criando suas</p>	<p>Disponível em DVD</p>
--	---------------------	---	--------------------------

		<p>próprias ideias e deduções sobre o quão limitadas ou frágeis as PcDs são, tomando assim, estas ideias como verdades, ao invés de incluir a própria PcD no diálogo como forma de entender a realidade como ela é e não de “criar” uma própria de acordo com seus próprios preconceitos e ignorância</p>	
<p><i>This close</i> (2018 - )</p>	<p>Joshua Feldman e Shoshannah Stern</p>	<p>Michael (Joshua Feldman) é um homem passando por problemas tanto em sua vida pessoal, como um recente término traumático, quanto em sua vida profissional, já que está sofrendo com um grande bloqueio criativo que o impede de escrever seu segundo livro.</p> <p>Já Kate (Shoshannah Stern)</p>	<p>Disponível em DVD</p>

		<p>é uma mulher divertida e dedicada, que trabalha como relações públicas em uma importante empresa, mas que não é valorizada ou levada a sério por sua chefe. Estas são as descrições das personagens vistas na sinopse oficial da produção. Elas descrevem as características e os acontecimentos mais relevantes sobre cada personagem que vão, também, guiar suas narrativas, porém, não citam a surdez que ambos os amigos possuem, isso porque, apesar de ser parte de quem são, esta condição não dita suas relações, dificuldades e alegrias. De início, essa omissão pode passar despercebida</p>	
--	--	--	--

		<p>ou parecer algo sem importância, porém, ela indica uma questão importante na construção de personagens PcDs. Constantemente, personagens com deficiências, além de interpretados, são, também, escritos por pessoas que não têm qualquer deficiência e é muito comum que logo na sinopse ou no texto de apresentação da personagem em questão, sua deficiência apareça em evidência e seja frequentemente abordada nos diálogos sobre esta pessoa, algo que, como apontado, não acontece aqui. Isso ocorre, possivelmente, porque, além de protagonizarem a história, Feldman e Stern são, também,</p>	
--	--	---	--

		<p>roteiristas, um diferencial positivo para a obra, pois a permite trazer histórias reais, escritas e contadas por pessoas reais, de uma forma muito mais humana e honesta do que até mesmo as outras obras desta seleção (por serem escritas por pessoas sem deficiências, apesar de seu elenco PcD) são capazes de fazer.</p>	
<i>Young Royals</i>	Frida Argento	<p>Sara (Frida Argento) é a irmã de Simon (Omar Rudberg), um dos protagonistas, a jovem, tímida e insegura, se sente frequentemente deslocada por estudar em uma escola com jovens da elite sueca, sendo ela de origem mais humilde. Sara comete erros e, por</p>	<i>Netflix</i>

		<p>vezes, tem comportamentos rudes, egoístas e até arrogantes, reflexos de suas tentativas de se encaixar no padrão de sua escola, já que não tem amigos além de seu irmão. Ela, apesar de acanhada e assustadiça, não é mostrada de uma forma infantilizada ou fragilizada, ela é uma adolescente que, sim, tem uma personalidade distinta dos outros adolescentes e parte deste comportamento se deve à dificuldade de socialização provocadas por sua Síndrome de Asperger e TDAH<sup>27</sup>, porém, tais condições são descritas de forma a deixar claras todas</p>	
--	--	---	--

---

<sup>27</sup> Transtorno de Déficit de atenção e hiperatividade, é um transtorno neurológico genético e geralmente permanente. Provoca, entre outros comportamentos, introversão, impulsividade, inquietação e desatenção.



		<p>as suas capacidades, sem resumi-la a sua condição e, principalmente, sem tirar seu direito de errar e ter atitudes questionáveis como é comum em sua idade, sem reduzi-la a um conjunto de limitações e ações que giram em torno de seus transtornos.</p>	
--	--	--	--

Fonte: Produção Própria